

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA  
E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS**

**ERINE ESTEVAM DE SANTANA**

**MEMÓRIAS DOS CURAÇAENSES SOBRE MÃE SÉRGIA:  
RELEVÂNCIA SOCIAL E CULTURAL PARA A CIDADE  
LOCALIZADA NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO**

**JUAZEIRO-BA**

**2021**



ERINE ESTEVAM DE SANTANA

MEMÓRIAS DOS CURAÇAENSES SOBRE MÃE SÉRGIA: RELEVÂNCIA  
SOCIAL E CULTURAL PARA A CIDADE LOCALIZADA NO SUBMÉDIO SÃO  
FRANCISCO

Dissertação de mestrado apresentada ao  
Departamento de Ciências Humanas,  
Campus III, Universidade do Estado da  
Bahia, para obtenção do grau de Mestre em  
Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de Pesquisa: Educação  
Contextualizada para a Convivência com o  
Semiárido.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gislene Moreira  
Gomes

JUAZEIRO-BA  
2021

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

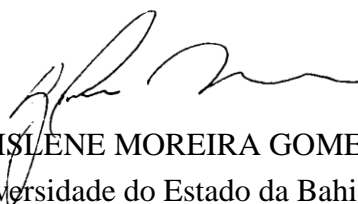
S232m	Santana, Erine Estevam de
para a	Memórias dos curaçaenses sobre Mãe Sérgia: relevância social e cultural cidade localizada no submédio São Francisco / Erine Estevam de Santana. Juazeiro-BA, 2021. 103 fls.: il.
Moreira.	Orientador(a): Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Gislene Moreira Gomes. Inclui Referências Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, Campus III. 2021.
Título.	1. Memória cultural – Curaçá. 2. Memória social – Curaçá. 3. Mulher Negra. 4. Interseccionalidade. 5. Patriarcado. 6. Curaçá – Bahia. I. Gomes, Gislene II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III.
	CDD: 981.42

## FOLHA DE APROVAÇÃO

### "MEMÓRIAS DOS CURAÇAENSES SOBRE MÃE SÉRGIA: RELEVÂNCIA SOCIAL ECULTURAL PARA A CIDADE LOCALIZADA NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO"

**ERINE ESTEVAM DE SANTANA**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, em 07 de maio de 2021, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professora Dr.<sup>a</sup> GISLENE MOREIRA GOMES  
(Orientadora) Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Doutorado em Investigación en Ciencias  
Sociales Faculdade Latino-Americana de  
Ciências Sociais



Professora Dr.<sup>a</sup> MÁRCIA GUENA DOS SANTOS (Examinadora  
Interna) Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Doutorado em Sociedade e Estado na América História da América  
Universidad Complutense de Madrid



Professora Dr.<sup>a</sup> IRACÉLLI DA CRUZ ALVES (Examinadora  
Externa) Instituto Federal da Bahia - IFBA  
Doutorado em História  
Universidade Federal Fluminense - UFF

ERINE ESTEVAM DE SANTANA

**MEMÓRIAS DOS CURAÇAENSES SOBRE MÃE SÉRGIA: RELEVÂNCIA  
SOCIAL E CULTURAL PARA A CIDADE LOCALIZADA NO SUBMÉDIO  
SÃO FRANCISCO**

Dissertação apresentada ao corpo  
ao Programa de Pós graduação em  
Educação, Cultura e Territórios  
Semiáridos do Departamento de  
Ciências Humanas, Universidade  
do Estado da Bahia, Campus III pra  
obtenção do grau de mestre  
aprovada em \_\_\_\_\_ de  
\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Linha de Pesquisa: Educação  
Contextualizada para a  
Convivência com o Semiárido.

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Gislene Moreira Gomes  
Universidade do Estado da Bahia/ UNEB (Orientadora)

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup>. Iracélli da Cruz Alves  
Instituto Federal da Bahia/ IFBA (Examinadora Externa)

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup>. Márcia Guena Santos  
Universidade do Estado da Bahia/UNEB (Examinadora Interna)

## AGRADECIMENTOS

Este momento, a finalização da escrita da dissertação é o mais esperado. Nesta fase não posso deixar de agradecer as pessoas que estiveram comigo desde o início sempre torcendo e vibrando, para que tudo ocorresse com sucesso. Estas pessoas que me acompanharam foram e são imprescindíveis na construção da pesquisa e na minha vida. Agradeço muito a Deus por colocar elas perto de mim, e por me sentir amada e privilegiada em conhecê-las.

Sou imensamente grata a meus pais por sempre me incentivarem a adquirir conhecimento, e por acreditarem em mim. As minhas tias e mãe que são minhas referências de mulheres, por estarem dispostas a me ajudar e me escutar. Minha tia Luciana Albuquerque, apesar de tudo, em 2020 super ajudou durante as entrevistas, se disponibilizou a colaborar com o manuseio da plataforma Zoom, já que eu não sabia nada sobre.

Sou super agradecida a minha irmã “gêmula” e grande amiga Érica Estevam que apesar da distância nos falamos cotidianamente e não mede esforços para me ver feliz. Durante as entrevistas colaborou com a transcrição, e isto agilizou e muito para que eu pudesse analisá-las com mais tranquilidade. Também agradeço a José Augusto, meu cunhado que sempre esteve disposto a discutir sobre a pesquisa, e sempre incentiva a leitura. Ainda, sou grata a Priscila Maria, minha cunhada, por se disponibilizar a fazer as correções deste trabalho, por incentivar a pesquisar e publicar. Sou muito feliz em ter como irmão e amigo Ênio Estevam que vibra com minhas conquistas, torce por minha felicidade e também fez a leitura desta dissertação.

Aos amigos que não posso deixar de mencionar, agradeço muitíssimo a Jorge Chastinet que também desde o início, desde a seleção do mestrado, leu o projeto e fez correções, e até hoje sempre está disposto a debater e sugerir para enriquecer a pesquisa e escrita. A Andréia Guimarães, grande amiga que sempre escuta minhas dúvidas e por ficar feliz com o meu ingresso no mestrado. Também a Luciano Nere que incentivou muito durante pesquisa, a elaboração do projeto, e sempre disse que eu daria conta. Jamais posso deixar de mencionar Thaynara Oliveira, Jussimara Oliveira e Agda Rios que me fizeram sentir acolhida quando cheguei no Vale do São Francisco.

Aos colegas de turma agradeço o compartilhar. A turma é maravilhosa. Em especial Vitor Carvalho e Elissandra Brito que durante esse período de pandemia, muitas vezes conversamos através do WhatszApp tornando os dias mais leves e tranquilos.

À companhia que é super, agradeço. Esta foi importante principalmente durante a escrita... minha cadela Cacau. Tão carinhosa e companheira que diversas vezes se fez de “tapete”, e acariciava meus pés para que eu pudesse me acalmar. Ahhhhh, Cacau quanto cuidado!

Gratíssima sou a minha orientadora Gislene Moreira por sempre se mostrar animada com a pesquisa e achar linda. Aos entrevistados, que sem eles seria impossível conhecer sobre uma mulher negra do Semiárido. Muitos, o primeiro contato ocorreu através do Whatszap e se animaram em serem sujeitos e sujeitas da pesquisa sobre Mãe Sérgia. Enriqueceram grandemente!

A Delaides Paixão que nem conheço, agradeço imensamente. Através dela conversei com curaçaenses que vivenciaram parte da infância com a parteira, e estas memórias afetivas foram relevantes para conhecer sobre ela. Também a prof. Pinzoh que me indicou pessoas que contribuíram de forma significativa nas entrevistas.

Grata, grata, grata, grata!!!!

## RESUMO

A pesquisa sobre memórias dos curaçaenses se iniciou na cidade de Curaçá, BA que fica localizada a 90 Km de Juazeiro, BA, na região do Submédio São Francisco. Ela se destaca por ser fundada por uma mulher, e também por ter tido uma parteira negra que atuou em 1930, 1940 e 1950 quando não havia serviços básicos disponíveis para os munícipes. Mãe Sérgia, além de parteira foi guardiã da Bandeira de São Benedito. *Na pesquisa Memórias dos Curaçaenses Sobre Mãe Sérgia: Relevância Cultural e Social Para a Cidade Localizada no Submédio São Francisco* foi entrevistado curaçaenses que tiveram relação com Maria Sérgia da Conceição (parteira) durante a infância, e ainda com professores que atuaram e atuam nas escolas de Curaçá, com o intuito de mapear estas memórias sobre ela, identificar a sua importância como parteira e, investigar o ensino sobre a curaçaense. A pesquisa possibilita à preservação da memória sobre uma mulher negra do Semiárido Brasileiro, contribuiu para preservar a memória e história local e dar visibilidade a Mãe Sérgia no âmbito acadêmico. Silva (2020) foi relevante para a construção da pesquisa sobre a parteira. A autora discute sobre a festa em que Mãe Sérgia é considerada a guardiã da Bandeira (Festa de São Benedito e Marujada), e, discute a festa popular como possibilidade de Educação Patrimonial. Além de Silva (2020), Lopes (2000) contribuiu de forma significativa para visualizar a história de Curaçá, a sua formação, e Torres (2012) foi relevante para refletir sobre as mulheres curaçenses. Também para a construção da pesquisa sobre o conceito de interseccionalidade, discutimos a partir de Lélia Gonzalez (1979) e Angela Davis (2000). Estas autoras contribuíram para refletirmos que é relevante o debate sobre mulheres negras nos âmbitos da academia e escolares para preservamos e valorizarmos histórias como a de Mãe Sérgia.

**Palavras-chave: Mulher Negra. Memória. Interseccionalidade. Patriarcado. Curaçá.**

## ABSTRACT

La investigación sobre la memoria de los Curaçenses se inició en la ciudad de Curaçá, BA, que se encuentra a 90 km de Juazeiro, BA, en la región del Submédio São Francisco. Destaca por ser fundada por una mujer, y también por tener una partera que trabajaba en 1930, 1940 y 1950 cuando los residentes no disponían de los servicios básicos. La Madre Serbia, además de partera, fue la guardiana de la Bandera de São Benedito. Por lo tanto, se entrevistó a personas de Curaçá que tuvieron una relación con Mãe Sérgia durante la infancia, así como a maestros que trabajaron y trabajan en las escuelas de Curaçá, con el fin de mapear estos recuerdos sobre ella, identificar su importancia como partera e investigar la docencia. sobre Curaçense. La investigación permite preservar la memoria de una mujer negra en el semiárido brasileño, contribuye a preservar la memoria y la historia local y a dar visibilidad a Mãe Sérgia en el ámbito académico. Silva (2020) fue relevante para la construcción de la investigación sobre la matrona. El autor analiza la fiesta en la que Mãe Sérgia es considerada la guardiana de la Bandera (Fiesta de São Benedito y Marujada), y discute la fiesta popular como posibilidad de Educación Patrimonial. Además de Silva (2020), Lopes (2000) contribuyó significativamente a visualizar la historia de Curaçá, su formación, y Torres (2012) fue relevante para reflexionar sobre las mujeres de Curaçá. También para la construcción de investigaciones sobre el concepto de interseccionalidad, discutimos de Lélia González (1978) y Angela Davis (2000). Estos autores contribuyeron a reflexionar que el debate sobre la mujer negra en el ámbito académico y escolar es relevante para preservar y valorar historias como la de Madre Sérgia.

**Palabras clave: mujer negra. Memoria. Interseccionalidad. Patriarcado. Curaçá.**

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Foto 1: Imagem de Mãe Sérgia exposta no Museu Auristela Torres**

**Foto 2: Entrada da Cidade de Curaçá**

**Foto 3: Localização e Divisa da Cidade de Curaçá**

**Foto 4: Igreja do Bom Jesus / Praça Feliciano**

**Foto 5: Museu Auristela Torres**

**Foto 6: Placa Travessa Mãe Sérgia**

**Foto 7: Teatro Raul Coelho**

**Foto 8: Capa do Jornal Asa Branca**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 INTERSECCIONALIDADE E MEMÓRIA</b>	<b>12</b>
<b>3 EM BUSCA DOS RASTROS SOBRE MÃE SÉRGIA: MUSEU, JORNAL E HISTÓRIA ORAL</b>	<b>19</b>
3.1 FOTOGRAFIA ENCONTRADA NO MUSEU: COMO TUDO COMEÇOU	19
3.2 ASA BRANCA: O JORNAL	21
3.3 HISTÓRIA ORAL: REFLEXÕES	23
<b>4 CURAÇÁ E MÃE SÉRGIA</b>	<b>26</b>
4.1 QUEM É CURAÇÁ?	26
<b>4.1.1 CURAÇÁ: PAUS TRANÇADOS OU CRUZ?</b>	<b>30</b>
<b>4.1.2 CURAÇÁ: SERTÃO OU SEMIÁRIDO?</b>	<b>33</b>
4.2 REGISTROS SOBRE MULHERES DO SEMIÁRIDO	34
4.3 O ATO DE PARTEJAR	41
4.4 MÃE SÉRGIA NOS ESCRITOS	49
4.5 MÃE SÉRGIA NO ASA BRANCA	51
<b>5 MEMÓRIAS CURAÇAENSES</b>	<b>57</b>
5.1 LEMBRANÇAS E VIVÊNCIAS	62
5.2 QUEM SE LEMBRA DA CHEGADA DA CASA DE PARTO EM CURAÇÁ?	69
5.3 E NAS ESCOLAS... MÃE SÉRGIA!	74
5.4 “PRETA, POBRE E TÃO COMUM COMO MÃE SÉRGIA”.	79
5.5 PRESERVAÇÃO: “XODÓ, AUTORIDADE, PARTEIRA OFICIAL DE CURAÇÁ E MUITO BOAAAA”!	87
5.6 “HÁ 67 ANOS MÃE SÉRGIA CONSEGUIU FAZER UM PARTO”.	90
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>97</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar as memórias sobre Mãe Sérgia surgiu a partir das visitas realizadas no Museu Auristela Torres e na Biblioteca Municipal na cidade de Curaçá, Bahia. Um fator que chamou muita atenção nestas visitas foi a exposição de uma foto de Mãe Sérgia com a descrição que ela era descendente direta de povos escravizados e que desenvolveu relevante atividade de parteira nas décadas de 1930, 1940 e 1950 em Curaçá (sede). Além disso, ela era responsável por guardar a Bandeira de São Benedito, co-padroeiro da cidade.

Vale ressaltar que desde esse tempo até os dias atuais, a procissão em homenagem ao santo sai da casa em que Sérgia Maria da Conceição (Mãe Sérgia) residiu, local onde os Marujos também ensaiam suas danças. Essa informação obtida no Museu Auristela Torres estimulou ainda mais a curiosidade sobre a história dessa ilustre curaçaense. Na oportunidade fui indicada pela funcionária da instituição para ir até a Biblioteca Municipal, onde foram encontrados exemplares do jornal *Asa Branca* dos anos 1980 a 1983 e também o Projeto Político Pedagógico do Projeto Mãe Sérgia.

Nos jornais a inquietude foi aguçada pelas reportagens sobre a curaçaense, mais precisamente a reivindicação por parte da população que a Casa de Parto tivesse o nome Mãe Sérgia, sendo constatado assim a relevância da mesma para os munícipes. Já no Projeto Político Pedagógico a inquietação foi por não haver informações sobre ela, apesar de ter tido seu nome.

Com a ida aos lugares de memória da cidade de Curaçá percebi que Mãe Sérgia foi relevante para o município, mas não vi sua história nestes espaços, sua biografia enquanto parteira. Assim, devido ausência desta informação nestes locais decidi entrevistar os curaçaenses para verificar as memórias sobre ela e sua importância para os munícipes. A partir disto, o projeto *Memórias dos Curaçaenses Sobre Mãe Sérgia: Relevância Social e Cultural na Cidade do Submédio São Francisco* foi elaborado.

Vislumbrei desse modo, a possibilidade de escutar e conhecer experiências, lembranças únicas e singulares sobre a parteira Mãe Sérgia. Sendo a questão da pesquisa do presente estudo: Quais são as memórias que os curaçaenses tem sobre Mãe Sérgia e a importância dela para eles?

A relevância do projeto se justifica devido às memórias sobre ela servir de aporte para o ensino nas escolas de Curaçá. É possível com estas informações conhecer mais sobre ela enquanto parteira e sua importância para a cidade no século XX. Também, dar visibilidade a

Mãe SÉrgia na comunidade acadêmica é imprescindível, pois corrobora para valorizar a história de uma mulher negra do Semiárido e ainda preservar a memória e história local.

Quanto a estrutura da dissertação, nos dois primeiros capítulos da pesquisa que apresentamos a introdução e foi feita a reflexão sobre interseccionalidade, a importância da implementação da Lei N:10.639/2003 e racismo. Detalhamos como foi desenvolvida a metodologia da pesquisa através das visitas ao Museu, das análises de jornais e também foram feitas reflexões sobre História Oral que foi significativa para a pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta a História de Curaçá e para isso é tido como referência o livro *Caminhos de Curaçá* (Lopes, 2000) e também trago referências sobre mulheres do Semiárido, a exemplo de “*É um Romance Minha Vida*” a *Trajetória de D. Farailda - Uma Casamenteira no Sertão Baiano - Gênero, Memória e Construção de Si (1929-2014)*, tese de Vasconcelos (2014). Outra referência bibliográfica que colaborou com este capítulo foi a pesquisa *Herdeiras de Feliciano: Perfis de Mulheres de Curaçá* (Torres, 2012), e *Nordestino: A Invenção do “Falo” - Uma História do Gênero Masculino (1920-1940)*, Albuquerque Júnior (2013) que contribui para pensar sobre a importância de pesquisas que abordem as mulheres do Semiárido como protagonistas.

No quarto capítulo é tratado o conceito de memória embasado em Bosi (1994), Halbwachs (1968) e Pollack (1989) Trago as memórias sobre Mãe SÉrgia por meio das lembranças citadas pelos entrevistados. Visto que há recordações que só estes possuem, contribuindo para a preservação destas e da história local.

E no quinto capítulo é discutido sobre a importância da preservação da memória. Isto, para refletir sobre a relevância deste exercício para que outras gerações conheçam e valorizem a história de uma curaçaense e do município localizado no Semiárido da Bahia.

## 2 INTERSECCIONALIDADE E MEMÓRIA.

Em 2018 ao participar do *II Encontro Baiano da Educação do Campo: Ataque do Conservadorismo e Experiências Contra Hegemônicas* elaborei um artigo que foi publicado em anais. Fiz a reflexão tendo como possibilidade em discutir na sala de aula Maria Sérgio da Conceição (Mãe Sérgio) para implementação da Lei N: 10.639/2003, que obriga o ensino da História e Cultura Afro Brasileira e Africana no de ensino fundamental e médio, em estabelecimentos público e privado, para combater o racismo<sup>1</sup>.

Foi refletido sobre a relevância de Mãe Sérgio para os munícipes e a cidade de Curaçá, uma vez que a mesma foi descendente de negros escravizados e foi parteira. Lopes (2000) menciona que de 1930 a 1950 em Curaçá não havia serviços básicos, sendo assim, muitos curaçaenses que não tinham alto poder aquisitivo recorriam à parteira Mãe Sérgio para realizar o parto. Assim, no artigo publicado menciono que é significativo discutir com os estudantes sobre a curaçaense mencionada, pois coopera para o cumprimento da Lei 10.639/2003, já que a mesma foi relevante nos âmbitos social, e cultural da cidade.

Para a pesquisa *Memórias dos Curaçaenses Sobre Mãe Sérgio: Relevância Social e Cultural na Cidade Localizada no Submédio São Francisco* foi escolhida a categoria interseccionalidade devido na pesquisa exploratória os entrevistados se referirem à Mãe Sérgio como mulher, negra e pobre. Hirata (2014) discute sobre este conceito que integra indissociavelmente sexo, raça e classe.

De acordo com a autora apesar do termo interseccionalidade ser utilizado para designar a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe pela jurista afro-americana Kimberlé W. Creshaw em 1989, a expressão teve origem com o movimento Black Feminism, em que criticava radicalmente o feminismo branco, de classe média e heteronormativo. E a autora afirma que Creshaw evidenciava a intersecção de raça e gênero, contudo de forma parcial ou periférica classe e sexualidade.

Para Hirata (2014), Danièle Kergoat aponta críticas fundamentais à expressão interseccionalidade por não abranger em sua totalidade a dinâmica de sexo, raça e classe. Além disso, quando se discute sobre interseccionalidade, é colocado mais em evidência a questão gênero e raça do que classe social. A partir disso, devo frisar que na pesquisa

---

<sup>1</sup> O título do trabalho é Quem foi e é Mãe Sérgio para Curaçá? O evento ocorreu em 2018 eu estava matriculada como aluna especial no Programa de Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, na Universidade da Bahia (UNEB), campus III, e fazia parte do grupo de estudo- Estudo dos Modos Contemporâneos de Existência em Educação, Cultura, Sustentabilidade e Subjetividade.

*Memórias dos Curaçenses Sobre Mãe Sérgia: Relevância Social e Cultural Para Uma Cidade Localizada no Submédio São Francisco* é destacado o aspecto do gênero, uma vez que a sua contribuição foi relevante enquanto parteira para a cidade localizada no Semiárido baiano, em uma época que não havia serviços básicos em Curaçá, e estas lembranças não foram visualizadas nos espaços de memória. Assim desejou-se conhecer e escutar as memórias sobre o seu ato de partejar.

“A interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e, portanto como um instrumento de luta política”. (Hirata, 2014, p. 69). Nesse sentido é importante ressaltar que nos relatos dos curaçenses é perceptível que a negação em relação à exigência da casa de parto, foi devido Mãe Sérgia ser mulher negra e pobre. Assim, a pesquisa colabora para refletir como os aspectos raça, sexo e classe estão imbricados, e como isto se reverberou no cotidiano da população curaçense.

A solicitação da Casa de Parto para Curaçá ocorreu em 1980, e era exigido que a instituição houvesse o nome da parteira Mãe Sérgia. Nos relatos os curaçenses citaram que a reivindicação não foi aceita e ainda foi posto o nome de um médico, branco e classe alta. Contribuindo nesse sentido para refletir sobre o conceito de interseccionalidade.

Este capítulo é mais dedicado à discussão sobre racismo, já que no decorrer da dissertação é dado mais ênfase ao patriarcado. Almeida (2018) cita que apesar do racismo, discriminação e preconceito racial terem relação, os mesmos se diferem. Assim, é explicitado pelo autor que o preconceito se baseia em estereótipos, como exemplo, caracterizar os negros como violentos, judeus avarentos. A discriminação tem como base o tratamento diferenciado, tendo poder e força como requisitos para atribuir vantagens /desvantagens, e leva em consideração a raça. O racismo segundo o autor é caracterizado através das condições de subalternidade e de privilégio entre grupos raciais que se replica na política, economia e relações cotidianas.

Dessa forma, a partir dos conceitos explicitados por Almeida (2018) e nos relatos apresentados pelos curaçenses, foi identificado que a reivindicação feita por parte da população curaçense não foi aceita devido racismo dos representantes da população curaçense no período de 1980. É importante refletir sobre racismo, já que, é dividido em individual, institucional e estrutural.

Na concepção individual Almeida (2018, p.28) destaca que “é uma espécie de patologia, um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo”. O racismo

institucional é citado pelo autor que ocorre através de parâmetros discriminatórios objetivando manter a hegemonia do grupo racial no poder. A partir disto, o autor exemplifica as instituições públicas como o legislativo, judiciário, reitorias de universidades públicas que estão compostas por homens brancos. Ainda como exemplo o autor cita empresas privadas que dificultam de forma direta ou indireta a ascensão de negros e mulheres, e que não haja espaço para discutir sobre desigualdade racial e de gênero, resultando desta maneira a naturalização do domínio de homens brancos em determinadas funções.

A pesquisa sobre as memórias dos curaçenses é relevante para discutir e dar visibilidade a uma mulher negra do Semiárido na comunidade acadêmica, e também por investigar de que maneira Mãe Sérgia é abordada pelos professores que lecionam na escola municipal e estadual em Curaçá. A partir da explicação sobre o conceito de racismo institucional dado por Almeida (2018), contribuiu para alguns questionamentos em relação também ao ensino sobre os negros na Universidade do Estado da Bahia, campus III, localizado em Juazeiro, BA, mais especificamente o curso de Jornalismo em Multimeios-Bacharelado.

Na grade curricular do curso citado, anterior a 2016 não havia componente que discutisse a cultura afro brasileira e indígena. Assim é possível questionar em quais momentos era discutido sobre esta temática no curso mencionado? Trago a reflexão sobre este curso por ter realizado o tirocínio em 2019 numa turma do sexto semestre que não teve oportunidade de cursar a disciplina Cultura Afro Brasileira e Indígena.

A professora que acompanhou meu estágio no componente Comunicação e Cultura me solicitou que na unidade debatêssemos meu TCC da especialização em que apresentei sobre o Memorial das Baianas do Acarajé, localizado em Salvador, Ba como possibilidade para implementar a Lei N: 10.639/2003<sup>2</sup>.

No tirocínio tive oportunidade em discutir com os estudantes sobre a relevância das Baianas do Acarajé para a formação da sociedade, economia e cultura da Bahia. Foram apresentados documentários sobre o acarajé e sobre as Baianas, e levei fotografias do Memorial que fica localizado em Salvador. Discutimos sobre patrimônio e sobre a Lei N° 10.639/2003, e, já no findar da unidade foi organizada juntamente com a turma uma Mesa

---

<sup>2</sup> Concluí a especialização em 2016 na Universidade do Estado da Bahia, Campus II, Alagoinhas. Especialização em Estudos Africanos e Representações Sobre África no Brasil. Meu TCC como título Memorial da Baiana do Acarajé: Ferramenta Didática Para Implementação da Lei N:10639/2003. Discuti sobre a relevância das Baianas do Acarajé para a formação da sociedade, para a cultura e economia. Também discuti o Memorial das Baianas do Acarajé como ferramenta didática para implementação da Lei N: 10.639/2003.

Redonda em que teve a participação de Baianas do Acarajé de Juazeiro para discutir sobre direitos e patrimônios<sup>3</sup>.

Anterior ao tirocínio também houve momentos de discussão sobre a temática. Em 2018 participei de um curso de extensão sobre Língua Yorubá que foi lecionado por um estudante da mesma instituição que veio do Benin. Foi aberto à comunidade.

No curso de Jornalismo um professor realizou pesquisa de iniciação científica em 2010 sobre festas populares da cultura afro brasileira na região do Vale do São Francisco. Pesquisou sobre a Festa da Marujada que ocorre em Curaçá, BA e os Congos em Juazeiro, BA. E, ainda há no mesmo campus há pesquisas sobre comunidades quilombolas de Juazeiro desde o ano de 2010.

É necessário citar esses momentos que ocorreram e ocorrem na Universidade para afirmar que compreendo e concordo sobre o racismo institucional definido por Almeida (2018), e que é mais que necessário e urgente que no curso citado houvesse vigência de uma disciplina específica com a temática Cultura Afro Brasileira e Indígena. Mas, ressalto que as ações e pesquisas anteriores à disciplina não podem ser desconsideradas. Inclusive, é possível que as ações e estudos sobre as festas populares e comunidades quilombolas contribuíssem e contribuam de forma significativa para construção do componente curricular.

Desse modo, é válido pensar a respeito das escolas municipal e estadual de Curaçá, BA. Os professores entrevistados para a pesquisa *Memórias dos Curaçaenses Sobre Mãe Sérgia: Relevância Social e Cultural Para a Cidade Localizada no Submédio São Francisco* atuam em instituições diferentes, e não tive acesso ao Projeto Político Pedagógico devido a pandemia. Logo não foi possível afirmar se no documento há ou não inserida a Lei N: 10.639/2003. Por isso os professores quando questionados sobre o ensino, em relação a curaçaense optei por deixá-los responder de forma mais “livre”.

Nas entrevistas os professores não citaram se a lei consta ou não no Projeto Político Pedagógico, contudo é relevante afirmar que é necessário que seja incluída para obrigar o profissional a realizar essas discussões e combater também o racismo institucional. Ressalto que as iniciativas e discussões dos professores nas turmas de ensino fundamental e médio sobre Mãe Sérgia não são feitas de forma folclorizada, já que, os mesmos tiveram relação de forma direta e indireta com a parteira e possuem qualificação.

---

<sup>3</sup> A Mesa Redonda ocorreu em 10 de Dezembro de 2019 e teve como título Memórias das Ganhadeiras em Juazeiro- BA.

Uma das entrevistadas que ensina na rede municipal e estadual em Curaçá pesquisou sobre a festa popular que ocorre na cidade e que é de origem afro brasileira, a procissão de São Benedito e Festa da Marujada. Por isso reafirmo que a prática em sala de aula desta professora não é de forma folclorizada.

É válido ressaltar que a análise dos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições escolares do município de Curaçá, e a implementação da Lei N: 10639/2003 é uma possibilidade em dar continuidade à pesquisa, pois concordo que:

(...) as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Disto de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2018, p.36)

São necessárias vigências de disciplinas em nível superior e implementação da lei que obriga o ensino sobre a cultura afro brasileira nas instituições de nível básico, para combater o racismo. É fundamental discutir e refletir sobre quais memórias sobre nós negros, e histórias que são propagadas nos estabelecimentos públicos e privados.

Em concordância com Almeida (2018) acho relevante mencionar a pesquisa de Silva (2017) para refletirmos sobre racismo estrutural e institucional. A autora (2017) investigou cinco museus na cidade de Salvador e analisa nas exposições duradouras sobre a representação das mulheres negras nestes espaços. Foi identificado por ela ausências das mulheres negras nos locais, e as narrativas construídas pelas instituições sobre elas as colocam de forma subalternizada. A autora questiona “qual sociedade se desenvolveu com este deleite?” (SILVA, 2017, p 192).

Silva (2017) reflete sobre o lugar dos objetos, a carga semântica posta em torno do repertório apresentado. Para ela o corpo das mulheres negras é exposto de forma alegórico, o que se torna espetáculo. A autora chama atenção para que os profissionais da área reflitam sobre a inexistência das mulheres negras nos lugares de memórias e que debatam sobre as narrativas que são apresentadas, e, possibilitem através das exposições a desconstrução da mulher negra como subalterna. Como é afirmado:

Onde estarão as narrativas das mulheres negras, se nesses espaços de memórias, essa ausência é uma constante? Quem assegura o direito da perpetuação das memórias dessas mulheres e às futuras gerações de meninas e jovens negras? E as gerações de negras anteriores às mesmas? Suas histórias, suas conquistas, suas contribuições sociais para o cenário político, econômico e cultural do país, quem preserva? (SILVA, 2017 p. 194)

Essas indagações são significativas para refletir sobre a maneira que Mãe Sérgia é apresentada no Museu Auristela Torres em Curaçá, BA. Na instituição da cidade é

apresentada uma foto e um texto informando que a mesma era descendente de escravos, foi parteira de 1930 a 1950 no município e guardiã da Bandeira de São Benedito. Na instituição citada não há mais detalhes sobre seu ato de partejar, o que me impulsionou a pesquisar as memórias dos curaçaenses que tiveram contato de forma direta ou indireta com a parteira.

Sobre a informação descendente de escravos devo refletir sobre racismo estrutural:

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda sociedade (ALMEIDA, 2018, p.37)

Dessa forma pode-se afirmar que a expressão descendente de escravos é uma prática racista, e se perpetua como uma prática tida como “normal”. O termo ideal e adequado não é descendente de escravos, e sim descendente de povos escravizados, já que, a expressão descendente está relacionada a povos e etnias. Assim nesta escrita sobre Mãe Sérgia, no decorrer do texto o termo escolhido foi descendente de povos escravizados.

Reafirmo que para de combater o racismo é relevante e urgente que nas instituições seja discutido sobre racismo, por contribuir para abandonar expressões que são ditas de forma natural. Por isso, é necessário que a Lei N: 10639/2003 seja inserida nas escolas de nível médio e fundamental.

Oliveira e Candau (2010) mencionam que a lei foi regulamentada em 2004 e frisa que esta demanda é da comunidade afro brasileira que reivindica por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos no campo educacional, e, ainda é considerada estratégia para valorizar a diversidade. Também os autores afirmam que a lei contribui para a superação do etnocentrismo, das perspectivas eurocêntricas de interpretação da sociedade brasileira, e corrobora para desconstrução de mentalidades e visões sobre a História da África e dos Afro Brasileiros.

Nesta perspectiva afirmada por Oliveira e Candau (2010) a pesquisa a respeito de Mãe Sérgia, mulher negra, descendente de povos escravizados se encaixa por destacar a sua relevância enquanto parteira. Sendo assim, reconhece sua contribuição para uma cidade do Semiárido Baiano, colabora para desconstrução mentalidades e visão em relação as Histórias da África e dos Afro Brasileiros, e, ainda discutir sobre gênero.

É citado que “(...) as disputas em torno da Lei 10.639/ 2003 no campo educacional além de apresentarem caráter epistemológico e político, também se caracterizam como um “projeto de existência e de vida””. (OLIVEIRA E CANDAU, 2010, p 38). Nesse sentido, discutir sobre Mãe Sérgia na educação de nível básico e nível superior cooperam de forma significativa para assegurar o direito de continuidade e propagação destas memórias, pois

como afirmam os autores é “projeto de existência e de vida”. Com esta pesquisa acredita-se que é mais uma possibilidade em discutir e refletir sobre as desigualdades raciais e desigualdades de gênero, o racismo e sexismo que é estrutural em nosso país.

### 3 EM BUSCA DOS RASTROS SOBRE MÃE SÉRGIA: MUSEU, JORNAL E HISTÓRIA ORAL

#### 3.1 FOTOGRAFIA ENCONTRADA NO MUSEU: COMO TUDO COMEÇOU

A fotografia (Foto 1) exposta no museu foi o ponto de partida para levantar questões sobre a parteira, uma vez que, no trajeto da minha vida acadêmica as pesquisas realizadas foram no campo da História das Mulheres. Na graduação pesquisei sobre Representações do Movimento Feminino pela Anistia em Salvador no Jornal A Tarde e Tribuna da Bahia e na especialização o trabalho de conclusão de curso foi sobre o Memorial da Baiana do Acarajé, uma proposta que contribui para implementação da Lei 10.639/2003 no ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas e privadas.

**Foto 1: Imagem de Mãe Sérgia exposta no Museu Auristela Torres**



Fonte: Erine Santana, 2018

Devido vivências, leituras e experiências na graduação e especialização, com o olhar atento a esta temática, História das Mulheres, durante a visita no Museu Auristela Torres, foi pensado em quais locais da cidade poderia ter acesso a mais informação sobre Mãe Sérgia enquanto parteira.

A fotografia foi relevante neste processo de busca por fontes e por locais que abordassem mais sobre Mãe Sérgia. Ramos (2004, p.42) menciona que: “a fotografia tem um inesgotável poder para percepção da trama entre o espaço e o tempo [...]”. Nesse interim, a partir da ilustração foi construída a pesquisa, refletindo sobre a relevância que Mãe Sérgia teve e tem para os curaçaenses.

Vale destacar que sobre museus, Ramos (2004) afirma que nessas instituições são apresentados processos comunicativos estabelecidos através da seleção de peças organizadas na forma de exposições. A fotografia de Mãe Sérgia está exposta numa sala onde há outras fotos, como o retrato de Dona Feliciano fundadora da cidade de Curaçá e também no mesmo ambiente há reportagens sobre padres que contribuíram para a história do município.

De acordo com Ramos (2004) ir ao espaço museológico provoca questionamentos, no sentido de estimular a percepção para os objetos que estão compondo a exposição. Ainda, o museu é lugar de produção do saber, o que possibilita indagações ao que é apresentado e comunicado. Meneses (2002) afirma que o museu há múltiplas funções e usos. E uma de suas finalidades é o deleite afetivo, ou seja, relações de subjetividade que é estabelecido entre o indivíduo e as coisas. Além disso, a ida ao museu é por busca de informação para educação e formação. Assim, a ida ao museu possibilitou reflexões sobre a história de Mãe Sérgia e principalmente o desejo de investigar quem era a parteira negra.

Meneses (2002, p.19) complementa que o museu é “lugar de devaneio, de sonhos que são funções psíquicas extremamente importantes para prover equilíbrio, liberar tensões, assumir conflitos, desenvolver capacidade crítica [...]”. Nesse sentido, devido as minhas vivências na trajetória acadêmica, a ida ao espaço museológico de Curaçá foi com o intuito de conhecer o museu que possui o nome de uma mulher. E a figura de Mãe Sérgia foi a que mais me fascinou devido a mesma ter sido descendente de negros escravizados e ser mantido o ritual da saída da procissão de São Benedito de sua casa, até os dias atuais.

Sendo assim, vislumbro que a pesquisa sobre a história de uma mulher negra, parteira, descendente de povos escravizados e sertaneja corrobora para ser valorizada também no âmbito acadêmico. Saliento, que Gonçalves (2006) menciona: “Com as fontes, multiplicam-se as interpretações e os temas abordados dos quais são exemplos, as expressões culturais, modos de vida, relações pessoais, redes familiares, étnica e de amizade entre mulheres [...]”.

Por isso, fez-se necessário a investigação de outros documentos que abordassem a vida da parteira para conhecer mais profundamente a sua história, conforme apresentado a seguir.

### 3.2 ASA BRANCA: O JORNAL

Parte dos exemplares do Jornal Asa Branca foi encontrado na Biblioteca Municipal de Curaçá, onde surgiu o desejo de buscar o periódico completo para analisar reportagens que abordassem sobre Mãe Sérgia. Luca (2010) cita que um dos problemas para obter longas séries completas é que muitas vezes não estão organizados, sendo preciso o pesquisador ir a várias instituições para ter acesso ao periódico completo. Para isso, foi feito o contato com um dos integrantes do impresso para fotografar as reportagens sobre a parteira.

Também na Biblioteca do município, encontrei o livro *História da Imprensa de Curaçá* (BIM FERNANDES, 2008) que aborda sobre o Jornal Asa Branca. Este relato foi importante para a pesquisa, pois cita quem fazia parte do grupo editor, o posicionamento político das pessoas que integrava a equipe, as reportagens que eram escritas, o responsável pela criação da capa e o objetivo do jornal. Luca (2010) menciona caminhos para a análise desta fonte e trata sobre sua importância para as pesquisas, enfatizando que é relevante se atentar as intenções do grupo editor.

A autora (2010) ainda sugere como deve ser feita a análise do jornal. Para ela não existe “receita pronta”, mas, é de grande relevância contextualizar o impresso. Lapuente (2015) cita que na produção de um periódico estão envolvidos interesses que podem ser convergentes e conflitantes. Assim, vale salientar que o jornal esteve ativo no período da Ditadura Militar e Bim Fernandes (2008) menciona que o impresso objetivava denunciar o que ocorria na cidade.

Luca (2010) relata que o pesquisador precisa se atentar para a periodicidade do impresso, impressão, papel, se há iconografia e publicidade. Lapuente (2015) afirma que o historiador deve notar os elementos objetivos e subjetivos de quem produz o fato jornalístico, e também ao interesse jornal.

No livro *História da Imprensa de Curaçá* (BIM FERNANDES, 2008) é citado que o Jornal Asa Branca foi o primeiro impresso opositor da cidade, era visto como jornal comunista e sua impressão ocorria na Diocese de Juazeiro, em mimeógrafo a óleo, com a permissão do bispo D. José Rodrigues. O objetivo do impresso era organizar as informações para melhorar o entendimento político das pessoas e denunciar os problemas da cidade de

Curaçá. Segundo Bim Fernandes (2008), o impresso denunciou falta de assistência do poder público na estrada em São Bento e na região do Riacho do Jaquinicó.

Luca (2010) indica que seja feita análise da organização interna do conteúdo. E, Bim Fernandes (2008) afirma que boa parte das capas foram feitas pelo artista de Juazeiro, Antônio Coelho de Assis, conhecido como Coelhão. Na capa já indicava o tema abordado no editorial e a temática se localizava na página dois. Denunciaram sobre a seca, a ineficiência do Governo Federal sobre esta questão. Os curaçaenses participavam na seção publicação de artigos, mas a maior parte enviavam apenas cartas e poesias.

Lapunte (2015) menciona que fatores externos podem influenciar na escrita de um periódico, a exemplo de censura política, censura de guerra e crise econômica. A partir desta afirmação, vale destacar que o Jornal Asa Branca se manteve funcionando de 1980 a 1983 onde o Brasil estava no período da Ditadura Militar. A imprensa no país sofria com repressão, sendo possível refletir sobre a reivindicação da Casa de Parto para o município, a recepção desta exigência por parte dos políticos.

Vale frisar que ao ter contato com os exemplares do jornal Asa Branca na Biblioteca, foi feita a pesquisa exploratória para conhecer sobre a cidade Curaçá, ouvir sobre a Festa de São Benedito, Marujada e sobre Mãe Sérgia. Foi encontrado o livro do sociólogo Lopes (2000), *Caminhos de Curaçá*, onde é mencionado relatos sobre a parteira, porém não de maneira aprofundada sobre a vida da curaçaense, sobre seu exercício enquanto parteira. É frisado a sua relevância em uma época que não havia serviços básicos para a população.

Uma das pessoas que colaborou na pesquisa exploratória foi indicada pelo grupo de pesquisa Estudo dos Modos Contemporâneos de Existência em Educação, Cultura, Sustentabilidade e Subjetividade (ECUSS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ainda, foi recomendado a leitura da monografia *Herdeiras de Feliciano: Perfil de Mulheres de Curaçá* (Torres, 2012), em que é citada sobre a parteira rapidamente.

Ressalto que a análise dos exemplares do Jornal Asa Branca, possibilitou refletir sobre problemas vividos pelos curaçaenses e destaques noticiados pelo jornal. Contudo, houve a necessidade em recorrer à técnica da História Oral para conhecer mais profundamente sobre Mãe Sérgia, ou seja, como parteira, tendo em vista a notória importância da curaçaense para o município. Assim, com base nessas memórias colaborar para preservação da história local. Desse modo, a seguir será discutido sobre a relevância da História Oral e suas possibilidades.

### 3.3 HISTÓRIA ORAL: REFLEXÕES

A pesquisa sobre memórias dos curaçaenses é qualitativa. Pires (2008, p.155) afirma que neste procedimento qualitativo “a arte do pesquisador consiste, assim, em saber tirar partido dos seus dados, isto é, em construir satisfatoriamente seu problema e sua análise, a partir dos dados que dispõe”. Desiauriers e Kérist (2008) menciona que a demarcação da pesquisa se desenvolve de acordo com os limites, possibilidades e objetivos da mesma. Assim, o interesse em pesquisar sobre Mãe Sérgia ocorreu devido à ausência de sua história como parteira nos lugares de memória.

A História Oral, como afirma Amado e Ferreira (2006), possibilita esclarecer trajetórias individuais, a exemplo de mulheres e crianças. De acordo com as autoras esta fonte se baseia na subjetividade, nas emoções e no cotidiano. Por isso, é relevante entrevistar curaçaenses que tiveram contato com Mãe Sérgia, para conhecer e preservar a sua história enquanto parteira.

Para Portelli (2010) a História Oral é solicitada porque há uma relação intensa entre a oralidade e democracia. Segundo o autor, os meios de comunicação excluem parte da humanidade e nas fontes orais são encontradas formas específicas de comunicar os excluídos e marginalizados tanto pela mídia quanto pelo discurso público. Sendo dessa forma, importante questionar aos curaçaenses as memórias que possuem sobre Mãe Sérgia e sua importância para o município.

Para o autor (2010), com a História Oral, as vozes invisibilizadas são levadas aos espaços públicos. Assim, as memórias sobre Mãe Sérgia também levadas ao âmbito acadêmico corrobora para valorização e preservação.

Portelli (2010, p.3) afirma que os entrevistados não são objetos de investigação, mas “sujeitos de um projeto compartilhado, de um diálogo entre entrevistador e entrevistado [...] e, que nem sempre é o historiador que faz perguntas, algumas são colocadas pelo entrevistado”. Para o autor, existem duas agendas durante as entrevistas, uma a do historiador, sobre o que querem saber, e outra a dos sujeitos do projeto, que aproveitam o momento para contar histórias. Dessa forma, estas histórias contribuem de forma significativa para enriquecer o diálogo entre o entrevistador e os sujeitos do projeto.

De acordo com Portelli (2010) durante as entrevistas, o historiador está ali para escutá-los e não para extrair informação. Thompson (1992) menciona que o entrevistador deve ter interesse e respeito pelos outros, ser flexível nas reações em relação a eles, ter compreensão

com a opinião dos entrevistados. Por isso, para esta pesquisa, os detalhes expostos pelos entrevistados são considerados relevantes para compreender a história de Mãe SÉrgia.

Thompson (1992) norteia como preparar para as entrevistas e agir durante o diálogo. Uma das primeiras instruções dadas é sobre a preparação de informações básicas sobre o tema, que através de entrevistas exploratórias, mapeia o campo e colhe informações.

Ainda, menciona que quanto mais se sabe, é provável que tenha informações históricas importantes, a exemplo, inicialmente partir de jornais, sobre decisão política ordem de greve e perceber a partir da fala dos entrevistados sobre o acontecimento, se houve participação ou não, de que forma foi o envolvimento. Destarte, nesta pesquisa os curaçaenses tiveram oportunidade em mencionar sobre a reivindicação da Casa de Parto para o município, possibilitando reflexão sobre o envolvimento e conhecimento sobre o ocorrido.

Thompson (1992) afirma que o principal objetivo das entrevistas não é busca de informação, mas realizar um registro subjetivo. Como o entrevistado fala a respeito dele, o que dá destaque, o que não é enfatizado e as palavras escolhidas são muito importantes para a compreensão das entrevistas. Por isso, para a pesquisa foi relevante ater-se as expressões utilizadas pelos entrevistados, a exemplo, naquele tempo, naquela época, que de acordo Gondon (2001) as experiências vividas se refletem na maneira como se fala do tempo. Portanto, os curaçaenses expressam emoções, sentimentos e afetos em relação à parteira.

Sobre as perguntas durante a entrevista Thompson (1992) orienta que para começar é necessário estabelecer um contexto social, explicar o objetivo e lançar uma questão inicial. Fazer perguntas simples e diretas, nunca em duplo sentido, evitar frase que tenha uma resposta definida e elabora previamente as questões de maneira que demonstre segurança.

Por isso, a primeira questão feita foi o que sabem sobre Mãe SÉrgia, o que conhecem a respeito dela. Esse questionamento foi inicial com o intuito dos entrevistados falarem do que lembravam, as suas memórias. Outra questão que feita, foi a percepção que tem sobre a curaçaense para cidade, resultando em emoções expostas e percebendo o significado de Mãe SÉrgia nas falas.

Amado (1997, p. 146) discute sobre a ética e História Oral. Chama atenção que o historiador tem grande responsabilidade e compromisso com o entrevistado “[...] tudo que escrever e falar não trará luz apenas sobre pessoas e personagens históricos [...], mas trará consequências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais”. Nesse interim, a escrita deste trabalho, a imagem, nomes dos entrevistados não serão divulgados, e serão respeitados os sentimentos e emoções expostas.

Os entrevistados foram questionados sobre Mãe Sérgia como parteira e guardiã da Bandeira de São Benedito. Vale salientar que por conta da pandemia, ocorrida durante o desenvolvimento da pesquisa, as entrevistas foram efetivadas de forma on line, através da plataforma Zoom. Apesar do contexto ímpar, elas tiveram uma duração considerável, algumas com mais de uma hora. O contato com os entrevistados foi feito através das redes sociais Facebook e Whatsapp. Ainda assim, é possível afirmar que mesmo as entrevistas não ocorrendo de forma presencial, estas apresentaram informações relevantes sobre Mãe Sérgia. Tendo uma contribuição significativa dos curaçaenses entrevistados para a elaboração da escrita desta dissertação, conforme detalhado ao longo do trabalho.

## 4 CURAÇÁ E MÃE SÉRGIA

### 4.1 QUEM É CURAÇÁ?

A cidade de Curaçá (Foto 2) segundo os dados do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico (IBGE, 2017), atualmente possui 34.886 habitantes. Lopes (2000) cita que na cidade os indígenas se asilavam durante fugas dos portugueses. A “região de refúgio de índios” (Lopes, 2000, p. 16) é composta pelos distritos de Barro Vermelho, Patamuté, Poço de Fora e Riacho Seco e também pelos povoados de Pedra Branca, Mundo Novo, São Bento, Jatobá e Agrovilas.

**Foto 2: Entrada da Cidade de Curaçá**

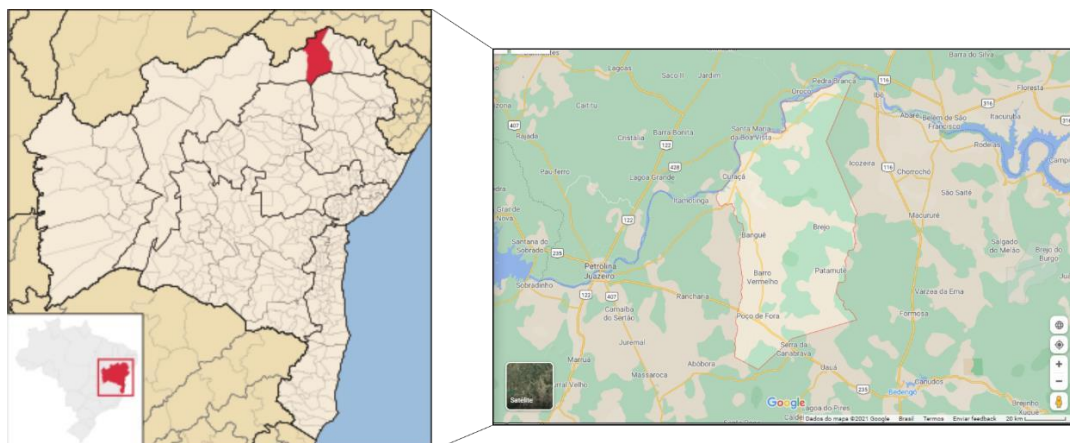


**Fonte<sup>4</sup>**

A cidade está localizada no extremo norte do estado da Bahia e faz parte da região que é denominada de Submédio São Francisco pelo (IBGE, 2017). Faz divisa com as cidades Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista Orocó e Cabrobó, sertão pernambucano (Foto 3).

<sup>4</sup> <https://www.bahianoticias.com.br/municipios/noticia/20514-curaca-chega-a-13-casos-de-coronavirus-confirmados-informa-prefeitura.html>- 2020/ Acessado em dez, 2020.

**Foto 3 – Localização e Divisa da Cidade de Curaçá**



**Fonte<sup>5</sup>**

Torres (2012) afirma que o Sítio do Bom Jesus de Boa Morte foi fundado em Porto de Capim Grosso, denominada posteriormente de Curaçá. Fundada por Feliciano Maria de Santa Thereza de Jesus. Lopes (2000) cita que Feliciano Maria de Santa Thereza de Jesus solicitou ajuda aos fazendeiros para que os escravizados construíssem a capela Senhor Jesus da Boa Morte. E segundo Torres (2012) a presença feminina é marcante na trajetória do município. Em sua pesquisa no curso de Comunicação e Jornalismo entrevistou mulheres, perfis de mulheres curaçaenses: vaqueira, militante, professora, religiosa, parteira e agricultora do município, para que elas não sejam esquecidas.

Este capítulo é uma apresentação sobre a cidade, isso para contextualizar leitores, e trazer aspectos importantes sobre o local como exemplo, a própria história do município, o nome da fundadora da cidade, destacando, que Curaçá se sobressai em relação a cidades do Semiárido, uma vez, que foi fundada por uma mulher.

Também, serão apresentados lugares que de alguma maneira teve e tem relação com a parteira Mãe Sérgia, isso para valorizar a memória da curaçaense descendente de povos escravizados e que serviu a comunidade. Assim, abaixo, na imagem (Foto 4) está a referida praça que leva o nome de Feliciano, fundadora da cidade.

<sup>5</sup> <https://www.google.com/maps/place/Acessado em dez, 2020.>

**Foto 4 - Igreja do Bom Jesus****Fonte<sup>6</sup>**

É importante afirmar que Torres (2012) buscou mais dados sobre Feliciano Maria Santa Theresa de Jesus, mas não obteve êxito. Por isso, sentiu a necessidade de catalogar histórias das curaçaenses para que não fossem esquecidas como ocorreu com a memória da fundadora. Diante disso, é importante destacar que Torres (2012) durante a pesquisa também refere-se a Mãe Sérgia. Cita que no sertão nordestino haviam muitas parteiras, mas que não há nada catalogado sobre e não especifica quantas parteiras existiram em Curaçá. Apenas afirma que Sérgia Maria da Conceição (Mãe Sérgia) foi uma das parteiras mais famosas. Informação encontrada em *Caminhos de Curaçá*, Lopes (2000).

Em concordância com a afirmação de Torres (2012) em relação a presença feminina ser marcante na cidade, a foto de Mãe Sérgia, a qual instigou para a atual pesquisa foi vista no museu que há em Curaçá e o mesmo possui o nome de uma mulher, Auristela Torres, conhecida como Dona Telú, que dedicou sua vida a igreja católica<sup>7</sup>. A casa em que a mesma residiu funciona o museu da cidade (Foto 5), que foi fundado em 2005, expõe a foto de Mãe Sérgia e possui informações que era descendente de povos escravizados e prestava serviço a comunidade, como é indicado na imagem.

---

<sup>6</sup> <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/arqueologos-realizam-investigacao-arqueologica-na-area-de-implantacao-da-mineracao-mm-pedras-riacho-seco-curaca-bahia-2018>. Acesso em dez 2020.

**Foto 5 - Museu Auristela Torres**



**Fonte<sup>8</sup>**

Além da foto de Mãe Sérgia que está no museu, ainda, no município há uma travessa que se localiza próximo a casa em que a parteira residiu que para homenageá-la foi posto seu nome (Foto 6).

**Foto 6: Placa Travessa Mãe Sérgia**



**Fonte<sup>9</sup>**

O Teatro Raul Coelho (Foto7) que foi fundado em 1895, até os dias atuais serve a comunidade com atividades culturais e lá foi apresentada uma peça que teve como título Paulo César com “Z” em referência a última criança que Mãe Sérgia ajudou a trazer ao mundo. Raul Coelho foi de família nobre, dramaturgo e prefeito da cidade.

<sup>8</sup> <https://spark.adobe.com/page/FpTwC65jYHSxM-2016>. Acessado em dez 2020

<sup>9</sup> <http://lugori.com.br/blog/category/v2.6>. Acessado em dez 2020.

**Foto 7: Teatro Raul Coelho**



**Fonte<sup>10</sup>**

Posterior a apresentação da localização da cidade, um pouco da sua história, locais importantes para a história do município e apresentar personagens relevantes, a seguir será contextualizada sobre a origem do termo Curaçá, quais etnias habitavam na região e como viviam os povos aqui deste local.

#### **4.1.1 Curaçá: Paus Trançados ou Cruz?**

Na região do Semiárido a presença de etnias indígenas era diversificada. Lopes (1997) afirma que na região do Submédio São Francisco os cariris que foram expulsos do litoral pelos tupis se alojavam nos espaços mais férteis em caça, pesca e frutos silvestres. Se instalavam às margens do Rio Opara e afluentes, até haver escassez de alimentos. Eram nômades e partiam para outros locais que tivesse abundância de água e comidas.

Lopes (1997) menciona que os indígenas, apesar de serem aparentemente semelhantes se diferenciavam pela língua, crença e nomes que os identificavam. De acordo com o autor, no Vale do Rio Opara havia amoipiras, caetés, gês, tamaquius, entre outros grupos. E, com a

---

<sup>10</sup> <https://spark.adobe.com/page/FpTwC65jYHSxM-> 2016. Acessado em dez 2020.

chegada dos portugueses, o rio que tinha o nome indígena em tupi, que significava tonto e perdido por não saber o rumo, passou a ser chamado de Rio São Francisco.

Os indígenas da região do Submédio São Francisco tiveram suas dinâmicas e modos de vida alterados com a chegada dos portugueses. Lopes (1997) cita que apesar dos colonizadores não terem encontrado minérios, visualizaram nos indígenas a possibilidade destes serem escravizados através da prática da agricultura.

Em busca de minérios preciosos, expedições chegaram ao Submédio do São Francisco, alcançaram a Serra da Borracha, localizada na cidade de Curaçá, as serras de Jacobina e o Vale do Rio Salitre. De acordo com Lopes (1997) ocorreu missão em Pambu, território que compreende parte de Abaré e o município de Curaçá. A missão tinha objetivo de converter os indígenas ao cristianismo, que tiveram seus costumes e crenças descaracterizadas. Contudo, vale ressaltar que Lopes (1997) afirma que os indígenas resistiram aos colonizadores. Foram hostis aos colonizadores, não se submetiam às ordens dos portugueses. Afirma que teve “briga e briga longa” (Lopes, 2000, p. 16).

Os escravizados no Submédio, segundo Lopes (1997) foram submetidos aos serviços domésticos e também em construções, a exemplos de cercas e aguadas. O autor afirma que no aspecto quantitativo não foi um grupo significativo e devido a falta de documentos há dificuldade em compreender função e situação em relação a outros setores. Mas, apesar desta ausência de documentos, há herança na cultura, nas tradições regionais, como exemplo o culto a São Benedito, a Marujada ou congadas são pertencentes à cultura dos povos escravizados.

O legado deixado pelos negros escravizados na cidade de Curaçá contribuiu para a construção da hipótese na pesquisa. Mãe Sérgia foi uma personagem importante para a cidade, uma vez que continuou a tradição de ser guardiã da bandeira de São Benedito.

Nas músicas cantadas durante a Marujada, até os dias atuais é notória a relação que os senhores tinham com os escravizados. De acordo com Lopes (1997, p.99), era um clima amistoso: “*Ora branco é de vê, é de ver, é de vê. Os prentim anda rua [...] Ô dona Rainha, Rabo de tainha. Hoje na igreja, amanhã na cozinha*”.

Em *Caminhos de Curaçá* (Lopes, 2000), é descrito as funções dos escravizados. Carregar pedras para construir barragens, tanques e cercas, carregar água e ainda chamar o dono de meu Senhor. Lopes (2000) relata uma história que foi mencionada por um dos seus entrevistados sobre os negros escravizados. Um deles se revoltou e não chamou o dono de meu senhor, foi amarrado em baraúna. Uma história com dor.

Feliciano Maria de Santa Theresa de Jesus, proprietária do Sítio do Senhor Jesus da Boa Morte, solicitou a fazendeiros que enviassem os povos escravizados para construção da

capela. Lopes (2000) menciona que segundo memória oral, a proprietária do sítio acompanhava o trabalho de construção da capela. Do mirante observava o trabalho dos negros escravizados.

Anterior a fundação do município de Curaçá, Lopes (2000) cita que Pambu era o centro de tudo, mas não crescia, longe de tudo. Capim Grosso também não tinha “força”, e passado tempos virou comarca e muda o nome para Curaçá. Que segundo o autor para uns significa paus trançados e para outros cruz. Contudo, o autor afirma que não há uma definição exata e o que se sabe é que a origem da palavra é indígena. Para o autor é menos provável que o significado seja cruz, uma vez que, na época os indígenas não tinham sido catequizados.

Em Curaçá havia dificuldades com tratamento de doenças, não havia farmácia. De acordo com Esmeraldo Lopes (2000), os que tinham condições adquiriam remédios de Juazeiro, então muitos utilizavam o conhecimento popular para as doenças. Remédios de paus, raspa de caatingueira, chá de eucalipto, óleo de rícino. Também havia a parteira, e a mais famosa de acordo com o autor era Mãe Sérgia, que fez trabalho de parto de várias gerações e que não exigia pagamento. Essas informações cooperam de forma significativa para também refletir sobre a relevância social da personagem, Sérgia Maria da Conceição, que de acordo as informações a mesma faleceu com aproximadamente cem anos em finais de 1960.

Lopes (2000) cita que Sérgia Maria da Conceição, conhecida como Mãe Sérgia era descendente de povos escravizados e sucedeu seus pais na guarda da Bandeira de São Benedito, e até os dias atuais a bandeira sai da casa que ela morou. São Benedito era negro, nascido na Itália, filho de escravizados e analfabeto, e, nas pesquisas feitas pelo autor, a capacidade de resignação de São Benedito, por ter sido humilhado por ser negro, foi um fator que chamou a atenção dos religiosos.

A Marujada era a festa em homenagem ao santo negro e os escravizados se adornavam para homenagear São Benedito com a aprovação dos seus senhores. Ocorria durante a festa a levantação da bandeira de São Benedito, as pessoas abriam suas casas para visitas. Lopes (2000) cita que muita gente participava, ocorria apresentação teatral, depois havia forró na casa das pessoas e havia a banda de Curaçá, depois só a de Barro Vermelho.

Situado sobre povos e etnias que aqui viveram, indígenas e escravizados, feito brevemente uma reflexão sobre a importância da personagem Maria Sérgia da Conceição, será abordado como é classificada a região que está inserida a cidade de Curaçá. Quais fatores que colaboram para ser considerada como Sertão ou Semiárido, e em quais contextos recebeu essa designação. São questões mencionadas a seguir

#### 4.1.2 Curaçá: Sertão ou Semiárido?

Neste tópico é abordado sobre o município curaçaense, contextualizado sobre o termo Semiárido, formação histórica social para compreender sobre o território. As questões climáticas que é o ponto de partida para classificar a região.

Silva (2006) afirma que o Semiárido já foi chamado de Sertão e Nordeste das Secas. Mas, a nomenclatura Semiárido foi a partir de uma norma da Constituição Brasileira de 1988, o artigo 159, em que determina o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), que foi definido a aplicabilidade de 50% dos recursos no Semiárido. Além disso, a Constituição Federal afirma que neste território há atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

A condição climática foi também fator relevante para ser considerado Semiárido. Como exemplo, a precipitação pluviométrica de 800 mm médio ou inferior por ano foi um critério. Além disso, o índice de aridez de 0,5 e também o risco de seca maior que 60% entre o período de 1960 e 1991. De acordo com Silva (2006) está dentro destes critérios quase 90% da região Nordeste. Os estados Piauí, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba, e a região setentrional de Minas Gerais.

Carvalho (2010) cita que o estado do Maranhão não foi incluído nesta classificação e que por isso os movimentos sociais, pesquisadores e organizações ambientais questionam essa decisão. Alegam que vinte e seis municípios que fazem parte do estado são afetados pela irregularidade do clima, e que nestes locais há espécies da fauna e flora da caatinga.

Sobre a região que está inserida o município de Curaçá, Carvalho (2010) afirma que foi definido como *Território de Juazeiro* dez municípios, além da cidade aludida, Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Pilão Arcado, Sento Sé, Sobradinho, Remanso e Uauá. A autora destaca que a expressão *Território de Juazeiro* foi escolhida para sua pesquisa por dar prioridade a metodologia de análise a partir das Áreas Susceptíveis à Desertificação (ASD), mas que este mesmo território é conhecido como Região do Submédio São Francisco pelo IBGE.

De acordo com Carvalho (2010) a região central do Semiárido ou miolão do Semiárido, que está inserido o *Território de Juazeiro*, é área que apresenta índices pluviométricos mais crítico e menos chuva. Assim na formação histórica social da região, os sujeitos que habitaram o Submédio São Francisco, atuaram nas construções de sistemas para

armazenamento de água, deixaram suas marcas na cultura local que até os dias atuais permanecem.

Citado que os habitantes do Submédio deixaram marcas na cultura local, os escravizados construíram cercas. Vale lembrar que em Curaçá foi construída a capela solicitada pela fundadora da cidade, Feliciano Maria de Santa Theresa de Jesus. Ou seja, reafirmando a forte presença dos negros escravizados na região, no lócus da pesquisa.

Maria Sérgio da Conceição, descendente direta de povos que foram escravizados, atuou como parteira na cidade que não tinha hospital, não havia serviços necessários para a comunidade. Uma mulher descendente de escravizados, como guardiã da bandeira de São Benedito é fundamental pesquisar, isso para preservar e valorizar as suas memórias e para refletir sobre os limites de suas atuações e a causas das limitações. Assim, a seguir serão apresentadas pesquisas sobre mulheres do Semiárido.

#### 4.2 REGISTROS SOBRE MULHERES DO SEMIÁRIDO

A proposta deste tópico é refletir sobre relação de gênero no Semiárido Brasileiro e apresentar pesquisas realizadas na região que tem como foco mulheres que se destacaram e tiveram comportamento incomum para a época. Nas pesquisas foram aludidas mulheres de Jacobina, Serrolândia, Paraíba e Curaçá. Com isso, pretende-se valorizar as histórias e ações delas.

Albuquerque Júnior (2013) afirma que não havia o tipo regional nordestino no início do século XX e que o termo nordestino nomeava especificamente a área entre Alagoas e Ceará e às vezes Piauí e Maranhão. A nomenclatura se torna recorrente nos anos cinquenta pelo movimento cultural regionalista, que tinha como centro a cidade do Recife, em que os filhos da elite eram identificados como pertencentes ao nordeste.

De acordo com Albuquerque Júnior (2013) o regionalismo nordestino se caracterizou por ampla militância com o objetivo de definir a região e seu habitante. Gilberto Freyre fundou o Centro Regionalista do Nordeste em 1924 e esta instituição se tornou o lócus institucional do discurso regionalista e tradicionalista. Albuquerque Júnior (2013) afirma que na primeira reunião foi definida como eixo norteador, uma militância cultural para discutir o que seria o Nordeste e o que se caracterizava como nordestino.

O movimento regionalista afirmado por Albuquerque Júnior (2013) objetivava contribuir e traçar o perfil do homem deste local, dar personalidade e fisionomia aos

habitantes da região. O nordestino foi inventado e definido pela produção cultural e artística vinculada ao movimento regionalista. Em 1925 foi exibido o filme *O Nordeste Brasileiro*, que mostrou os “aspectos curiosos, usos e costumes” (Albuquerque Júnior, 2013, p.159).

Segundo Albuquerque Júnior (2013) a campanha regionalista tinha a finalidade de convencer que a palavra Nordeste não era inútil. Isso para aproximar a população de diversos Estados. Assim, além de serem publicados obras e artigos de interesse regional, promoveram uma série de eventos regionalistas para fixar a ideia de região, traçar a fisionomia dos habitantes e organizar o que seria uma “cultura regional”. Entre o período de 1924 a 1930 foram intensificadas as discussões sobre o homem nordestino, as características antropológicas, etnográficas e culturais.

Albuquerque Júnior (2013) cita que o homem nordestino foi definido como tipo tradicional, homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, macho, capaz de resgatar o patriarcalismo em crise, já que com a industrialização a cidade e a República, veio acompanhada de feminização com o mundo moderno.

Para Albuquerque Júnior (2013), quando é falado homem nordestino, não é exclusivo por estar englobando homem de toda espécie, mas sim por que o homem nordestino é apenas pensado no macho, não tendo espaço para as mulheres. De acordo com o autor, até as mulheres seriam “*masculinas, macho sim senhor!*” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 165).

O autor afirma que no mundo masculino, as mulheres não faziam parte a não ser que fossem requisitadas. Dessa forma, vale destacar mulheres que se sobressaíram no Semiárido por suas ações e contribuíram de forma significativa para o local, sendo referências para seus conterrâneos, a exemplo de Dona Farailda, de 77 anos, em Serrolândia na Bahia, que tinha se casado pela sétima vez e além disso, realizava “casamentos de contrato”.

A autora da pesquisa sobre Dona Farailda, Vasconcelos (2011) também é de Serrolândia e lembra-se dos rituais que ocorriam quando tinha menos de dez anos de idade. Na cidade o comentário que escutava sobre Dona Farailda era tanto de admiração, como também maldosos. Vasconcelos (2011) afirma que ouviu por diversas vezes a “expressão casamento de Farailda” (Vasconcelos, 2011, p.18), que era muito significativa por estar relacionada tanto aos “casamentos de contrato” que a personagem realizava, como também os dela.

Em 2010 em sua tese de doutorado, a autora optou em estudar a trajetória de Dona Farailda, e realizou o total de nove entrevistas com a personagem. Ainda, entrevistou pessoas que conviveram com ela, familiares e pessoas ligadas à serrolandense. Para Vasconcelos (2011) “fonte oral é essencial para a construção de histórias de vida, especialmente se a

personagem pesquisada está viva” (Vasconcelos, 2011, p. 27). E, em concordância com a autora é considerado aqui que pesquisar sobre Mãe Sérgia, realizar entrevistas foi bastante significativo para pensar sobre o período de 1930 a 1950, época em que atuou como parteira em Curaçá. Refletir sobre relações de gênero, patriarcado e sobre o lugar da mulher naquele período.

Na pesquisa sobre Mãe Sérgia foi realizadas entrevistas com pessoas que tiveram relação com ela, o que foi bastante satisfatório. Uma das entrevistadas lembrou a infância que teve com Mãe Sérgia, e, repetia durante a entrevista que a lembrança que possui em relação à Mãe Sérgia é afetiva. E sem demora foi respondido para a mesma que essa memória é bastante relevante para o trabalho. Isso foi falado porque a hipótese deste trabalho é que Mãe Sérgia é importante para o município de Curaçá.

Vasconcelos (2011) cita que Dona Farailda é conhecida em Serrolândia como “casamenteira” por ter realizado na cidade “casamentos de contrato”, que apesar de não ter validade ocorreu frequentemente até finais de 1980. Os entrevistados quando perguntados sobre a casamenteira demonstram afeto, respeito e carinho.

Na pesquisa de Vasconcelos (2011) foi identificado pela mesma que muitas pessoas optaram pelo “casamento por contrato” realizado por Dona Farailda devido os serrolandeses precisarem se deslocar para uma cidade vizinha a Serrolândia para casarem. A cidade de Gavião. Em Curaçá a parteira Mãe Sérgia foi bastante procurada para realizar partos, pois na cidade faltavam serviços, não havia hospital. O que contribui para pensar sobre a importância destas mulheres para o município e sobre a falta de acesso a serviços básicos naquela época, nestes locais.

Vasconcelos (2011) durante a pesquisa dedica um capítulo o que Dona Farailda pensava sobre si. Em uma das suas construções a personagem relata sua experiência que teve como parteira, que pegou oito crianças e que deixou as crianças (filhos) dormindo em casa para levar as mulheres para Jacobina para parir. O que corrobora para pensar que estas comunidades eram privadas de serviços primordiais.

Dona Farailda afirmou a Vasconcelos (2011) que não realizou o curso de parteira por ter sido proibida por seu marido. Quando perguntada se era parteira respondeu negativamente. Segundo Vasconcelos (2011) estudos como o de Pedro (2003) afirmam que muitas mulheres que faziam partos não se percebiam como parteira, isso devido a ser a uma prática considerada proibida e também porque a profissão era associada ao aborto.

Vasconcelos (2011) ao entrevistar pessoas da comunidade sobre Dona Farailda, muitas mencionaram sobre a generosidade da personagem. “Ela era popular onde ela vive. Fala com

todo mundo. É muito gente boa”. (Vasconcelos, 2011, p. 119). Ainda pessoas entrevistadas falaram acerca de Dona Farailda ter criado algumas crianças órfãs na comunidade. Na pesquisa sobre a curaçense Mãe Sérgia, muitos falaram também a respeito da bondade da parteira, que nada cobrava a comunidade, e também Silva (2019) em sua pesquisa é afirmado que a curaçense teve uns vinte filhos e criou mais três.

Em Curaçá, Torres (2012) afirma que a presença e a contribuição feminina é marcante no desenvolvimento social, político e cultural para a cidade. A autora é curaçense e entrevistou o total de seis mulheres sendo da sede, distritos e dos povoados. Uma das escolhidas para a pesquisa foi da área de educação, conhecida como Dona Nenzinha que possuía a formação mais antiga da cidade, atuou na educação em Curaçá durante trinta anos e se aposentou como delegada escolar.

No campo político da cidade de Curaçá uma mulher muito atuante foi Eulália Gonçalves. Nascida em Poço de Fora foi líder comunitária e bem participativa no período da redemocratização do Brasil, como afirma Torres (2012). Ainda realizou trabalhos como parteira, agente de saúde e enfermeira. De acordo com Torres (2012) na sua entrevista ficou evidente características do movimento feminista que desejava ruptura dos preconceitos machistas. Ainda, outra parteira que foi entrevistada, e das mais antigas foi Maria Senhora que atuou principalmente em épocas que a medicina não era acessível.

Ao citar sobre estas parteiras da região de Curaçá, Torres (2012) menciona em poucas linhas sobre Mãe Sérgia, como uma das mais famosas, em uma época que faltava serviços básicos. Essa informação obteve do livro *Caminhos de Curaçá* (Lopes, 2000).

No campo religioso da cidade curaçense, Torres (2012) entrevistou Martinha Sobral que coordenou um dos terreiros mais antigos da cidade. De acordo Torres (2012) ela foi escolhida devido religiões de matriz africana ser alvo de preconceito. Assim, vale frisar que é mais uma mulher atuante no aspecto cultural de Curaçá.

Terezinha Varjão segundo Torres (2012) foi criada no meio rural, mas mesmo morando na cidade não esqueceu a profissão e coordenou a Associação de Vaqueiros e Pecuaristas de Curaçá, ou seja, um lugar predominantemente masculino. Ainda, Maria Isabel, do Rompedor, povoado de Jatobá. Vivenciou as cheias do Velho Chico e com a produção de verduras e frutas. É reconhecida como grande liderança comunitária. Ou seja, mulheres que estiveram liderando movimentos e comunidade na cidade de Curaçá.

Compactuando com a ideia de Torres (2012) sobre o registro das mulheres de Curaçá, para que não seja esquecida, a pesquisa *Memórias dos Curaçenses Sobre Mãe Sérgia: Relevância Social e Cultural Para Uma Cidade Localizada no Submédio São Francisco* é

também com este intuito. Ou seja, dar visibilidade a história da parteira na comunidade acadêmica para contribuir com a preservação da memória e história local.

Torres (2012) entrevistou mulheres que foram reconhecidas como liderança comunitária, uma entrevistada que trabalhou na produção de verduras e frutas. Vale lembrar que Moreira (2019) cita que “elas (as mulheres) que alimentaram cotidianamente os corpos e a alma com sentidos, encantos e afetos” (Moreira, 2019, p. 358). Em seguida a autora afirma que “*reconstruir o lugar e a contribuição de mulheres no sertão é uma tarefa árdua*”. Assim, a História Oral é relevante para as pesquisas sobre mulheres do sertão.

Exemplificado por Moreira (2019) na ficção, no sertão de Graciliano Ramos (2006) apresentou Sinhá Vitória que atuava como cuidadora da casa e dos meninos, Raquel de Queiroz com Corduína, que administrava fome e Conceição que foi professora, recusou casamento e representa mulheres que assumiu função pública. Citados os exemplos na ficção por Moreira (2019), na vida real Torres (2012) entrevistou uma das professoras com formação mais antiga da cidade de Curaçá que atuou durante trinta anos.

Como afirma Moreira (2019, p. 357) “Mas mesmo reconhecendo estas personagens e contribuições, em síntese, todas estas mulheres se moveram nos territórios da invisibilidade”. Nesse sentido, vale refletir quantas e quantas destas mulheres há no sertão, mulheres atuantes na cultura, no aspecto social do município, e estas foram e são despercebidas. Suas histórias não são lembradas, nem contadas. Por isso lembrar e contar sobre Mãe Sérgia é valorizar a sua história e não permitir que seja esquecida e silenciada.

Moreira (2019) cita que no Semiárido as mulheres estiveram de forma mais constante nas lutas públicas, em sindicatos, clubes de mães, associações e cooperativas. Evidenciou estas mulheres da região do Semiárido e mencionou como exemplo notório na cidade da Paraíba, Maria Margarida Alves que foi a primeira mulher líder sindical, influenciou a redemocratização do país e a Marcha das Margaridas em 2000. Infelizmente, foi assassinada em 1988.

Vale lembrar que Luíza Erundina também foi citada por Moreira (2019). De acordo com a autora, Luíza Erundina contrariou o perfil das mulheres submissas dos sertões. Fez parte das primeiras gerações sertanejas migrantes, se recusou a casar, rompendo os tabus assumiu o protagonismo da sua vida.

Assim como Moreira (2019) que menciona mulheres que assumiu o protagonismo de suas vidas, Vasconcelos (2014) afirma que Dona Farailda foi lavradora, pequena comerciante, costureira e também teve experiência como parteira. Objetivava ser feliz. Dona Farailda apesar de não ter frequentado escola, colocou todas as filhas na escola e uma delas atuou no

sindicato dos professores do ensino fundamental e médio, foi vereadora pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 2012.

Vasconcelos (2014) ao questionar a filha sobre Dona Farailda, teve como respostas que, apesar da mãe não ter frequentado a escola formal, ela sempre procurava aprender. Dona Farailda se considerava curiosa. Confeccionou a primeira peça de roupa quando era bem jovem, realizou o primeiro parto quando tinha apenas treze anos e na fase adulta realizava “casamentos de contrato”.

Dona Farailda realizou casamento de uma amiga sua em 5 de outubro de 1983, que o casal tinham desejo de se unir, porém o rapaz tinha perdido todos os documentos e, além disso, não tinha recurso para ir a cidade natal e retirar a segunda via da certidão de nascimento. Assim, como o casal não queria amigar-se, Dona Farailda realizou o casamento com a presença de amigos, familiares e testemunhas. Ao final do ritual foi lido em voz alta o contrato de mútua assistência, e assinado pelos noivos, testemunhas, pela juíza D. Farailda e pela “escrivã”, filha da casamenteira.

De acordo com Vasconcelos (2014) ao aprofundar as pesquisas em torno do casamento de contrato, os motivos pelos quais os casais procuravam Dona Farailda eram diversos. E foi uma alternativa para as pessoas de baixa renda, que não tinham recursos para pagar as despesas com cartório e roupas. Além disso, os que desejavam casar no cartório teriam que se deslocar para o município de Gavião.

Em conversa com Dona Farailda, Vasconcelos (2014) cita que a mesma, sobre seu casamento explicou que o seu primeiro foi na igreja, mas no civil aconteceu apenas vinte anos depois, através de um político que estava em eleição na cidade. O que levou a pesquisadora deduzir sobre a dificuldade de acesso que a população tinha à instituição.

Vasconcelos (2019) afirma que nas narrativas de Dona Farailda escapam rebeldias. Além de realizar casamentos por contrato, uma das ações que subverte o lugar de subalterna que a história lhe impôs, foi o falar. De acordo com a autora, Dona Farailda fala de si, de sua sexualidade, prazer, afeto, fala do corpo masculino como lugar de prazer para o feminino.

Sobre a vida sexual Dona Farailda falava que para fazer amor a mulher não tem idade. De acordo com Vasconcelos (2019) o comportamento da personagem era incomum. Uma mulher do interior da Bahia, que se casou sete vezes com poetas famosos das grandes metrópoles.

Nas pesquisas de Moreira (2019), Vasconcelos (2014) e Torres (2012) é destacado sobre mulheres do sertão nordestino que são atuantes no campo político, cultural e social. É possível dizer que o que tem em comum na vida destas sertanejas, é o falar? Possivelmente

sim! Falar, falar sobre parto, falar sobre política, educação, sobre religião. E Mãe Sérgia? A parteira mais famosa de Curaçá “fez”... fez a cultura e compartilhou os seus saberes. E em Jacobina? Mulheres também se pronunciaram, e agiram a respeito de um projeto de higienização e policiamento dos costumes no período de 1940 a 1950, contexto analisado por Tânia Vasconcelos (2019).

Tânia Vasconcelos (2019) pesquisou processos judiciais e jornais do município de Jacobina, na Bahia. De acordo com a autora, o tema felicidade conjugal era constantemente destacado nos jornais da cidade. Analisou a fonte impressa de 1940 a 1950, e a cidade de Jacobina passava por grandes transformações devido a exploração aurífera. Com isso, o poder público elaborou um projeto de higienização e policiamento dos costumes da população pobre com o apoio da imprensa.

A autora afirma que observou destaques nos processos crimes analisados e, nos jornais locais sobre disciplinarização dos hábitos. Mas, mesmo assim, a autora observou nos processos analisados resistências femininas aos padrões normativos de feminilidade. Em um depoimento, que a autora analisou e preferiu utilizar nome fictício, Manuela se envolveu com o vizinho durante três anos sem que seu pai e sua mãe soubessem. Enfrentou o pai ameaçando suicidar-se caso não se casasse com o acusado.

Tânia Vasconcelos (2019) menciona que transgressão e rebeldia aparecem em grande parte das histórias nos processos que foram analisados. O que era esperado de uma mulher era um comportamento casto. Fazer sexo fora do casamento já era considerado desobediência, mas, além disso, nos processos analisados, três histórias das quatro de rapto tem em comum o consento, ou seja, rapto consensual e sedução.

De acordo com Tânia Vasconcelos (2019) o rapto consensual nos casos analisados foi a fuga da ofendida com o amante, o que os juristas consideraram à segurança da família e ao pátrio poder. Representava desestabilização da norma familiar. Célia fugiu para viver seu romance clandestino, e seu tio prestou queixa na delegacia, mas três rapazes que presenciaram o rapto relataram que a avistaram saindo, e um deles aconselhou a mesma não sair. Contudo, obteve como respostas que não aceitaria o pedido nem se fosse da mãe.

As histórias analisadas por Tânia Vasconcelos (2019) no processo crime revelam vivências e concepções de mundo diversificado. Apresenta um rompimento com a construção monolítica sobre as mulheres sertanejas, que é associada a submissão, ou então, a mulher valente, deserrotizada. Elas desafiaram as convenções de gênero da sociedade e transgrediram as normas sociais estabelecidas.

Sobre normas estabelecidas Vasconcelos (p. 9, 2011) afirma que “Historicamente as representações acerca do feminino no sertão baiano figuravam em torno da submissão e da seriedade [...] as mulheres eram vistas como subordinadas, não exercendo papel de sujeitos das suas ações e práticas [...]” Contudo, as pesquisas apresentadas neste tópico apresentam mulheres que foram protagonistas das suas histórias. O falar, fazer, reivindicar, ensinar e lutar fizeram parte cotidianamente na vida destas mulheres no sertão baiano.

Nesse interim, em continuidade a dar visibilidade às mulheres, a seguir será abordado sobre o exercício do partejar, que era uma atividade feminina e em lugares distantes das grandes cidades era frequente as mães procurarem as parteiras para terem suas crias, mas a “ciência” e o “patriarcado” logo impediu as ações das parteiras, tornando uma atividade masculina e desconsiderando o saber popular.

#### 4.3 O ATO DE PARTEJAR

Este tópico é dedicado a refletir sobre o ato de partejar. Será discorrido sobre mulheres que foram parteiras em diversos locais no Brasil e sobre a importância destas nos lugares que não tinham acesso a hospital e atendimento adequado. Também é feita a reflexão acerca das mulheres que foram excluídas do ato de partejar e que tiveram seus conhecimentos desqualificados.

Para compreender as mudanças ocorridas na Europa no século XVIII é importante trazer para o debate *O Calibã e a Bruxa*, de Federici (2004). A autora analisa o acúmulo de capital por uma perspectiva feminista, durante a transição do feudalismo para o capitalismo. Apresenta fenômenos não mencionados por Marx, mas que foram bastante significativos para o acúmulo do capital. A construção de uma nova ordem patriarcal que excluía as mulheres do trabalho assalariado, desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho, e a caça às bruxas no século XVI e XVII.

Federici (2004) apresenta dados relevantes para pensar sobre a desvalorização do trabalho das mulheres e acúmulo do capital no século XIV. De acordo com a autora, nesse período as mulheres que exerciam as mesmas funções que os homens, recebiam apenas a metade do que eles. Ainda, neste mesmo século elas recebiam um terço do salário masculino, o que causou o aumento da prostituição.

Durante o período de transição do feudalismo para o capitalismo, com a crise econômica, à intensificação da perseguição às “bruxas” e novos métodos disciplinares para

regular a procriação e quebrar o controle das mulheres sobre a reprodução foram medidas adotadas pelo Estado.

Ainda, a autora afirma que para restaurar a proporção populacional, o Estado iniciou guerra contra a mulheres para quebrar o controle que elas possuíam sobre seus corpos e sua reprodução. Demonizou controle de natalidade e sexualidade não procriativa, adotou formas de vigilância para as mulheres não interromperem a gravidez. Nesse período mulheres foram processadas e executadas por infanticídio. As parteiras foram suspeitas, o que levou o ingresso de médicos homens nas salas de partos.

As parteiras colocadas à margem do exercício de partejar, perderam o controle que haviam sobre a procriação. Segundo Federici (p. 161, 2004) elas foram reduzidas a “um papel passivo no parto”. Durante o período de transição do capitalismo para o feudalismo, os médicos homens, agora, eram vistos como aqueles que davam a vida. Estas questões trazidas por Federici (2004), sobre as parteiras terem sido marginalizadas, serem associadas ao aborto e infanticídio, corrobora para a afirmação de Vasconcelos (2014), em relação as parteiras que negavam exercerem a atividade. Sua entrevistada apesar de ter realizado partos, negou exercer esta função.

No período de transição do feudalismo para o capitalismo, Federici (2004) menciona que nessa fase foi instalado uma nova prática. A vida do feto era priorizada em detrimento da vida da mulher. As mulheres foram expulsas da sala de parto e além disso, as parteiras passaram a ser vigiadas pelos médicos, ou então a sua função era policiar outras mulheres. De acordo com a autora “Na França e na Alemanha, as parteiras tinham que ser espíãs do Estado se quisessem continuar sua prática”. E, a função delas era informar sobre os novos nascimentos, descobrir os pais de crianças nascidas fora do casamento, e examinar as mulheres que fossem suspeitas de terem parido em segredo.

As mudanças que sofreram as parteiras, citadas por Federici (2004) corroboram para refletir sobre a importância que elas tinham para as mulheres, o conhecimento que possuíam sobre o corpo feminino, e também o saber popular. Por isso, é relevante pesquisar sobre parteiras, memórias destas, para que não sejam esquecidas, e nem silenciadas.

A pesquisa sobre Mãe Sérgia é relevante para mapear as memórias dos entrevistados sobre a curaçaense parteira e preservar a história local de uma cidade do Semiárido.

Da mesma forma que Federici (2004) cita sobre a exclusão das mulheres durante o partejar também no contexto europeu, Perrot (2007, p. 74) no livro *Minha História das Mulheres* afirma que no século XVIII houve “medicinzinação crescente do parto, revestia-se por vezes de aspectos ambíguos [...] conflitos de saber e poder que opunham médicos e

parteiras”. Com a medicalização, os saberes mais formalizados excluíram as parteiras devido surgimento de novos campos da medicina, a exemplo: a obstetrícia, e a ginecologia. De acordo com Perrot (2007) o ato de partejar era praticado pela mulher. Mas, o parto além de medicalizado foi masculinizado, excluindo as mulheres deste exercício.

Em concordância com Perrot (2007) e Federici (2004), Cegano e Almeida (2004) afirmam que no final da Idade Média o parto acontecia em ambientes domiciliares e que estavam sob os cuidados das mulheres, as parteiras. Com a exclusão destas, é visível o objetivo do Estado em fiscalizar e controlar os corpos femininos. Ainda, Cegano e Almeida (2004) mencionam sobre o avanço tecnológico no Brasil que chegou a meados do século XX, contudo o interior foi privado disto. Em poucas cidades havia hospitais de maior porte, o que coopera para pensar sobre a atuação das parteiras nos interiores.

De acordo com Mott (2002) os partos aqui no Brasil eram realizados nos domicílios das parturientes, assistidos por parteiras leigas, e em poucas situações eram as parteiras eram diplomadas. Os partos que ocorriam fora de casa eram em caso de complicação na gestação, ou mulheres pobres, indigentes, prostitutas e mães solteiras nas Santas Casas. Segundo a autora (2002) as gestantes eram atendidas de forma precária, infecções e mortes eram rotineiras, e era raríssimo haver enfermarias para as pacientes. Ainda, as gestantes ficavam lado a lado de mulheres com diversos tipos de doença.

Mott (2002) menciona que no Brasil em 1820, com a emigração, muitas parteiras atendiam em domicílio e também em suas casas, mas posteriormente os atendimentos foram nos locais denominados de casas de maternidade e nelas eram atendidas as escravizadas, negras livres, solteiras, viúvas e mulheres que se deslocavam do interior.

A autora (2002) menciona que “aqui no Brasil quando se iniciou os discursos sobre a necessidade em criar maternidades eram relacionados aos cursos que objetivavam formar parteiras e também ao ensino médico” (MOTT, 2002 p.199). Dessa forma é relevante refletir sobre a atuação das parteiras anterior a chegada das maternidades, com o intuito de conhecer sobre os saberes populares que as mesmas possuíam o que era ensinado as parturientes, o cuidar da saúde da mulher e da criança.

Mott (2002) cita que além do discurso que precisava da maternidade para formação de parteiras e ensino médico, também era justificado através da crença que a quantidade de habitantes do país era associada à riqueza e poder do país. Devido a isso a vida da criança, o período intra e extra uterino passou a ser palavra de ordem. Era preciso procriar filhos saudáveis.

Em Salvador, BA a experiência da maternidade segundo Mott (2002) foi descrita por Dr. Adeodato Filho, e em 1947 se iniciou e era uma parceria entre a Pró-Matre e o Serviço Estadual da Criança que organizava o serviço de partos a domicílio e era responsável em parte financeira e a Pró- Matre responsável em organizar, manter, e também atendia as pacientes matriculadas e os casos considerados de emergência. Quem realizava os partos eram os médicos e não as parteiras. É descrito como era o atendimento:

Se as condições do domicílio permitissem e o prognóstico fosse favorável preparava-se o ambiente, forrando a cama com roupas trazidas da maternidade e realizava o parto ali mesmo. Pequenas intervenções, como fórceps baixo e episiotomia, eram realizadas com pré- anestésicos e anestesia local. Nos casos desfavoráveis e quando o domicílio era muito precário, a parturiente era transferida para a maternidade (...) Entre 1947 a 1950, quando a maternidade da Pró- Matre ainda não estava pronta, as pacientes que necessitassem de internamento eram enviadas para a Maternidade Climério de Oliveira.( MOTT, 2002 p. 212)

A partir da descrição como organizavam o atendimento a gestante é possível perceber as ações que excluíram a parteiras e seus saberes populares em atender as parturientes. Ainda é citado que:

Salvador, na época, tinha quatrocentos mil habitantes e possuía 120 leitos para atendimento obstétricos, somados os leitos das maternidades e dos hospitais (... )o atendimento domiciliar realizado pela Pró- Matre ajudava no combate do exercício profissional das parteiras leigas.( MOTT, 2002, p.212-213)

Nesse sentido é relevante discutir sobre as parteiras que foram excluídas desse processo, inclusive porque a hospitalização do parto segundo Mott (2002) veio acompanhado com o discurso civilização. Mas, além disso, refletir sobre as parturientes com a chegada da maternidade. A autora (2002) cita que as mulheres tiveram resistência com esse novo contexto e que preferiam ter o filho em seu próprio lar e serem atendidas por mulheres.

No município de Curaçá, a chegada da maternidade também ocorreu de forma tardia. A reivindicação pela casa de parto ocorreu em 1980. Nesse sentido é relevante discutir sobre a importância da parteira Mãe Sérgia, mulher negra, descendente de povos escravizados que faleceu no final de 1960. Pensar sobre ela, sua indispensável função para os curaçaenses, e destacar sua relevância social com os saberes populares que orientavam suas parturientes no cuidado com a criança e com os seus próprios corpos.

Nepomuceno (2013) cita que até início de 1940 algumas atividades foram consideradas charlatanismo, a exemplo, das bezendeiras, curandeiras, herbaristas e parteiras. Dessa forma, esta pesquisa coloca os holofotes em uma parteira do município de Curaçá. Destacá-la como protagonista em uma cidade que não havia atendimento médico, e não havia hospital, seu exercício foi imprescindível para os curaçaenses. É fundamental valorizar estas memórias.

Costa (2012) menciona que desde os primórdios da civilização os saberes acumulados pelas parteiras foram desarticulados pela Renascença. A conjuntura política da época junto com a intervenção do Estado fiscalizava e controlava a fertilidade feminina, e o saber feminino popular foi considerado clandestino quando não era assimilado pelo poder médico masculino solidificado.

De acordo com Costa (2012) na Enfermagem Moderna a obstetrícia e a toco-ginecologia encontravam-se sob o controle de médicos, masculinos, e também o treinamento das parteiras. Para a autora, a partir do cuidar religioso surgiu a Enfermagem Moderna, e com isso, o trabalho autônomo das parteiras foi marcado pela caça às bruxas durante quatro séculos, que resultou na incorporação do trabalho das mulheres pela medicina científica de hegemonia masculina.

Sobre caça às bruxas é citado que: A intensificação da perseguição às “bruxas” e os novos métodos disciplinares que o Estado adotou nesse período, com a finalidade de regular a procriação e quebrar o controle das mulheres sobre a reprodução tem também origem nessa crise (FEDERICI, 2004 p.153). A autora se refere em sua obra sobre o período de transição do feudalismo para o capitalismo e discute esse contexto em países europeus. A partir disto, é imprescindível pensar o impacto dessa nova ordem em outros locais.

No Brasil, segundo Costa (2012), a atividade da parteira foi institucionalizada em 1832 com os cursos de formação de parteiras. A partir de 1973 o trabalho da parteira foi considerado ilegal com a reforma universitária, e também com o curso de obstetrícia que passou da faculdade de medicina para os cursos de enfermagem. Para a autora, a legislação contribuiu para correlação de forças entre a medicina e enfermagem. Conflito esse que fortaleceu e legitimou a dominação de gênero, já que, vinte anos após 1973 as escolas de enfermagem formaram mil setecentos e cinquenta e seis profissionais, enquanto gineco-obstetras atuando no Brasil eram dezoito mil.

Além dos dados apresentados pela autora, outra informação significativa é em relação às funções de obstetrizes e enfermeiras. De acordo Costa (2012) obstetrizes alcançaram conhecimento técnico-científico comparável a dos médicos, mas foram subjugadas em sua formação e a atuação. E, as enfermeiras por terem a linguagem da cientificidade produzida pelo discurso acadêmico tem o reconhecimento, “*status quo*”. Assim, houve desqualificação das parteiras tanto por médicos quanto por parte das enfermeiras. Por isso, é relevante os trabalhos sobre parteiras, sobre memórias.

Em um artigo intitulado *Parteiras Tradicionais de Pernambuco: Saberes, Práticas e Políticas* (2013), Melo, Müller e Gayoso realizaram o Inventário dos Saberes e Práticas das

Parteiras Tradicionais entre 2008 e 2011, com o objetivo de (re) conhecer as parteiras, os saberes e visões de corpo e de mundo que são transmitidos entre gerações. E, durante o processo foi solicitado o Registro do Ofício das parteiras como Patrimônio Cultural Brasileiro.

Melo, Müller e Gayoso (p. 2, 2013) afirmam: “o gerar, o parir e o nascer são cercados de costumes, saberes e fazeres, transmitidos entre gerações, que constituem parte do patrimônio cultural de nossa sociedade”. Por isso, as autoras realizaram o inventário tendo como instrumento de pesquisa o Decreto 3.551/2000, do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Esse documento tem a função de salvaguarda dos bens considerados intangíveis.

Melo, Müller e Gayoso (2013) pretenderam dar visibilidade aos grupos e destaque a eles que historicamente estão à margem das políticas por parte do Estado. Durante a pesquisa as autoras geraram vasto banco de dados e acervos fotográficos que revelam aspectos múltiplos da parteira tradicional pernambucana. A pesquisa foi realizada em locais como Associação ou Núcleos de Parteiras no estado de Pernambuco. Participaram da pesquisa seis localidades e três etnias, que contaram suas histórias de vida.

Na atualidade há transformações na forma de atuação da parteira, o elo entre as parturientes e o serviço de saúde. Algumas das parteiras relataram que são orientadas pelo Sistema Único de Saúde a encaminharem as gestantes para os serviços de saúde e hospitais. Foi a recomendação em alguns cursos de capacitação.

Melo, Müller e Gayoso (2013) mencionam que durante o processo do inventário foi decidido requerer o Registro do Ofício de Parteira Tradicional para reconhecimento e valorização do ofício e efetivação e revisão de políticas públicas. Mas, na área cultural não há formação continuada que tenha como ponto de partida os saberes das parteiras. O que existe são ações que tem a finalidade de ensinar novos conhecimentos a parteiras tradicionais. Nesse sentido, o conhecimento popular, e as parteiras tradicionais são submetidos à ciência.

Ao requererem o Registro do Ofício das Parteiras como patrimônio cultural do Brasil foi indeferido devido haver interface com a área da saúde pública e médica. Mas, foi afirmada a relevância do saber e por isso recomendou a realização de inventários em outras regiões do país para ter o máximo de documentação sobre esse conhecimento e ter mobilizações institucionais para valorizá-lo.

A pesquisa foi realizada com mais de duzentas parteiras. Foi identificado nos relatos que possuem práticas divergentes, mas também convergem em alguns pontos. Uso de chás, rezas e simpatias foram os exemplos citados.

As parteiras relataram que apalpm a barriga para verificar a posição do bebê ou ajeitá-lo e além disso, o exame de toque para verificar se o parto irá demorar. Se perceber que a cabeça da criança está distante, demorará a nascer.

Durante o trabalho de parto, as parturientes são orientadas a se movimentarem, bebem chá de pimenta do reino, café com manteiga e garapa para estimular as contrações. Em alguns casos é feita massagem na barriga para aumentar a dor ou aliviar dores de contração. As parteiras indicam chá para a “limpeza” das mulheres e sugerem além da abstenção de relação sexual uma dieta diferenciada. São feitas visitas diárias para acompanhar a recuperação das parturientes e dar banho no recém-nascido até o coto do umbilical cair.

Cegano e Almeida (2004) realizaram uma pesquisa em duas cidades do Rio Grande do Sul sobre parteiras e afirmam que apesar do parto ser institucionalizado e ter benefício, se tornaram impessoal e com pouco ou nenhum afeto, excluindo as famílias durante o processo, resultando em um momento frio e sofrido. As autoras foram motivadas a realizarem a pesquisa por uma das bisavós ter sido parteira, e também desejarem conhecer as histórias obstétricas de suas avós, em meados do século XX.

As entrevistadas pelas autoras relataram que eram indicadas pelas parteiras, cuidados como: não tomar banho de chuveiro, não lavar a cabeça e se alimentar a base de caldos. Afirmaram que caso não fosse seguido à orientação, suas vidas corriam riscos por hemorragias e infecções. Não comiam carne de porco, eram aconselhadas a ficarem três dias deitadas com os pés juntos para o retorno da anatomia do corpo e ainda eram orientadas a não terem relações sexuais. Tomavam chá de camomila e marcela para prevenir e recuperar moléstias em decorrência do parto que as elas poderiam ser acometidas.

Cegano e Almeida (2004) afirmaram que conhecer os rituais, crenças e valores citados pelas entrevistadas permitiu refletir sobre as práticas utilizadas na atualidade, e mencionam que é necessário considerar o conhecimento popular, para que o processo de nascimento seja harmônico, com respeito e solidariedade. Tornar o parto humanizado efetivo.

Costa (2012) realizou sua pesquisa com parteiras de Santa Catarina e no norte de Minas Gerais. Realizou sete entrevistas e foi relatado que para curar o umbigo era usado azeite e pó de fumo. Para aumentar as contrações era dado banho com folhas de jenipapo, e dava chá de canela.

Em relação à alimentação as parturientes eram aconselhadas a não comerem repolho, batata-doce e ovo. Também não podia se alimentar de comida dormida, tendo que fazer arroz e feijão todos os dias.

Nas entrevistas realizadas por Costa (2012) foi citada ainda, a relação de gênero no âmbito hospitalar, já que, mesmo sendo parteiras antes de se especializarem há invisibilidade no trabalho feminino devido o parto girar em torno dos procedimentos médicos. De acordo com a autora, isso é fruto da misoginia na Idade Média que se intensificou no início da modernidade, com a caça as bruxas durante a inquisição. Para a autora as parteiras têm muito a contribuir na discussão sobre o parto humanizado, permitindo o cuidado solidário entre as mulheres.

A discussão feita por Costa (2012) sobre a invisibilidade do trabalho feminino com base em legislação e reforma universitária incide no debate sobre patriarcado. Saffiot (1987) cita que o patriarcado é um sistema de exploração que está relacionado ao terreno econômico. Nesse sentido refletir que anteriormente a chegada dos hospitais, a função de parteiras era assumida por mulheres, mas com a medicalização e masculinização do parto foram excluídas deste processo, houve a intenção e propósito de coloca-las em posição subalterna.

De acordo com Saffiot (1987) a inferioridade social da mulher está relacionada aos preconceitos milenares que são passados pela educação formal e não formal para gerações mais novas. Assim, como mencionou Costa (2012) que com a reforma universitária o trabalho das parteiras foi considerado ilegal, e com a Enfermagem Moderna o trabalho autônomo das parteiras foi marcado pela caça as bruxas, isto indica que os saberes delas foram desqualificados pela ciência.

Outra questão que Costa (2012) também destaca é que com a reforma universitária, o curso de obstetrícia passou da faculdade de medicina para as escolas de enfermagem, o que resultou numa correlação de forças entre os cursos, já que, a enfermagem formava muito menos profissionais, enquanto gineco-obstetras atuando no Brasil os números eram maiores, apesar de ainda ser insuficiente para a demanda do país.

É importante salientar que a autora cita sobre a questão salarial, que colabora para refletir sobre o patriarcado. As enfermeiras obstétricas recebem baixos salários. Ou seja, apesar do curso de enfermagem formar mais profissionais mulheres há desvalorização salarial comparado aos profissionais da área da medicina.

Como Saffiot (1987) menciona sobre a inferioridade da mulher ser resultado de preconceitos milenares e Costa (2012) destacar a desvalorização das enfermeiras obstétricas, Federici ao analisar a transição do feudalismo para o capitalismo cita que: “a criminalização da contracepção expropriou as mulheres deste saber que havia sido transmitido de geração à geração [...]” (2004, p. 167), contribuindo nesse sentido para refletir sobre a desqualificação que as mulheres sofreram ao longo do tempo.

Nesse interim, pensando sobre desqualificação vale citar Quijano (2005) que denomina como eurocentrismo, perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento. Se refere a uma racionalidade específica que é sobreposta a outras, se tornando hegemônica e que coloniza outras racionalidades.

Segundo Quijano (2005) o eurocentrismo primava pela salvação da alma, contudo o corpo ressuscitado é a culminância da salvação. Dessa forma, era feita diferenciação do corpo e não corpo. E na perspectiva da racionalidade eurocêntrica, o corpo é visto como objeto de conhecimento, e não se enquadra no sujeito/razão.

Mencionado por Costa (2012) que a Enfermagem Moderna, durante quatro séculos o trabalho autônomo das parteiras foi marcado pela caça as bruxas, como Perrot (2007) também afirma que no século XVIII com a medicalização do parto tornou um campo masculino, é visível a relação corpo e não corpo abordado por Quijano (2005).

Desta forma, para valorizar uma prática antiga que era realizada apenas por mulheres, neste capítulo foi trazido as pesquisas de Costa (2012) que realizou sete entrevistas com parteiras em Santa Catarina e no norte de Minas Gerais, Cegano e Almeida (2004) pesquisaram em duas cidades do Rio Grande do Sul e também Melo, Müller e Gayoso (2013) que fizeram entrevistas com parteiras de Pernambuco com o intuito de organizar inventário. Com isso, nos próximos tópicos será discorrido os noticiários sobre Mãe Sérgia, a parteira de Curaçá.

#### 4.4 MÃE SÉRGIA NOS ESCRITOS

No Museu Auristela Torres, Maria Sérgia da Conceição foi apresentada bordando renda bilros, o que sugere que essa atividade fosse um hábito da parteira. No livro de Esmeraldo Lopes *Caminhos de Curaçá* (2000) descreve ausências de serviços na comunidade e que os moradores que tinham poder aquisitivo melhor se deslocavam para Juazeiro ter acesso a produtos e serviços. Na época farmácia e dentista não tinham em Curaçá. O que tinha disponível eram rezas, remédios de pau, raspa de catingueira para dor de barriga, chá de eucalipto para febre, tição passado em cruz nos pés para cortar íngua.

Para resguardo, usava cebola branca, raspa de quebra faca e arruda para fazer inguento. Para mulher que estivesse em parto, havia assistência de parteira. É neste momento que Mãe Sérgia é citada no livro de Esmeraldo Lopes (2000, p. 38): “[...] Mãe Sérgia a mais famosa. Fez muito trabalho de nascimento. Na rua, no tempo dela, pegou quase todo mundo

que nasceu [...]”. Também, é aludida a curaçaense realizando um ritual durante a chegada da criança ao mundo: “[...] O menino nascendo e a parteira com um cachimbo na boca. Menino nascido, um assopro de fumaça no imbigo dele [...]”.

A citação de Lopes (2000) sobre a parteira ser a mais famosa revela a sua importância para a comunidade em uma época que a cidade não tinha serviços básicos para atender as necessidades da população. Sobre o ritual citado na hora da criança nascendo indica que a mesma possuía conhecimento sobre benefícios de remédios naturais, um saber popular.

Em uma nota de rodapé, foi aludida que a parteira faleceu na década de 1960 e que fazia trabalhos de parto por várias gerações, mas não cobrava. A afirmação “fazia trabalhos de partos por várias gerações”, reforça sobre a importância dela para a população curaçaense. Torres (2012) no seu trabalho de conclusão de curso afirma que no Sertão Nordestino as mães tinham confiança nas parteiras.

Torres (2012) revela que a pesquisa tem caráter documental para registrar trajetórias de vidas das mulheres curaçaenses que contribuíram para o engrandecimento cultural, político e social do município. No seu trabalho foram entrevistadas mulheres, vaqueira, religiosa, professora, parteira (2), agricultora e militante. Sendo que, durante a escrita do trabalho a autora cita que Mãe Sérgia foi uma das mais famosas parteiras.

Lopes (2000), em relação a Maria Sérgia da Conceição, refere que era descendente de povos escravizados e posterior a seus pais foi à guardiã da bandeira. Até os dias atuais a bandeira sai todos os anos de sua casa. Também, Silva e Melo (2019) além de que Mãe Sérgia era parteira, aludem sobre a curaçaense no âmbito cultural:

[...] a Marujada sempre esteve ligada a Festa de São Benedito e a família de Mãe Sérgia. Esta, filha de escravos, foi a parteira das crianças de Curaçá por mais de um século, vindo daí o epíteto. Teria sido seu Saturnino um dos escravos que deram origem a Marujada, seguido por seu esposo Júlio e seu filho Antônio Tomás Rodrigues [...] (SILVA E MELO, 2019, p. 627).

Sobre esta permanência da festa até os dias atuais, Soares Neto (2010) trabalhou com técnicas etnográficas e observação participante em algumas festas populares, e uma das festas foi a Marujada em Curaçá. Mãe Sérgia foi citada como “[...] uma pessoa que é referência importante para na história da Marujada de Curaçá [...]” Soares Neto (p. 160, 2010). No mesmo parágrafo é descrito parte do ritual que ocorre em frente à casa de Mãe Sérgia.

Em outro parágrafo, foi citado pelo autor que no ano de 1990 na cidade, um projeto que teve o nome de Mãe Sérgia “[...] matriarca que institucionalizou a marujada no início de século XX [...]” (2010, p. 163). Além de Silva e Melo (2019), Soares Neto (2010) e Lopes

(2000) enfatizarem sobre Mãe Sérgia na festa da cidade, Cardoso (1985) abordava sobre a Festa de São Benedito e Marujada, a autora citou a respeito da casa de Mãe Sérgia. De acordo com a autora, após a missa, as pessoas iam na casa de Mãe Sérgia, viúva de Saturnino (escravo), que guardava a Bandeira. Sendo possível, refletir sobre sua relevância para o quesito cultural da cidade.

#### 4.5 MÃE SÉRGIA NO ASA BRANCA

Em Juazeiro, BA, na Fundação do Museu Regional do São Francisco, Santos (2014) se surpreendeu com os impressos achados, pela diversidade da temática, por conter práticas culturais de diversas cidades baianas e ficou surpreendida pela trajetória de José Diamantino de Assis, tipógrafo, diretor e redator dos periódicos, *O Astro*, *A Marrêta*, *O Sertão*, entre outros. O que chamou atenção da pesquisadora foi a série documental conter um jornalismo diversificado que foi produzido por apenas uma pessoa durante trinta e sete anos.

De acordo Santos (2014) o tipógrafo não deixou cartas, relatos memorialístico e diário que relatasse sobre sua vida, mas a partir dos fragmentos encontrados na produção jornalística foi possível descobrir aspectos, como por exemplo, interações sociais e práticas comunicativas. Dessa forma, foi possível Santos (2014) investigar as travessias comunicacionais vivenciadas pelo tipógrafo.

Santos (2014) afirma que nos livros memorialístico sobre a história da cidade há pouca informação sobre José Diamantino de Assis como profissional da comunicação. Mas, que ao ter contato com pequenos jornais na Fundação do Museu Regional do São Francisco corroborou para investigar os processos comunicativos que houve na cidade. Nesse sentido, é relevante refletir sobre lugares de memória:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos [...]. É material por seu conteúdo demográfico, funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão, mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número, uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 21-22).

Como explicita Nora (1993) sobre cristalização da lembrança, o tipógrafo na Fundação do Museu Regional do São Francisco tem sua lembrança cristalizada, o que permitiu Santos

(2014) ter acesso as informações a partir dos impressos encontrados. José Diamantino foi diretor e redator de oito impressos, durante trinta sete anos.

No impresso *O Astro* abordava notícias locais e anedotas, em *A Marrêta* deu ênfase aos costumes, tradições, fatos cotidianos, e apropriações das novidades tecnológicas pela população e no jornal *Itiubense* tinham notícias e textos opinativos sobre o cotidiano da cidade, o que é possível pensar sobre uma época distante e experiências vividas pelo tipógrafo. Ainda, a autora destaca que José Diamantino de Assis foi o único profissional a publicar um jornal que se dedicava exclusivamente a prática esportiva na cidade.

Há na Universidade do Estado da Bahia, Campus III o arquivo Maria Franca Pires. Cusati, Santos e Ávila (2017) delimitaram a pesquisa entre as décadas de 1950 a 1980, e analisaram três cadernos de anotações e diários de classe, que estão registrados memórias da infância, trajetória no colégio de freiras, observações de suas andanças nas cidades ribeirinhas, relatos de festas religiosas e expressões culturais populares. Foram algumas das temáticas escritas pela professora Maria Franca Pires.

Cusati, Santos e Ávila (2017) afirmam que chamou atenção devido a professora Maria Franca Pires escrever de forma minuciosa sobre práticas ritualísticas ligadas à cultura afro-brasileira. De acordo com os autores “[...] Maria Pires foi uma das pessoas que se interessam pelo registro de temas não visibilizados pela história oficial [...]” (Cusati, Santos e Ávila, 2017, p.261). Contribui, nesse sentido para pensar sobre “os segredos” que há nos arquivos.

Assim como Santos (2014) identificou que José Diamantino de Assis abordava sobre as apropriações das novidades tecnológicas pela população, Cusati, Santos e Ávila (2017, p. 262) afirmam que a professora Maria Franca Pires “assistia as mudanças aceleradas do tempo sobre a cidade, e os hábitos dos moradores”. Isto colabora para refletir sobre a exigência dos curaçauenses por uma Casa de Parto no município, ou seja, necessidade de mudança em relação a falta de serviços no município.

Os lugares de memória: “pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração” (NORA, 1993, p.21), ou seja, estão contidas nos arquivos da cidade as experiências mais sensíveis vivenciadas pelos indivíduos e a época.

É importante destacar que no Museu em Curaçá não há informação sobre a reivindicação da Casa de Parto por parte dos munícipes. Essa informação foi encontrada nas reportagens do Asa Branca, na Biblioteca Municipal. E, além disso, também sua relevância para a cultura da cidade foi destacada no impresso.

Na tentativa de saber sobre a origem da Marujada em Curaçá, ouvimos diversas pessoas, principalmente marujos mais velhos. Das informações recebidas concluímos que a origem da festa dos marujos pode estar ligada ao fato de que era costume dos senhores de escravos lhes concederem um dia de total liberdade: o dia 31 de dezembro, disto eles se aproveitavam para cantarem e dançarem, lembrando os costumes africanos [...] o costume foi passado por várias gerações, e mesmo após a abolição da escravatura foi mantido [...] Mãe Sérgia ainda está em nossa memória, mas tão somente em nossa memória [...] deve haver um maior reconhecimento [...] às pessoas que tiveram na manutenção das nossas tradições culturais (JORNAL ASA BRANCA, ano 1, n° 8, p. 09, 1980).

Mãe Sérgia foi guardiã da bandeira de São Benedito, uma das pessoas que contribuíram para a manutenção da tradição. Nesse interim, refletir sobre a função destes lugares de memória é relevante. Como afirma Nora (1993) são lugares funcionais por garantir cristalização da lembrança e transmissão, ou seja, retorna a um tempo longínquo, e transmite informações sobre hábitos, cotidianos e tradições de outros tempos. Mãe Sérgia é apresentada no impresso como um dos ícones para a cultura local, da cultura negra, e que não deve ser esquecida. Também foi questionado no jornal: “[...] Mas o que foi feito de homenagem aos que tanto lutaram pela sua preservação e da cultura negra?” A população curaçense é incentivada à reflexão para valorizar a figura da parteira e manter a cultura.

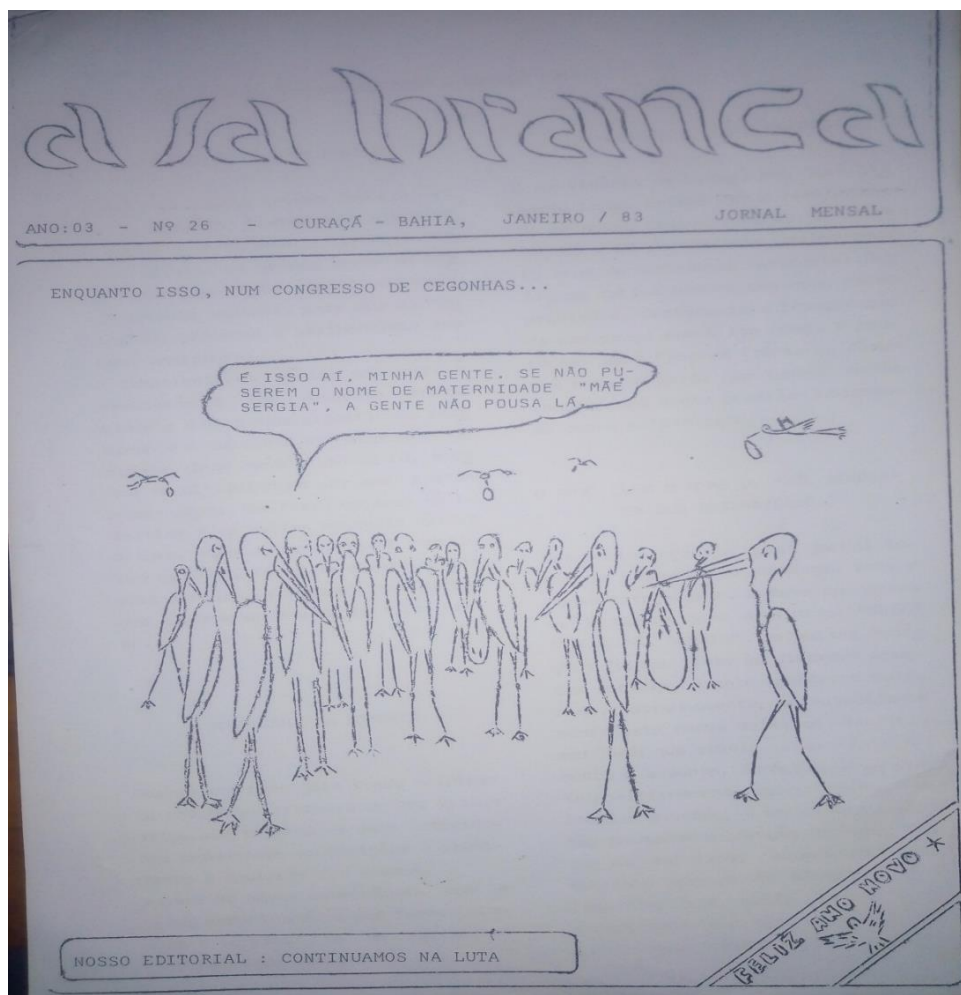
Sobre a cultura local foi enfatizado no impresso a importância da tradição para os curaçenses: “[...] Para o povo de Curaçá de hoje, a Marujada já é parte da história de todos e não apenas dos negros” (JORNAL ASA BRANCA, ano 1, n° 8, p. 09, 1980). Indica nesse sentido que a festa é de toda a comunidade, não restrita aos negros, como em outros tempos, que era um dia concedido aos escravos para festejarem.

Sobre Mãe Sérgia como parteira, foi afirmado no Asa Branca: “[...] chamamos a atenção de todos para a injustiça cometida à memória de “Mãe Sérgia”. Além de zelar pela preservação da nossa cultura, ela foi importante na nossa comunidade como parteira [...]” (ano 1, n°8, p. 09, 1980). Destaca sua relevância tanto no quesito cultural como social. Assim, é relevante pesquisar as memórias sobre a parteira, para que a mesma não seja esquecida, e seja valorizada.

Como foi dito por Santos (2014) que nos livros memorialísticos da cidade, pouca informação foi tida sobre o tipógrafo, e encontrou rastros na Fundação do Museu Regional do São Francisco. Vale lembrar Mãe Sérgia enquanto parteira, nos lugares de memória não havia informação mais detalhada sobre seu exercício de partejar, quem era Mãe Sérgia. Sendo assim, é relevante buscar nas memórias a história da parteira.

No Asa Branca que funcionou entre 1980 e 1983 e era mensal, foi mapeado quatro reportagens sobre a reivindicação da Casa de Parto que tivesse o nome Mãe Ségria. E no jornal ano 3, número 26 em 1983 foi elaborada uma capa em que é citado o nome da parteira (Foto 8)

**Foto 8: Capa do Jornal Asa Branca**



**Fonte: Biblioteca Municipal Padre José Torres Costa, 2018**

É importante ressaltar que Curaçá necessitava de serviços, como foi aludido anteriormente. Um deste serviço que faltava era a maternidade, e por isso, as mulheres se deslocavam para Juazeiro para terem seus filhos, ou tinham assistência das parteiras (LOPES, 2000).

Na capa do Asa Branca, a frase: “Enquanto isso, num congresso de cegonhas... É isso aí minha gente. Se não puserem o nome da maternidade “Mãe Ségria”, a gente não pouso lá” (JORNAL ASA BRANCA, p.1, ano 3, 1983). Ao que tudo indica foi utilizado para denunciar

rivalidade entre o desejo de parte do povo curaçauense e políticos locais. Este entrave foi denunciado pelo impresso em relação ao nome da maternidade. Na página 3 foi mencionado:

[...] O povo curaçauense já tem um nome escolhido: “maternidade Mãe Sérgia”. As muitas sondagens feitas junto às diversas camadas sociais, jamais apontaram outro nome. Estranhamente, as autoridades municipais nunca deixaram transpirar nada que revele suas opiniões sobre o assunto. Suspeita-se que este posicionamento aparentemente alheio à questão, é um disfarce para não chamarem atenção do povo, já que as referidas autoridades não querem o nome Mãe Sérgia (JORNAL ASA BRANCA, ano 3, n° 26, p.3, 1983)

Bim Fernandes (2008) cita que um dos coordenadores do Jornal Asa Branca revelou que o impresso era um veículo opinativo. E, ao final da reportagem citada, os curaçauenses foram alertados para o que podia ocorrer em relação ao nome da maternidade, e convocados a protestarem: “[...] Fiquemos, pois, muito atentos para o desfecho. Se o nome escolhido for outro protestemos, pois como já foi comprovado, nenhuma outra pessoa nesta terra é mais merecedora que MÃE SÉRGIA desta homenagem, desta prova de amor [...]”. (JORNAL ASA BRANCA, ano 3, n° 26, p.3, 1983), indicando assim a admiração e respeito que tinham pela parteira, e que a mesma deveria ser homenageada.

Bim Fernandes (2008) menciona que os integrantes do impresso fizeram um balanço do primeiro ano. Foram inúmeras reivindicações por parte dos editores e colaboradores. No exemplar n° 8, ano 1, p.9, 1980 foi exigido a maternidade para o município: “[...] É indiscutível a necessidade da existência de uma maternidade em Curaçá [...] e parece mais justo que ela, quando criada, venha receber o nome de “Mãe Sérgia”, ou seja, denuncia a falta de serviço no município, e além disso, frisam a necessidade de reverenciar a parteira.

O título da reportagem citada no exemplar 8 é: “Em reverência a memória de Mãe Sérgia” indicando a necessidade de reverenciá-la para que a parteira não seja esquecida. Ainda, mais uma vez a população foi convocada para a luta: “Conclamamos a todos para lutarem, desde já, junto às autoridades pela concretização desta ideia, pois assim estaremos fazendo justiça à memória daquela que é “Mãe Símbolo de Curaçá”” (JORNAL ASA BRANCA, n° 8, ano 1, p.9, 1980). Ou seja, sempre destacam a importância que da figura Mãe Sérgia para o município.

Em outro exemplar, ano 1, a reportagem tem como título: “Maternidade Mãe Sérgia Em local Mais Adequado”. Durante a reportagem foi citado que a “cidade é antiga, mas que poderá ser favorecida com os benefícios da época moderna”:

Em breve será construída uma maternidade em Curaçá e tudo indica que será edificada vizinha a uma quadra esportiva de um lado e do outro uma estrada além de estar na reta e próxima ao campo de pouso. Será que realmente o local escolhido para a construção da maternidade é o melhor espaço disponível? Achamos que não e

propomos que a população interfira enquanto o erro não se realiza. (JORNAL ASA BRANCA, ano 1, número 11, p. 8, 1981)

Assim, como foi identificada nos arquivos de Juazeiro e nos escritos da professora Maria Franca Pires sobre as mudanças aceleradas do tempo. No Asa Branca, encontrado na biblioteca do município foi citado um dos benefícios da época moderna para a cidade de Curaçá. No caso a maternidade. O que corrobora para a reflexão de Nora (1993) sobre os lugares de memória que um de seus aspectos é funcional por hipótese, por garantir a cristalização da lembrança e sua transmissão. Os lugares de memória remete a outros tempos.

Em mais uma reportagem foi citada e posta a opinião dos integrantes do jornal, sobre a escolha do local. E, à população foi sugerida a interferência, para que não fosse construída em local inadequado. Ainda, na mesma reportagem é frisado sobre a edição anterior: “A propósito, lembramos que em número anterior deste jornal sugerimos que esta maternidade receba o nome de “Mãe Sérgia”, sugestão esta que tem recebido total apoio de grande parte da comunidade” (JORNAL ASA BRANCA, ano 1, nº11, p.8, 1981). Enfatizada a necessidade de uma maternidade para o município com o nome da parteira, que seus feitos, o ato de partejar seja reconhecido pela comunidade.

Como já foi dito, no Museu Auristela Torres não contém nenhuma informação sobre a reivindicação da maternidade por parte da população que tivesse o nome de Mãe Sérgia. Sobre isso só no jornal Asa Branca, encontrado na Biblioteca Municipal. Barbosa (p. 22-23, 2018) afirma que “uma questão muito importante concerne à intencionalidade do documento. Nenhuma produção documental é neutra [...]”. A partir disso interpreta-se que os integrantes do jornal Asa Branca quiseram registrar a disputa em relação ao nome da maternidade de Curaçá, que parte da população almejava o nome de Mãe Sérgia, mas os políticos não se mostraram em concordância com esta exigência.

Assim, esse “segredo” (reivindicação da Casa de Parto) descrito no Jornal Asa Branca, encontrado na Biblioteca Municipal da cidade de Curaçá será um dos assuntos comentados a seguir. Também, as experiências mais sensíveis vivenciadas por Mãe Sérgia foram relatadas pelos curaçaenses, as lembranças da infância, memórias de quem teve relação com a parteira. Através destas memórias, da História Oral é possível conhecer sobre outros “segredos”, as experiências únicas não expostas no Museu Auristela Torres e nem na Biblioteca do município.

## 5. MEMÓRIAS CURAÇAENSES

Neste capítulo são apresentadas as memórias dos curaçaenses sobre Mãe Sérgia. É importante destacar que para as entrevistas foram escolhidas pessoas que na infância tiveram contato com a parteira e professores que atuam ou atuaram no município de Curaçá, no Vale do São Francisco. Durante a elaboração do projeto para a seleção do programa de Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, na UNEB, Campus III, foi feita pesquisa exploratória, entrevistas com curaçaenses, posterior ao contato com a foto de Mãe Sérgia no Museu Auristela Torres e com os exemplares do Jornal Asa Branca na Biblioteca do município. Na pesquisa exploratória foram realizadas conversas com curaçaenses no intuito de conhecer sobre o município. A questão cultural foi também um dos questionamentos, uma vez que Mãe Sérgia foi guardiã da bandeira de São Benedito e em frente à casa da parteira até os dias atuais ocorrem ensaios e ritual da festa. Contudo, é relevante citar que durante a pandemia as entrevistas ocorreram através da plataforma zoom, já que, nas cidades tiveram restrições.

Durante a pesquisa exploratória três entrevistas foram realizadas e duraram em torno de trinta a cinquenta minutos. No processo de ida a campo, na escrita da dissertação ocorreram mais cinco entrevistas, totalizando oito. É relevante destacar que dois dos entrevistados cederam seu tempo tanto na pesquisa exploratória, como também durante o período da escrita desta dissertação. E que, devido o momento pandêmico houve três desistências por não estarem familiarizados com a tecnologia e também o excesso de atividades que devido ao trabalho *home office* não foi possível incluir a solicitação da pesquisa na agenda.

Na ida a campo as entrevistas ocorreram em torno de uma hora/ uma hora e trinta minutos. Nesta fase as perguntas elaboradas aos curaçaenses foram mais voltadas a Mãe Sérgia, as memórias afetivas sobre a parteira e como os profissionais da área de educação abordam sobre ela em sala de aula. Também foi feito questionamento sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas que estão inseridas no município e se a figura de Mãe Sérgia é citada em algum momento no documento.

Na pesquisa sobre Mãe Sérgia a memória em disputa está em evidência. Segundo Pollack (1989, p.5): “[...] O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais [...]”. No Jornal Asa Branca foi noticiada a disputa em relação ao nome da maternidade da cidade. O desejo de boa parte da população era que o nome da instituição

fosse Mãe Sérgia, mas, os políticos não concordaram com a reivindicação da comunidade. Sendo assim, o impresso é um rastro, vestígio do conflito que ocorreu entre políticos e munícipes, disputa entre parte da população e representantes de Curaçá daquele período.

Outro indício desta memória em disputa é que pouco se conhece sobre Mãe Sérgia. Há ausência de registros sobre a parteira, como foi afirmada pelos entrevistados. Nesse sentido, é necessário questionar quem escreveu e registrou a história de Curaçá? Foi escrito por homens brancos? Não restringindo esta ausência de informações em relação a Mãe Sérgia, mas a própria fundadora da cidade, Feliciano Maria Santa Theresa de Jesus. Torres (2012) em sua pesquisa almejou mais dados sobre Feliciano Maria Santa Theresa de Jesus, contudo não obteve sucesso, e por isso se dedicou a catalogar histórias das curaçaenses (professora, parteira, militante) para que as memórias de mulheres não fossem esquecidas.

Com o mesmo intuito de Torres (2012), esta pesquisa sobre Mãe Sérgia se propõe a mapear as memórias dos curaçaenses sobre ela, para que não seja esquecida, e que se tenha registro sobre a parteira também na comunidade acadêmica. E, ainda para que seja valorizada mais uma história de uma mulher negra do Semiárido Brasileiro. Assim, para esta empreitada a História Oral é fundamental para enriquecer e contribuir com as informações que estão postas nos lugares de memórias da cidade de Curaçá.

De acordo com Lozano (2006, p. 16) “[...] a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais”. Por isso, essa pesquisa memórias sobre Mãe Sérgia questiona os curaçaenses sobre as lembranças e memórias afetivas em relação à parteira. Do que lembram na infância, as experiências que obtiveram e que foram vivenciadas com ela.

Uma das perguntas feitas aos entrevistados foi sobre a reivindicação de parte da população pela Casa de Parto que obtivesse o nome Mãe Sérgia. O que sabem sobre? Lembram-se desse fato? Como ocorreu o desenrolar desta exigência? Também, como foi dito inicialmente, além dos escolhidos para a pesquisa serem pessoas que tiveram contato com a parteira, professores do município também contribuíram de forma relevante. Por isso algumas perguntas feitas foram sobre o ensino, o que é ensinado sobre Mãe Sérgia? No sentido de investigar quais memórias sobre ela são disseminadas.

A relevância em investigar o que é ensinado a respeito de Mãe Sérgia é por contribuir para a valorização e preservação da memória local. De acordo com Le Goff (2003) os governantes nas sociedades desenvolvidas não “livraram” os novos arquivos orais e audiovisuais da vigilância. Ainda, para o autor, os profissionais científicos da memória

(jornalistas, historiadores, antropólogos) devem lutar pela democratização da memória social. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”, Le Goff (2003, p. 471). Por isso, é relevante pesquisar as memórias sobre a parteira, e quais lembranças sobre ela são transmitidas, para preservar e valorizar o passado, e a história.

Como o autor mencionou sobre a democratização da memória social que corrobora para salvar o passado, servir ao presente e ao futuro. Nessa pesquisa ao questionar os entrevistados sobre o episódio da maternidade em Curaçá, colabora para conhecer a história e refletir sobre mobilizações de parte dos curaçaenses no passado. Levantar questões, como, o porquê a exigência de parte da população curaçaense não foi aceita?

Le Goff (2003, p. 469) cita que:

[...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

Assim, a pesquisa *Memórias dos Curaçaenses Sobre Mãe Sérgia: Relevância Social e Cultural Para Uma Cidade Localizada no Submédio São Francisco* contribui para o reconhecimento das memórias em torno da parteira. Ainda, “lutar” pela preservação desta e pela ascensão da história de uma mulher negra no Semiárido Brasileiro.

Para o autor “[...] a memória coletiva é não somente uma conquista. É também um instrumento e objeto de poder” Le Goff (2003, p. 469). Por isso, escutar e mapear as memórias dos curaçaenses visibiliza a história dela enquanto parteira, e rememora a disputa entre parte da população e seus representantes, que propiciou a discussão sobre patriarcado e interseccionalidade.

Silva (2019) menciona que o conceito de patriarcado teve destaque através do estudo feminista com as teóricas Cristine Delphy, Carole Pateman, Silvia Walby e Heleieth Saffioti. De acordo com a autora a partir do estudo ampliou-se as pesquisas sobre a natureza das opressões contra as mulheres e como as violências estruturavam-se nas instituições e na sociedade.

Ainda, para Silva (2019, p.11) “O uso do conceito de patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite demonstrar que a opressão não está presente somente na esfera familiar, no âmbito trabalhista, na mídia ou na política”. Sendo assim, é pertinente refletir sobre a disputa pela memória na cidade de Curaçá, denunciada pelo jornal *Asa Branca*. Também, vale refletir que o patriarcado propicia ausência de informações sobre mulheres e invisibilidade, já que é o domínio dos corpos das mulheres.

A autora afirma que “[...] o patriarcalismo centralizado na formação e reprodução do poder político compõe a dinâmica social como um todo, estando, inclusive, enraizado na cultura e cotidiano de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais” (SILVA, 2019, p.11) e isto é percebido, como já foi dito sobre o apagamento das memórias sobre mulheres de Curaçá, a parteira e a fundadora da cidade, já que não há documentos oficiais sobre elas.

Silva (2019) ressalta que quando o sistema patriarcal é enraizado na cultura, são construídas barreiras que diminuem a possibilidade de mulheres participarem politicamente com a mesma visibilidade e direito à voz que os homens possuem. Por isso, durante as entrevistas foi perguntado o que sabem sobre Mãe Sérgia, qual conhecimento sobre a parteira na cidade é transmitido aos estudantes e como a mesma é referenciada no Projeto Político Pedagógico das escolas do município. São questões relevantes para discutir e refletir sobre a notoriedade de Mãe Sérgia enquanto guardiã da Bandeira de São Benedito e também enquanto parteira da cidade.

Silva (2019) cita que “patriarcado, então é poder político, ou melhor, uma forma de poder enraizada e estruturada de maneira que os homens tomem posse dos corpos femininos”. Contribuindo assim, para pensar sobre esta dominação. O que é divulgado sobre a história desta parteira de Curaçá? O porquê o nome escolhido para a maternidade do município não foi de Mãe Sérgia? São perguntas feitas durante a pesquisa para compreender como a estrutura patriarcal está inserida na sociedade.

Para a autora aludida, “Isto se deve ao fato de o patriarcado representar um tipo hierárquico de relação que está presente em todos os espaços sociais, além de ser uma relação civil e não privada” (SILVA, 2019, p. 31). Por isso, é pertinente destacar nesta pesquisa sobre a reivindicação da Casa de Parto na cidade.

Silva (2019) cita sobre patriarcado moderno. De acordo com a autora está ligado à sujeição da mulher e o direito político exercido pelos homens por serem homens. E acrescenta que essa dominação não está presente somente na família. Corroborando para pensar o patriarcado em outros campos como cultural e político. Por isso, valorizar a história e a relevância de Mãe Sérgia enquanto parteira é imprescindível para que sua memória seja preservada.

É citado que “[...] o indivíduo masculino é o agente do patriarcado, isto é possui direitos sobre as mulheres” (SILVA, 2019, p.33). Compreendendo dessa forma, não apenas especificamente direitos sobre as mulheres, mas, direitos em relação às mulheres, excluindo-as de participação, de destaque e visibilidade.

Silva (2019) cita que o patriarcado é poder político, econômico e estruturante que reflete nos corpos femininos, e está organizado para que as mulheres sejam subordinadas aos homens, bem como pessoas negras em relação às pessoas brancas. Assim, neste trabalho vale refletir também sobre interseccionalidade, já que Mãe Sérgia era mulher negra.

Nesta pesquisa será refletido sobre interseccionalidade tendo como referência Ângela Davis (2013), Bel Hooks (2015) e Lélia Gonzalez (1982). Hooks (2015) afirma que as feministas brancas “não compreendem plenamente a inter relação entre opressão de sexo, raça e classe” (HOOKS, 2015, p. 207), o que contribui para este trabalho, uma vez que, Mãe Sérgia era negra, descendente de povos escravizados, e pertencia a uma classe que não tinha alto poder aquisitivo.

Hooks (2015) menciona que a condição da mulher negra é inferior a qualquer outro grupo por ser vítima da opressão machista, racista e classista. Ainda, cita que:

[...] para a continuação da luta feminista é essencial que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar hegemonia racista, classista e sexista dominante, e vislumbrar e criar uma contra- hegemonia (HOOKS, 2015, p.208).

Assim, a partir das entrevistas realizadas com curaçauenses sobre Mãe Sérgia foi possível identificar hegemonia racista, machista e classista no contexto em que a mesma viveu. Mãe Sérgia, mulher negra, descendente direta de escrava atuou como parteira na cidade e como guardiã da Bandeira de São Benedito. Sendo assim, a possibilidade de valorizar e preservar a história da curaçauense, através da História Oral contribui de forma significativa para preservação da memória.

De acordo com Thompson (1992) a história oral contribui para divulgar novos campos de investigação e ainda:

[...] pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história- seja em livros, museus, rádio ou cinema, pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p. 22).

Dessa forma as entrevistas são significativas para a pesquisa, visto que, foram aludidas as memórias afetivas, vivências e lembranças em relação à parteira. O que é possível refletir sobre a importância de uma mulher negra, descendente de escrava enquanto parteira no Semiárido Brasileiro.

Thompson (1992, p. 23) menciona que “[...] Quanto mais um documento fosse pessoal, local ou não oficial, menor a probabilidade de que continuasse a existir”. Assim, a

História Oral para esta pesquisa é de grande relevância, visto que, sobre a curaçaense enquanto a parteira nos lugares de memória da cidade de Curaçá não há detalhes.

O autor cita que a História Oral possibilita reconstrução mais realista e imparcial do passado, já que, permite o envolvimento de classes subalternas, desprivilegiados e derrotados. Por isso, para a pesquisa foi fundamental a participação de curaçaenses que tiveram contato com Mãe Sérgia, pois as lembranças e memórias afetivas sobre ela foram rememoradas.

Assim, a seguir as entrevistas discutidas inicialmente, parte das memórias afetivas, por contribuírem a reflexão sobre a importância da curaçaense como parteira na cidade de Curaçá. Em seguida, serão explanadas as perguntas sobre a reivindicação da Casa de Parto para o município, o que possibilita a discussão sobre patriarcado, uma vez que, o nome solicitado por parte da população, apesar de sua relevância para os munícipes. Posteriormente as perguntas expostas estão relacionadas ao ensino sobre a parteira no município de Curaçá, conhecimentos que são transmitidos sobre Mãe Sérgia, que também possibilitou refletir sobre patriarcado.

Foi explanado sobre a sua relevância cultural para a cidade de Curaçá, permitindo discutir sobre interseccionalidade. E por último é discutido preservação da memória. Para Thompson (1992, p.44): A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo.

Assim, já que a História Oral “lança vida para dentro da própria história” (THOMPSON, 1992 p.44). Serão detalhadas as entrevistas realizadas com curaçaenses e professores das escolas do município, com o intuito de valorizar e preservar a história e memória local. De realçar a história de uma mulher negra, descendente de povos escravizados que contribuiu significativamente enquanto parteira para o município.

## 5.1 LEMBRANÇAS E VIVÊNCIAS

Neste tópico serão expostas as perguntas feitas aos entrevistados em relação às vivências e memórias afetivas sobre Mãe Sérgia. Para resguardar os entrevistados de danos e riscos, eles foram identificados com as letras do alfabeto (Ex: A, B, C). Bosi (1994, p. 82) menciona que “o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para o qual

está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente. [...]”.

Desta maneira, nas lembranças e vivências em relação à Mãe Sérgia são destacados conhecimentos e saberes sobre e da curaçaense. Saberes estes que não foram encontrados no Museu Auristela Torres por se tratar de experiências singulares e únicas na vida de cada pessoa entrevistada.

As lembranças e vivências em relação à Mãe Sérgia nesta pesquisa, propiciam acalento aos corações dos curaçaenses entrevistados, já que, estas memórias serão registradas, sendo uma forma de impedir que a história de uma parteira, o seu destino seja o esquecimento.

Assim, quando questionada o que conhece e lembra sobre Mãe Sérgia, a entrevistada A respondeu:

Excelente, que era boa parteira, serviu a comunidade toda aqui, a mim e muitas outras. E ela era uma pessoa simples, humilde, mas muito boa. Muito boooooaaa, muito boa, trabalhadora [...]E... ela era uma pessoa maravilhosa, serviu muito a comunidade.

A entrevistada A inicialmente especificou de que forma Mãe Sérgia prestou serviço a comunidade e mais adiante ela completa que isto foi por muito tempo: “era uma boa parteira, paciente, uma pessoa maravilhosa. Todo mundo gostava dela. Ela deixou de... já velha de fazer parto, mas a gente não esquecia dela. Eu mesmo ia muito na casa dela, conversar, fazer alguma coisa pra ela”.

Posteriormente a entrevistada especificar o tempo e forma que Mãe Sérgia prestou serviço a comunidade, foi perguntado: E porque que ela fazia? Ela gostava de fazer? Sempre gostou de fazer? Respondeu: “Ohhh minha filha, aqui era uma terra atrasada, terra humilde. [...] E ela fazia bem, atendia bem todas as pessoas, uma pessoa maravilhosa. Só tenho o que dizer o que ela é porque conheci de perto”.

Lopes (2000) cita que a curaçaense Mãe Sérgia era a parteira mais famosa e que não exigia pagamento. A entrevistada A cita quando perguntada o por que que todo mundo preferia fazer parto com ela? Porque ela fazia direito? Porque ela era paciente? E, de imediato respondeu: “Não, porque aqui ela era a pessoa que fazia melhor. Ela era a parteira, muito amiga de todos [...] Por que era uma pessoa boa, delicada e fazia o parto perfeito”.

Para Bosi (1994, p.81) na velhice “É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre quintessência do vivido”.

A entrevistada A mencionou em diversos momentos o quanto Mãe Sérgia era uma pessoa maravilhosa. Lembrou e frisou o que considerou de melhor, de mais importante na convivência que teve com a parteira. A entrevistada afirmou: “E... além dela ser parteira era minha amiga, uma pessoa boa [...] sempre eu conversava com ela até quando ela deixou fazer parto. Ela era minha amiga, ia lá visitar quando ela teve doente eu sempre ia fazer alguma coisa pra servir”.

Da mesma forma a entrevistada B, durante a entrevista citou os melhores momentos vivenciados com Mãe Sérgia. A mesma afirmou: “minhas lembranças são afetivas”. Quando perguntada o que lembra sobre a parteira, foi afirmado:

Desde criança que eu conheço pouco da vida de Mãe Sérgia. Eu não tenho conhecimento profundo de tudo assim que possa caracterizar melhor a origem dela e tal. Mas assim, como filha de Curaçá, é, sempre criei laços com Mãe Sérgia através da minha família, certo? [...] E assim, toda vida foi criado um respeito por Mãe Sérgia. Minha avó também tinha amizade com ela, e aí, a gente sempre ia lá fazer peta. Tinha também um forno grande na casa dela, então a gente ia direto para fazer peta. Mãe Sérgia sempre fazendo rendas, era uma pessoa alegre, brincalhona [...] a lembrança que eu tenho é assim, entende? <sup>11</sup>

A entrevistada B durante a entrevista além de ter relatado sua convivência e da sua família que tiveram com Mãe Sérgia, relatou que foi a primeira filha de um casal que teve onze filhos e apesar de sua mãe ter tido eclampsia, nasceu sem nenhum problema. Para B: “Então a lembrança que eu tenho dela assim, é uma coisa afetiva que foi criado por todo esse laço do momento do meu nascimento [...] Então Mãe Sérgia para mim é como se fosse uma autoridade para fazer partos. Entendeu?”.

Ainda a entrevistada B relembra um período distante, quando a cidade não tinha recursos. Afirmou: “Naquela época não tinha recursos na cidade, e Mãe Sérgia era conhecida como exímia parteira. Uma pessoa que trouxe muitos curaçaenses à vida. Então, ajudou né! Ajudou os curaçaenses virem ao mundo”.

Gondon (2001) ao analisar textos recolhidos em entrevistas de sua pesquisa oral, se atentou como a experiência vivida se reflete ao mencionarem sobre o tempo. De acordo com a autora que sugeriu uma periodização própria. Há marcos referencial de tempo em três grandes períodos: o “tempo dos antigos” ou “dos mais velhos” daquilo que se ouviu contar; “no meu tempo” foi relacionado ao passado vivido pelos entrevistados idosos, quando se sentiam mais ativos na vida social, e o “hoje” ou “agora” refere-se ao presente imediato.

---

<sup>11</sup> Peta é um biscoito feito com povilho doce.

A autora menciona que o termo “antigamente” e “naquele tempo” refere-se ao passado, o que se ouviu contar, e o passado mais próximo vivido pelos entrevistados. A entrevistada B em alguns momentos cita a expressão naquela época, reportando assim ao que viveu e ouviu contar.

Lopes (2000) cita que Curaçá na época que não tinha recurso e, os curaçaenses que tinham melhor poder aquisitivo iam para Juazeiro. Adquiriam medicamentos na cidade vizinha. A entrevistada B lembra também que as pessoas procuravam Mãe Sérgia e, afirmou: “ela ensinava remédios, algumas ervas, então brincava: você pensa que sou doutor? Eu não sou doutor, não. Era assim. Essa lembrança que tenho dela”.

A entrevistada B foi perguntada sobre as ervas que Mãe Sérgia ensinava. A mesma respondeu:

Olhe, eu me lembro muito assim, que lá no muro dela, por exemplo tinha alfavaca, não sei como é o nome científico, mas o nome popular é alfavaca, e essa alfavaca ela ensinava a gente que era bom pra gripe, pra dar banho na criança, lavar a cabeça, entendeu? [...] também o mastruz que era para bater com leite, era para fortificar o pulmão [...] Eu não lembro assim de tudo, mas sei que ela tinha muitas outras, usava muitas ervas também.

Além da entrevistada B ter relatado sobre as ervas, o entrevistado C mencionou atos de Mãe Sérgia no parto, na época em que Curaçá não tinha serviços:

[...] Eu só sei que minha mãe dizia assim, que não conhecia. Minha mãe pariu quatorze. Que não conhecia nenhuma mulher que tinha morrido de parto feito por Mãe Sérgia...que era comum morrer na época, era comum, várias mulheres morrerem de parto, e que ela era uma pessoa muito experiente. Que ela não faria um parto se tivesse dúvida. Isso aí eu lembro bem que mãe dizia, que ela pegava na barriga...consultava! Hoje em dia seria consulta à mulher, e se ela percebesse qualquer coisa estranha ela não faria o parto. Ela dizia, chamava a família e logo dizia: tira às pressas essa mulher daqui. Ela não tem condição, não tem passagem para ter essa criança. Então que por isso, que talvez nunca tinha morrido uma mulher de parto na mão dela. Que ela tinha esse cuidado, ela sabia examinar a mulher, ela só não dava o toque, examinava.

Dessa forma, diante do relato do entrevistado C, sobre atos de Mãe Sérgia no parto, e a entrevistada B que citou algumas ervas que a curaçaense indicava quem a procurava, é possível imaginar o contexto de Curaçá, na época não havia serviços para a população. Lopes (2000) afirma que na cidade também não tinha farmácia.

No relato do entrevistado C é notória a demarcação de tempo. O entrevistado proferiu as palavras “na época” e “hoje em dia” referindo-se assim ao que viveu e ouviu contar e também ao presente imediato. De acordo com a autora, “medir a duração de um tempo vivido, porém, não é tarefa a ser feita com precisão rigorosa, pois sua percepção depende de disposições subjetivas e/ou simbólica” (GONDON, 2001, p.140).

Assim, é importante esclarecer que de acordo com informações vistas no Museu Auristela Torres, a parteira faleceu em finais de 1960, e realizava o exercício de partejar em 1930, 1940 e 1950, isto para ter noção de qual época se referiu o entrevistado C.

Lopes (2000) cita que na época que não havia serviços em Curaçá, durante o parto, no nascimento do menino, a parteira ficava com um cachimbo na boca, e assoprava o “imbigo”. Mencionado sobre isto durante a entrevista, o entrevistador C citou:

É... eu sei que ela botava no umbigo da gente, sarro do cachimbo. Isso aí eu lembro que mãe falava. Que os umbigos da gente. Toda criança. O que isso sarro do cachimbo? O cachimbo que elas fumavam, as mulheres...ele fica sujo, fica com sarro, cria como se fosse uma gordura, e era aquilo que botava no umbigo. Pra sarar. Tanto é que dizia minha mãe que todo mundo tinha o umbigo muito bem cortado, de quem ela cortava. Que ela sabia cortar o umbigo. Então ajudava o umbigo a cair sem ferir, tudo isso. Ela botava o sarro do cachimbo. Eu lembro que minha mãe falava.

Para Bosi (1994) a riqueza e diversidade do mundo social que não é conhecida são possíveis chegar às gerações atuais através das memórias dos anciãos. Desta maneira, as lembranças e memórias dos curaçaenses sobre os saberes de Mãe Sérgia são enriquecedoras para os mais novos compreenderem tempos distantes no que se refere ao município de Curaçá. O entrevistado C também discorreu sobre o uso das ervas por Mãe Sérgia:

Remédios caseiros ela fazia para as mulheres, garrafadas e também mãe dizia que ela não aceitava, e não dava remédio para abortar. Ela não aceitava o aborto. Ela dava remédio para a mulher se despachar depois que a criança nascia, que às vezes a placenta demorava a sair e tudo, então ela tinha uma série de medicamento caseiro que ela fazia garrafada pra a mulher limpar. Se limpar por dentro. E era a base de quê? Era uma planta que se chama algodão crioulo, usava muito algodão crioulo. Agora quais eram outras misturas, não sei. Tanto é que no muro dela ela tinha as plantas algodão crioulo. É grande, o muro dela é enorme e ela criava as plantas. Eu lembro bem do algodão crioulo.

É perceptível a relevância de Mãe Sérgia em uma época que não havia serviço na comunidade e na preservação dos saberes ancestrais. As lembranças e memórias sobre a parteira pelos entrevistados são significativas para refletir sobre a forma que a mesma prestava serviço em Curaçá.

No momento em que o entrevistado C cita sobre o sarro do cachimbo que era passado no umbigo, foi afirmado: “hoje em dia talvez não botasse, ia dizer que ia dar infecção”. O uso do termo “hoje em dia” alude ao presente imediato, como foi referido por Gondon (2001).

Bosi (1994, p. 89) cita que “hoje a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente [...] O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte”. Assim, a pesquisa com os curaçaenses,

sobre memórias que possuem de Mãe Sérgia alude também o passado do município localizado no Semiárido Brasileiro.

O entrevistado “C” também aludiu:

E acho que o ritual era o mesmo. Ela se vestia de cor branca, salvo engano, aí tinha que ter água morna, tinha que ter a tesoura de cortar o umbigo, pano, muito pra limpar as crianças, né. E, é uma interpretação minha. Tenho certeza que diante da religiosidade dela e da raça ela talvez tivesse algum ritual realmente espiritual, que ela deveria fazer, invocar, ou pedir ajuda.

Assim como C, outro entrevistado citou que Mãe Sérgia foi relevante para ele e seus irmãos virem ao mundo. Um total de quatorze crianças. Sobre isto mencionou D:

Ela era numa época que foi essa época, a parteira oficial de Curaçá. Eu quero crer que se não todas, mas a grandíssima maioria das mulheres recorria a Mãe Sérgia pra ela fazer o parto. E porque que recorriam a ela? Porque ela dominava bem o ofício de parteira. As técnicas e o ofício de parteira, e então, e morava na cidade, não tinha médico na cidade. Agora, essas técnicas sabe dizer com quem ela aprendeu? Com os ancestrais dela, com certeza, porque eu lembro que tinha uma mística, que ela imprimia uma mística na hora dos partos que lembra muito bem essas tradições africanas. Ela tinha um ritual de incensar o local, ela incensava as roupas do bebê que ia nascer. Então, havia uma mística religiosa que remetia a uma ancestralidade que provavelmente ela aprendeu com os mais velhos, com quem ela conviveu. As mulheres mais velhas com quem ela conviveu. Ela deve ter aprendido e desenvolvido isso dentro de uma vocação, aptidão que ela também tinha.

Bosi (1994) ao realizar estudo sobre memórias de anciões notou que os mesmos abordaram relação estreita entre memória e trabalho. Para a autora “Quanto mais a memória revive o trabalho que se fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício” (BOSI, 1994, p.480).

Os curaçaenses ao relatarem sobre Mãe Sérgia reviveram o trabalho que a mesma realizava, e também citaram segredos do ofício. Em diversos momentos os curaçaenses não só detalham ações da parteira durante o procedimento, como acentuaram que é uma profissão, como afirmou a entrevistada A: “Ela aprendeu de nova e fazia, é também uma profissão, né!”.

A entrevistada B afirmou que “Mãe Sérgia era conhecida como exímia parteira”. E, completou:

[...] eu cresci ouvindo isso, que ela era uma parteira muito boa, que aqui em Curaçá não tinha parteira melhor que ela. Era uma pessoa muito dedicada e que tinha sabedoria para resolver os problemas que apresentavam no momento do parto. Era uma autoridade, autoridade no parto.

O entrevistado D mencionou que Mãe Sérgia era a parteira oficial de Curaçá, e dominava o ofício de parteira. Não só o ofício, mas as técnicas. Para Bosi (1994, p. 481)

“aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor”.

O entrevistado D chamou atenção sobre o conhecimento ser passado de geração à geração, quando mencionou que Mãe Sérgia aprendeu o ofício e a mística que fazia no parto com pessoas mais velhas, com seus ancestrais. Mulheres mais velhas com quem ela conviveu:

[...] uma certa aptidão e uma capacidade que ela teve de aprender junto às pessoas mais velhas. Compreensível porque naquele tempo os mais novos aprendiam mesmo com os mais velhos. Não é como hoje que se percebe que há uma ruptura, que os mais novos não valorizam ou até querem desconhecer os mais velhos.

Sobre ancestrais é citado que:

Aparecem no discurso de muitos militantes dos movimentos negros pernambucanos, e atuam efetivamente no mundo dos vivos, estabelecendo profundas relações de identidades, contribuindo para construção positiva dos grupos, bem como para sua autoafirmação (GUILLEN 2016, p. 91).

Desta forma, através do relato do entrevistado D é possível refletir sobre o significado que possui os ancestrais para o mesmo. Ou seja, uma relação de identidade que tinha Mãe Sérgia com os anciões e a capacidade de resistir e preservar. Na fala do entrevistado D, ainda foi enfatizado a falta de valorização por parte das gerações mais novas, de não adquirirem conhecimentos com os mais velhos. Para o entrevistado muitos “até querem desconhecer”. Faz uma crítica em relação a ruptura das gerações mais novas com os anciões.

De acordo Guillen (2016, p.91) “os ancestrais teriam sido aqueles homens e mulheres que tiveram uma vida “exemplar”, são pessoas de referência para a labuta cotidiana”. Assim, no relato do entrevistado D, sobre ancestrais, o mesmo remete às pessoas que foram escravizadas, já que Mãe Sérgia foi descendente direta de escravos. Contribuindo assim, para refletir a relevância que é dada pelo entrevistado em relação a história do município.

Os entrevistados expuseram as lembranças e vivências que tiveram com Mãe Sérgia, memórias relacionadas ao exercício de partejar, memórias dos ensinamentos de Mãe Sérgia sobre remédios caseiros e plantas. Há pelos entrevistados um grande respeito pela curaçaense que contribuiu de forma significativa para que muitos deles viessem ao mundo em uma época que não havia médico e farmácia na cidade, evidenciando assim a sua relevância no âmbito social, cultural e político.

Por isso, a seguir, os pensamentos dos entrevistados sobre o episódio da maternidade em Curaçá serão expostos, contribuindo para que não apenas o jornal Asa Branca seja um rastro da disputa ocorrida. Mas, agora, além deste rastro, as memórias sobre o fato terá

visibilidade, sendo possível refletir sobre os motivos que a reivindicação não foi aceita, e impedir que a história de Mãe Sérgia seja esquecida.

## 5.2 QUEM SE LEMBRA DA CHEGADA DA CASA DE PARTO EM CURAÇÁ?

Como foi visto no capítulo dois, o jornal *Asa Branca* denunciava que a cidade de Curaçá não havia maternidade. Além disso, frisava que parte da população almejava que o nome da instituição tivesse o nome de Mãe Sérgia, pois de acordo com os integrantes do impresso era uma homenagem justa, já que muitos curaçaenses vieram ao mundo através das mãos da parteira citada.

De acordo Halbwachs (1968, p.34):

[...] nós nos lembraremos daquilo que experimentávamos então com o desconhecimento dos demais, como se essa espécie de lembranças houvesse marcado mais profundamente sua impressão em nossa memória porque tinha relação senão conosco. Assim, nesse caso, de um lado os depoimentos dos outros serão impotentes para reconstruir nossa lembrança apagada; de outro, nós nos lembraremos, em aparência, sem apoio dos demais, de impressões que não comunicamos a ninguém.

Assim, sobre a chegada da maternidade de Curaçá parcela dos entrevistados lembraram-se da reivindicação por parte da população, contudo alguns não souberam relatar o desenrolar, e nem como ocorreu esta exigência. A entrevistada B, quando perguntada sobre a casa de parto, o que lembra disto, respondeu:

Não tenho muita lembrança não, não lembro, não sei como foi. Eu não tenho lembrança de como se deu esse processo, entendeu? Eu sei que a maternidade tinha o nome de outra pessoa e foi reivindicado no governo que fosse mudado pra Mãe Sérgia, mas eu não sei como se deu esse processo, não tenho lembrança.

A entrevistada B que possui quase 70 anos não se lembrou de detalhes da exigência feita por parte da população. Contudo, a mesma recorda que houve uma situação. No caso, a reivindicação da mudança do nome da instituição para Mãe Sérgia. Assim, indica que essa ocasião de alguma forma a marcou. Pollack (1989, p.8) menciona que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar ou impor.

Desta maneira, a resposta dada pela entrevistada pode indicar que sobre o ocorrido, a população no geral não teve acesso ao assunto, e também que não houve debate entre a

população e seus representantes no período. Prevalecendo, o desejo de uma sociedade majoritária ou Estado.

Vale lembrar que a reivindicação por parte da população ocorreu entre 1980, a 1983, sinalizada pelo Jornal Asa Branca, ou seja, uma época em que o Brasil estava sendo governado por militares, a Ditadura Militar, o que é possível refletir que assuntos de interesse da população, não havia debate, e prevalecia a ordem do Estado.

Orlandi (2007) denomina o silêncio do oprimido como discurso da resistência. Cita que “[...] silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso [...]” (ORLANDI, 2007, p.102). Assim, é provável que a reivindicação por parte da população não tenha alcançado os curaçauense no geral. Isso, para impedir que os argumentos em relação ao nome da parteira para instituição não tivesse apoio.

A mesma pergunta feita a entrevistada B foi lançada para a entrevistada A, quase centenária: Quando foi fazer a casa de parto? Que queriam o nome dela. A entrevistada respondeu: “Ela era merecida. Fez muitos partos, fazia bom!” Ainda, posteriormente “A” complementou: Todo mundo queria que a maternidade...a população queria que a maternidade levasse o nome dela? “Era a coisa mais justa! É a coisa mais justa que pode ter, minha filha. Não tem coisa mais justa que pode ter.[...] fiquei velha, me aquietei, andava muito na rua, gostava de assistir parto, e servir”. A entrevistada, ainda em alguns momentos menciona sobre seu esquecimento. “É porque eu ando muito esquecida, pra dizer tudo como ela é”.

Dessa forma, diante da resposta fornecida pela entrevistada A “Ela era merecida”, ao que indica é que a mesma se lembrou do fato. Como se, de algum modo também a marcou, como mencionou Halbwachs (1968).

O entrevistado C que possui aproximadamente 55 anos, sobre a Casa de Parto na cidade de Curaçá citou com mais detalhes.

Eu lembro o seguinte, que quando foi criada a Casa de Parto, a população e algumas pessoas reivindicaram muito pra ser o nome dela, por que se entendia que era uma homenagem justa, aliás mais do que justa. Mas, o prefeito na época não...não acatou porque ele queria agradar uma família do médico que tinha aqui, né. E aí para agradar ele botou na Casa de Parto o nome do médico, mas a população mesmo em si, queria Mãe Sérgia. Tanto é que foi feito movimento, foi feito salvo engano abaixo- assinado, alguma coisa assim... pedindo que a casa de parto fosse Mãe Sérgia. Mas aí ele tentou, o prefeito da época tentou agradar as duas partes, botou a casa de parto o nome do médico, e botou a sala de parto o nome dela... a sala de parto era Mãe Sérgia, o local na época. Essa sala ainda funciona? Não, foi é... incorporada ao hospital, então desapareceu. Hoje é só o hospital. Então, no caso a sala Mãe Sérgia não tem mais o nome? Não.

O entrevistado C detalhou sobre o ocorrido em relação à maternidade. Através de sua explicação é visível à memória em disputa. Pollack (1989, p.5) cita que:

[...] Essa memória “proibida” e, portanto “clandestina” ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação [...] comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica.

Diante disto, o jornal *Asa Branca* e os relatos dos entrevistados corroboram para refletir sobre a distância que havia entre a população curaçense e seus representantes do período. Ainda, como frisou o entrevistado o nome da Casa de Parto foi o nome de um médico, e a sala de parto Mãe Sérgia. Contudo, vale lembrar que posteriormente essa sala que recebeu o nome da parteira “desapareceu”.

O entrevistado D, com quase 70 anos sobre o episódio da Casa de Parto mencionou que o nome da instituição não foi Mãe Sérgia por motivo político:

Quem estava à frente do poder público municipal na época era subjugado ao poder político de Antônio Carlos Magalhães, na Bahia. E, não era uma pessoa, não era pessoa capaz de si posicionar a favor de uma homenagem a uma pessoa tão simples. Por que Mãe Sérgia era uma pessoa extremamente pobre, simples, negra, lá. Então numa terra chamada terra dos doutores, numa terra que durante muito tempo foi o município do estado da Bahia que teve o maior índice de pessoas formadas, então numa terra de doutores se precisava ter muita consciência, muito comprometimento com a história do povo, e muita coragem pra você homenagear uma pessoa desse porte: preta, pobre.

A partir do relato do entrevistado D é evidente a memória em disputa. Sendo exposto o entrave daquela época que ocorreu entre parte da população curaçense e seus representantes.

O mesmo ainda citou:

A importância que ela tinha na cidade era a importância que as pessoas atribuíam a sua importância como parteira, como mulher de Saturnino, que participou da introdução da Festa de São Benedito, mas isso não significava que ela fosse uma pessoa prestigiada ou respeitada, ou aceita por uma pseudo elite como alguém que merecesse homenagem. Então, eu não lembro bem... me parece. Me parece, não! Quando foi se construir um hospital em Curaçá, se reivindicou o nome dela, o nome dela foi preterido por de Antônio Carlos Magalhães. O nome do hospital de Curaçá é Antônio Carlos Magalhães. Pra você ter uma ideia do nível de comprometimento de quem estava a frente do município, né! Então, nós que fazíamos o jornal, nós encarnamos a vontade do povo, nós expusemos a vontade do povo, nós defendemos a homenagem como justa pelo conjunto da obra dela no município, como parteira. Então algo vinculado com local onde iria cuidar de vida de mulheres, de nascimento de crianças, nada mais justo que receber o nome dela. E foi por isso que nós do jornal encampamos essa campanha, e que o prefeito ignorou completamente, talvez por que na sua compreensão Antônio Carlos Magalhães fosse mais importante do que ela.

O entrevistado D mencionou sobre o prefeito da época:

Era alguém muito vinculado a Antônio Carlos Magalhães, muito subjugado pelo poder de Antônio Carlos Magalhães. Ele poderia até no seu íntimo achar justo que a homenagem fosse feita a Mãe Sérgia, mas a sua submissão a Antônio Carlos Magalhães não permitia que ele defendesse isso, ou enfrentasse alguém que se opusesse. Da mesma forma que, por exemplo, o Fórum de Curaçá, ele pretendeu homenagear um filho de Curaçá da área jurídica, e o governador exigiu que ele botasse o nome de outra pessoa que não tinha vínculos direto com Curaçá, não tinha uma convivência com a cidade de Curaçá, mas por conveniência dele naquele momento era conveniente botar o nome do Fórum com o nome de Moacir Alfredo Guimarães, e foi botado. E o prefeito pensava em homenagear uma outra pessoa que era doutor Possídio Nascimento. Um curaçaense, juiz de direito, da área jurídica. Agora você ver, uma analogia a essa situação de Mãe Sérgia, ele até quis homenagear uma pessoa, e não teve pulso para manter essa homenagem. Imagine Mãe Sérgia! Doutor Possídio que era branco, que era doutor, de uma família tradicional, importante e poderosa ele não conseguiu fazer homenagem a doutor Possídio, imagine a uma preta, pobre e tão comum como Mãe Sérgia. Infelizmente!

Com o relato do entrevistado D é visível a imposição e ideologia oficial de um Estado que pretende dominação hegemônica, como foi explicitado por Pollack (1989). A partir disto, é possível refletir sobre patriarcado e racismo. Para Costa (2018) patriarcado é: “internalização e naturalização de normas que expressam a dominação dos homens sobre as mulheres, isto é, o reconhecimento dos papéis que cada um deve desempenhar, de forma a ter aprovação pela coletividade” (COSTA, 2018, p. 134).

Assim, diante dos relatos dos entrevistados “C” e “D” questões são levantadas, como exemplo: Como era visualizada pelos representantes de Curaçá, e da Bahia, no caso Antônio Carlos Magalhães o exercício do partejar por uma mulher? Muito provavelmente, não foi visto como importante, não era valorizada. Sendo assim, é fundamental refletir sobre o reconhecimento dos papéis citados que cada um deve desempenhar Costa (2018).

Ainda, como a autora destaca a aprovação pela coletividade, é imprescindível pensar sobre isto. Anterior a chegada da maternidade em Curaçá, as parteiras foram bem quistas principalmente pela população que não tinha poder aquisitivo. Como cita Lopes (2000) na cidade não havia farmácia, não havia serviços. Mas, com a chegada da instituição, as parteiras, como passaram a ser vista pela elite? Os conhecimentos populares foram aderidos pelos profissionais da instituição? Nesse sentido, é válido recorrermos ao conceito de racismo estrutural e institucional discutido por Almeida (2018).

De acordo com Almeida (2018) a materialização do racismo institucional ocorre por que as regras e padrões racistas possuem vínculo com a ordem social. Logo, o racismo institucional é devido à sociedade ser racista. Assim, pensar no caso da reivindicação da maternidade em Curaçá, não foi visto com “bons olhos” pelo grupo hegemônico que uma instituição obtivesse o nome de uma mulher negra.

Outra informação não menos importante citada pelo entrevistado D, é que hospital possui o nome de Antônio Carlos Magalhães. E, o representante da Bahia, da época, a sua formação era médico. Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia<sup>12</sup>. Assim, contribui para a reflexão sobre patriarcado e racismo, uma vez que, a profissão de parteira foi desvalorizada com a modernidade como afirmou Costa (2012) e também como citou Perrot que no século XVIII com a medicalização do parto, este campo tornou-se masculino.

Nepomuceno (2013) menciona que as mulheres negras no século XX tiveram que elaborar estratégias para sobreviver e superar os desafios do dia a dia. É importante ressaltar que com a república até o início dos anos 1940 ocorreu perseguições às benzedadeiras e parteiras, incursões policiais contra terreiros, a ordem era higienizar. Sendo assim, seria bem vista uma instituição que levasse o nome de uma mulher negra, descendente de povos escravizados? Assim, refletir sobre isso, percebe-se ações racistas e machistas.

Outra questão que é fundamental pensar é sobre raça e classe, visto que o entrevistado D fez menção à Mãe Sérgia ser pobre e preta:

[...] E o prefeito pensava em homenagear uma outra pessoa que era doutor Possídio Nascimento. Um curaçense, juiz de direito, da área jurídica. Agora você ver, uma analogia a essa situação de Mãe Sérgia, ele até quis homenagear uma pessoa, e não teve pulso para manter essa homenagem. Imagine Mãe Sérgia! Doutor Possídio que era branco, que era doutor, de uma família tradicional, importante e poderosa ele não conseguiu fazer homenagem a doutor Possídio, imagine a uma preta, pobre e tão comum como Mãe Sérgia. Infelizmente!

O entrevistado D frisou e comparou a condição social e racial entre Mãe Sérgia (parteira) e Possídio (juiz que teve o nome cogitado para o Fórum), ambos da cidade de Curaçá. Indicando que estas questões ligada a raça e classe tiveram um “grande peso” para a escolha do nome da Casa de Parto. Entendendo-se que, devido à condição de Mãe Sérgia, mulher negra e parteira não poderia ter o destaque em uma instituição que é o “reflexo” da modernidade.

Sobre esta condição de Mãe Sérgia (mulher, raça e classe), é relevante trazer o conceito de interseccionalidade. De acordo com Crenshaw (2002, p.177):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

<sup>12</sup> Informação do site <https://www.camara.leg.br/deputados/131170/biografia> Acessado em 23 de fev. 2021.

Desse modo, o que foi frisado pelo entrevistado D, esta questão é pertinente refletir, uma vez que, como afirma Cresnschan (2002, p.177), “o racismo, patriarcalismo e opressão de classe contribuem para desigualdades básicas”. Por isso, é importante também discutir sobre a preservação das memórias de mulheres, a exemplo, de Mãe Sérgia, negra e parteira, para reduzir os impactos na sociedade e impedir que desigualdades sejam mantidas.

Assim, a seguir, serão exibidas as entrevistas realizadas com professores do município, o que enriquece as reflexões sobre interseccionalidade (gênero, classe e raça), memória e patriarcado, e corroboram com a discussão de como o perpetuamento do patriarcado e do racismo se refletem na sociedade.

### 5.3 E NAS ESCOLAS... MÃE SÉRGIA!

Os professores entrevistados aqui tiveram relação com Mãe Sérgia na infância. Atuaram e atuam na escola municipal e estadual de Curaçá e ainda fizeram parte de secretarias do município. Vale frisar que uma não teve relação com a parteira. Contudo, é do distrito de Curaçá e professora deste município.

A entrevistada B, que atuou no departamento de atividades sociais e posteriormente na secretaria de educação, no período de 1995 a 2004, em relação às escolas do município, se incluía assuntos sobre Mãe Sérgia no cotidiano, respondeu:

As escolas de um modo geral não trabalhavam não. As escolas trabalhavam a realidade do Semiárido (...) se trabalhava cultura, havia um trabalho que envolvia Mãe Sérgia, também, que aqui ela é uma pessoa que é um estandarte da cultura popular daqui, né! [...] Então, havia assim, uma alusão, mas não um trabalho específico, entendeu?

A entrevistada B citou que as escolas trabalhavam com educação contextualizada, a realidade do Semiárido, mas não havia nenhum trabalho específico sobre Mãe Sérgia. Paiva e Barros (2017) citam que nos currículos contextualizados as desigualdades de gênero devem ser incluídas, não apenas de forma transversal, mas a partir da inserção de disciplina específica que trate deste conteúdo, pois de acordo com as autoras, contribui para que a juventude reconheça valores nas diferenças, e outras identidades, a exemplo, de raça, classe e orientação sexual.

Ainda, as autoras mencionam:

Outro ponto que deve ser abordado pela educação contextualizada é a negação às mulheres de se autorepresentar. Coube aos pais, maridos, irmãos e chefes de Estado e as demais figuras patriarcais o direito de expressar a virilidade masculina e negar a

participação do feminino na construção e reflexão do social, do político e econômico. Dessa forma a trajetória das mulheres foi sendo apagada, invisibilizada no cotidiano [...] (PAIVA E BARROS, 2017, p. 3).

Sendo assim, como as autoras afirmam sobre as figuras patriarcais que negavam a participação do feminino nas questões políticas, sociais e econômicas, acredita-se que esta negação ocorreu também com a história de Mãe Sérgia que não foi registrada. Vale lembrar que seu nome que foi reivindicado para a Casa de Parto e os entrevistados C e D citaram que a exigência não foi atendida. Ainda, a sala que obteve o nome da parteira, hoje não existe mais, sendo acoplada ao hospital da cidade. O que indica neste sentido, invisibilidade e apagamento em relação a seu exercício de partejar, que se refletem nas instituições escolares e nos currículos.

Ainda, B foi questionada a respeito da falta de um trabalho específico sobre Mãe Sérgia. A que atribui?

[...] a falta de informações que levava a gente não ter em que sustentar para fazer um trabalho mais profundo sobre isso. O que era feito era dentro da cultura do município e era muito forte. [...] Mas, não é assim com um estudo específico sobre Mãe Sérgia.

A partir das respostas dadas pela entrevistada B, é relevante enfatizar sobre a falta de registros, de documento em relação à parteira. O patriarcado e o racismo invisibiliza e tornam desconhecidas histórias como a de Mãe Sérgia. Para Menezes e Araújo (2007) o currículo contextualizado proporciona a construção de uma educação que as diferenças de gênero, sexo, raça não sejam ignoradas. Também corrobora para descolonizar os conhecimentos. Assim, os relatos sobre a parteira são relevantes, já que, podem ser inseridos nos currículos, propiciando que estas trajetórias não sejam aludidas de forma transversal.

Nepomuceno (2013) cita que a cultura negra foi vista como negativa para a proposta de civilização, até 1940. Benzedeiras, curandeiras e parteiras foram vistas como superstição e charlatanismo. Sendo assim é pertinente afirmar que devido à cultura negra ser desvalorizada e, o papel da parteira ser vista de forma pejorativa, corroborou também para que a história de Mãe Sérgia não fosse reconhecida institucionalmente, e conseqüentemente o ensino sobre a sua história não seja discutida e conhecida.

O entrevistado D mencionou a respeito da falta de registros.

Quantas coisas importantes da História do Brasil a gente desconhece? Não é? Mesmo localmente, quantas coisas importantes que se desconhece. Até por que a história ela é escrita por um segmento, e normalmente quem teve acesso a isso foi uma classe dominante. E essa classe dominante escreveu a História de acordo com suas conveniências, né? Então, a gente tem que encontrar formas de romper esse cerco.

Ainda foi afirmado sobre o nome de Mãe Sérgia:

Eu acho que ele só não será extinto por que tem a tradição da Bandeira de São Benedito que é mantida na casa que ela viveu e cuja procissão que é um símbolo maior de Curaçá [...] as pessoas vão sempre falar em Mãe Sérgia, ou muito provavelmente vão querer saber porque a bandeira sai daquela casa. [...] Mas, do seu papel social esse não é revivido. Não é alimentado para que se mantenha vivo.

Diante disto, uma das questões levantadas aos professores, com o intuito de saber o que é propagado sobre Mãe Sérgia é, de que forma é discutida sobre a parteira. Pretende-se refletir se, em relação a ela é também disseminado seu papel social. A entrevistada B mencionou que na cidade houve o Projeto Mãe Sérgia em 1998, que realizava o trabalho com as crianças em turno oposto ao da escola. Mas, quando perguntada se neste projeto havia algum trabalho voltado para a história da parteira, respondeu:

Não. Não tinha nenhuma atividade específica. Agora tinha assim a valorização de algumas coisas que ela fazia [...] essa questão mesmo da renda a gente iniciou, porque o projeto tinha muitas oficinas de pintura, de bordado, e a gente fez também oficina de renda, tinha culinária. Aquilo que a gente vivenciava com ela no dia dia [...] a gente fazia no sentido de homenageá-la [...] e também tinha essa valorização das ervas. Fazia oficinas para as crianças apresentarem as ervas medicinais, e era da cultura popular.

A partir da explanação da entrevistada B, é explícito que não havia um trabalho específico sobre a história de Mãe Sérgia, referente ao seu papel social. Contudo, houve ações para homenageá-la, como a oficina de bordado e ervas, o que cabe refletir mais uma vez sobre a falta de registros da história da curaçaense e a desvalorização das parteiras. Nepomuceno (2013) cita sobre protagonismo ignorado. De acordo com a autora, são mulheres negras que contribuíram de forma significativa na formação da sociedade, mas, não foram reconhecidas, e nem valorizadas. Por isso, é relevante o mapeamento das histórias sobre Mãe Sérgia, para que seja divulgada sua importância, enquanto parteira para a cidade de Curaçá.

Nos relatos dos curaçaenses sobre memórias afetivas (Lembranças e Vivências) é perceptível que Mãe Sérgia foi protagonista no município em uma época que não havia serviços em Curaçá. A entrevistada E que atua como professora 12 anos no município foi lançada a pergunta em relação ao Projeto Político Pedagógico da Escola. É feita alusão sobre a Marujada ou Mãe Sérgia? De acordo com a mesma:

Não. Dentro do Projeto Político Pedagógico não. No Projeto Político Pedagógico a gente fala de trabalhar a História Local de valorizar, não de falar especificamente, mas trabalhar a História Local, de valorizar nossa cultura, a nossa gente. Dentro desse aspecto...é que a gente vem, todos os anos desenvolvendo esse trabalho, nesse sentido, mais a Marujada. A Marujada em si.

Mais adiante a professora especifica:

Eu trabalho ela de forma mais transversal. Eu sempre introduzo a Marujada e trago Mãe Sérgia. Eu às vezes em uma fala ou outra, quando tô falando de questões de mulheres, enquanto chefes de família, mulheres negras, empoderadas, eu introduzo, mas de um modo geral é quando eu tô falando da Marujada. Isso acontece mais de 1º ano, 7º ano.

Isto contribui para a reflexão sobre a ausência de um nome tão importante para o município de Curaçá no Projeto Político Pedagógico, sendo pertinente afirmar que esta ausência se dá pelo desconhecimento da história de Mãe Sérgia e falta de registros. Para Santomé (1995, p. 165) “as culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários/ e ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder, costumam ser silenciadas quando não estereotipadas e deformadas”. Por isso, é relevante levar as memórias sobre Mãe Sérgia para sala de aula, no intuito de valorizar a história da parteira.

A entrevistada E citou a reação que os alunos tem, quando questionada se os mesmos mencionam a importância de Mãe Sérgia para o município:

Olha, Erine é... tem alunos que ouvem falar de Mãe Sérgia pela primeira vez quando a gente discute na sala de aula. Existe uma creche tem a Creche Mãe Sérgia em Curaçá, aí você ouve alunos dizerem: ahhhhh é por isso que tem esse nome! Ahhhh essa é Mãe Sérgia. E quem é ela, tal? Mas, assim, é como se eles desconhecem.

Também a entrevistada completou que poucos fazem menção a relevância social de Mãe Sérgia como parteira. Santomé (1995) afirma que embora o grupo das mulheres tenha obtido importantes reconhecimentos, ainda há um longo caminho para conseguir supressão das discriminações que tem sua origem no campo de gênero. Corroborando assim, para refletir que a ausência de registros propicia desconhecimento sobre a atividade de cunho social realizado pela curaçaense.

O entrevistado C também mencionou como nas escolas é trabalhado Mãe Sérgia:

Mais ligada a Marujada. Quando estão estudando a questão cultural da Marujada, então faz a referência. Que foi com a família de Mãe Sérgia que aconteceu a Marujada em Curaçá, que é lá que guarda a bandeira de São Benedito, na casa dela, que é na casa dela onde tem os ensaios, na frente da casa dela, então é estudado relacionando Mãe Sérgia, talvez nem tanto como a parteira, mas como a guardiã de São Benedito.

Afirmado pelo entrevistado C, na maioria das vezes como Mãe Sérgia é referida a partir da Bandeira de São Benedito, não sendo tão mencionada ao seu exercício de partejar, numa época que a cidade não oferecia serviços a população, isto não é falado, nem faz referência a Mãe Sérgia.

Esta pesquisa não tem a finalidade de mencionar que as pessoas entrevistadas são responsáveis por não abordarem de forma enfática a importância da parteira, a sua relevância

no aspecto social. Entende-se que o problema é muito mais profundo, como foi citada nos tópicos anteriores a questão do patriarcado e racismo, que também as instituições educacionais são afetadas. Afinal, como foi destacado pelos entrevistados não há registros sobre a curaçense que permitisse e que fizesse um estudo, uma abordagem de maneira intensa.

Diante disto esta pesquisa que possui como justificativa que, as memórias sobre Mãe Sérgia servirão de aporte para o ensino nas escolas do município. A História Oral, as memórias afetivas aqui descritas, com pessoas que tiveram contato com a parteira corroboram de forma relevante para que a curaçense seja destacada no âmbito escolar, na sala de aula. O seu exercício de partejar seja especificado e enfatizado, valorizando uma mulher negra, descendente de povos escravizados no Semiárido.

Louro (1997, p. 147) cita que “A pretensão dos Estudos Feministas a princípio foi, como já observamos, tomar a mulher como sujeito/objeto de estudos — ela que fora ocultada ou marginalizada na produção científica tradicional”. Assim, a pesquisa sobre Mãe Sérgia colabora para que temáticas e conteúdos que abordam sobre mulheres sejam debatidos e se tornem conhecidos também no mundo acadêmico.

É relevante destacar as entrevistas realizadas com os curaçenses. Acredita-se que através destas memórias tem-se a possibilidade das histórias de Mãe Sérgia se tornar mais conhecida, não somente no mundo acadêmico, mas, ainda na educação básica. Contribuindo para os estudantes destes âmbitos tenham a percepção sobre patriarcado/racismo e oportunidade de libertar-se do patriarcalismo e racismo.

Para Silva (2019) devido o sistema patriarcal e racista estar enraizado na cultura, barreiras entre o público e o privado são construídas, o que causa redução de participação política das mulheres, e também não tenham a mesma visibilidade e o mesmo direito à voz que os homens possuem. Sendo assim, o rememorar das histórias de mulheres e mais especificamente das mulheres negras, é imprescindível para romper barreiras entre os e nos âmbitos públicos e privados. Por isso, o ensino, a educação se apresenta como possibilidade para reconhecer e valorizar o papel destas mulheres.

É desejado aqui, através desta escrita, contribuir que a curaçense não seja apenas abordada e destacada na questão cultural da cidade. Almeja-se instigar que sobre Mãe Sérgia, deve ser discutida, inclusive, por seu exercício de partejar, os conhecimentos populares que a mesma indicava para aquelas que a procuravam em uma época que na cidade não dispunha de serviços.

O entrevistado C destacou que nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas do município não há menção sobre Mãe Sérgia enquanto parteira: “[...] Não. Que eu saiba não. Pelo menos ainda não vi. A não ser quando fala da Marujada... aí vem, que acontece em frente a casa de Mãe Sérgia [...]”. Ainda foi mencionada as homenagens feitas a Mãe Sérgia que tem na cidade (Projeto, Creche e Rua):

Justa, porém deveria ser mais concreta, uma coisa mais forte, mais ... divulgada. [...] E precisa de que para ser mais divulgada? Por exemplo, o projeto acabou por falta de recursos, e a rua é rua Mãe Sérgia, só! Então não é aquela coisa. A história dela é mais forte. A Casa dela, a cultura dos Marujos é muito mais forte do que essas homenagens que foram feitas pelo poder público.

Também o entrevistado citou que durante o ensaio da Marujada é feita pergunta aos participantes, se eles sabem o porquê de ensaiarem em frente a casa de Mãe Sérgia, e uns dizem que sim e outros afirmam que não. O mesmo citou que a história de Mãe Sérgia deveria ser mais estudada. Contudo, é importante enfatizar que apesar do racismo e patriarcado Mãe Sérgia é reverenciada no âmbito cultural da cidade como guardiã da Bandeira de São Benedito. Almeja-se que ela não seja lembrada apenas através da cultura, mas inclusive como parteira.

A entrevistada E que também esteve na Festa de São Benedito nos últimos anos citou que não foi explicado quem era Mãe Sérgia durante a festa. Respondeu, “ eu nunca percebi. Pode até ter, mas eu nunca percebi”. A partir destes relatos é possível enfatizar que a falta de registros contribuem para o desconhecimento sobre a história da parteira.

Louro (1997, p.152 e 153) cita que, “na medida em que as experiências das diferentes mulheres — isto é, das mulheres na sua pluralidade — passam a ser levadas em consideração, essas experiências se constituem numa nova e rica fonte de problemas, elas representam novos recursos para a pesquisa”. Assim, a seguir será discutida em relação à Mãe Sérgia nas questões de raça, gênero e classe, já que os entrevistados mencionaram estas características da parteira.

#### 5.4 “PRETA, POBRE E TÃO COMUM COMO MÃE SÉRGIA”.

O título escolhido para este tópico foi uma frase dita pelo entrevistado D que enfatizou que estas características da curaçaense influenciaram para que seu nome não fosse escolhido para a Casa de Parto. Vale ressaltar que os professores entrevistados também citaram estas particularidades da parteira. Neste tópico é destrinchada, além das entrevistas já citadas, mais

uma, de um professor da Universidade do Estado da Bahia que será identificado pela letra F. Esta escolha se justifica devido o mesmo ter coordenado um projeto de iniciação científica em 2010 sobre a Marujada, que explicou:

É... foi um projeto em que eu tentava perceber na cultura popular da região do Vale do São Francisco a presença da identidade negra, a identidade negra e cultura popular, então eu queria, era um olhar para a cultura popular, mas com esse enfoque, é... naqueles fenômenos que trazem essa relação com a identidade negra [...] Na verdade assim, houve um projeto de pesquisa com bolsistas, aí é teve um bolsista que ficou com a parte da Marujada [...] O contato com a Marujada foi uma pesquisa de um ano assim, não considero uma pesquisa de muita abrangência mesmo assim não, sabe? Mas deu pra compreender um pouco do panorama mais geral da festa, do fenômeno como um todo, da relação da identidade negra e com a identidade de Curaçá enquanto território, enquanto município.

Com o projeto de pesquisa foi possível compreender um panorama geral da festa, como afirmou. Este relato do entrevistado é relevante trazer neste texto, já que Paiva e Barros (2017) citam que a importância em reconhecer os elementos como classe, raça, gênero e sexualidade são fundamentais e devem ser considerados na ação educativa para proporcionar a emancipação do sujeito.

Também, as autoras afirmam que essas discussões devem ser incorporadas nos currículos dos cursos de formação de professores, das universidades públicas localizadas no Semiárido, pois valorizam as diferenças. Assim, a pesquisa de iniciação científica coordenada por F indica que foi uma ação bastante relevante para estas questões serem repensadas e discutidas dentro da academia.

O entrevistado F respondeu sobre Mãe Sérgia. Nessa pesquisa, o que pôde perceber em relação à Mãe Sérgia?

A importância central como uma precursora de todo esse movimento. É... o fato dela ter sido parteira deu a ela uma relação muito singular né, com a cidade toda. Muita gente nasceu na mão dela. Eu acho que esse lugar de mulher, negra que é parteira que tá dentro de um contexto que tá dentro das famílias, né! É uma relação muito de proximidade assim, de ... se forma em torno dessas figuras uma mística, né, toda uma relação bem específica, simbólica, né. E ela foi uma das lideranças importantes, né.

O entrevistado cita a relevância de uma mulher negra e parteira ser precursora do movimento, que é a guardiã da Bandeira de São Benedito, “mulher, negra que é parteira”, ou seja, identificando as características gênero, classe e raça. De acordo com (CRENSHAW, 2002, p. 177), interseccionalidade, “é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”.

Sendo assim, afirmado pelo entrevistado F sobre a relevância de Mãe Ségria na questão cultural da cidade, é importante ressaltar que é compactuado com a sua assertiva em relação ao reconhecimento da curaçaense no quesito citado. Porém o mesmo não acontece com o seu exercício de partejar. A isso acredita-se que é devido sua história não ter sido registrada, por ser mulher negra, e não fazer parte da elite, como foi mencionado anteriormente. Ainda o entrevistado em relação à Mãe Ségria respondeu o que conseguiu perceber. O que as pessoas falavam sobre ela?

Eu lembro por exemplo, lembro de X que é irmão de Y falar dela, de que ela tinha sido a parteira dele, e que ele tinha se tornado um dos enfrentantes da Marujada porque ele se sentia meio que filho dela. Por isso que estou falando que há um sentimento da parte das pessoas que nasceram da parte dela é... de um sentimento de serem meio que continuadores, de guardarem algo dela, ela é como se fosse uma mãe, né Mãe Ségria, ela é a mãe, é a que trouxe ao mundo.

As pessoas mencionadas neste relato tiveram relação com a parteira na infância e vieram ao mundo com a ajuda dela. Logo, é compreensível a afirmação do entrevistado F sobre o sentimento de X e Y em relação à Mãe Ségria. Indicando que é possível que a sua história e saberes como parteira, não é divulgada para a população no geral, ou seja, há (des)conhecimento em relação a detalhes e seu significado em uma época que Curaçá carecia de serviços. O entrevistado F afirmou:

Eu tô agora me recordando aqui, mas a memória que eu tenho é que ela é muito lembrada por esse viés assim de ter sido parteira de ter sido alguém que tem essa marca especial, de num contexto anterior de dificuldade de acesso a médico, a obstetra, essa coisa toda, as parteiras chegavam junto a uma população bem necessitada, e em torno dela girava toda uma mística, toda uma simbologia da mãe que traz ao mundo. Então os que vieram ao mundo através dela se sentiam meio que filhos, descendente da sua tradição.

Foi enfatizada pelo entrevistado a importância de Mãe Ségria em uma época que a cidade não dispunha de serviços e as pessoas que vieram ao mundo através da parteira se sentem herdeiros da tradição, ou seja, mais uma vez o reconhecimento social foi frisado sobre as pessoas que tiveram relação com a mesma.

Cabe refletir que Mãe Ségria foi bastante significativa no quesito social para Curaçá, na época destacada pelo entrevistado, por que não há registros dela enquanto parteira e mulher negra? Por isso vale discutir o que é afirmado por Crenshaw (2002) sobre interseccionalidade e desigualdades básicas. Para a autora são criadas disparidades através de sistemas discriminatórios como o racismo e sexismo.

A partir do pensamento de Crenshaw (2002) reflete-se que uma das desigualdades básicas ocasionadas pelos sistemas discriminatórios, é não ter direito de conhecer a história dos antepassados por não terem tido a possibilidade em registrar e documentar.

Mãe Sérgia é relevante muito além do quesito cultural, tanto é que parte da população reivindicou seu nome para a Casa de Parto, mas a exigência não foi aceita. No Jornal *Asa Branca* também cita que a mesma foi uma figura importante para a manutenção da cultura negra na cidade e para curaçauenses que vieram ao mundo através das mãos dela. Não teria ela direito de ser reconhecida, o seu papel social ser valorizado, pelo município?

O entrevistado D analisa de forma enfática a falta de registros e documentos oficiais em relação a Marujada na cidade e Mãe Sérgia:

Eu já tenho procurado muito saber sobre como surgiu essa festa de São Benedito e tudo e a gente sempre esbarra nessa falta de informação. Por que é uma festa em que as pessoas, foi introduzida. Pessoas passaram a realizar sem maiores preocupações de entender o porque estavam fazendo [...] eu quero crer que não houve porque exatamente a festa, não era uma festa da elite, não era uma festa da classe dominante. A classe dominante admitia, aceitava, achava bonito de longe [...] Eu tenho certeza que se classe dominante tivesse tido essa percepção, a bandeira de São Benedito não estaria na casa de Mãe Sérgia. Provavelmente estaria na casa de um deles, ou na própria igreja, né? Condição de fazer registro histórico documentado era a classe dominante. Os pobres não tinham acesso ao conhecimento, ao estudo para escrever isso.

Sobre este relato do entrevistado D, compreende-se que em relação a festa de Curaçá também não há documentos que mencionem o surgimento. Silva (2020) menciona que apesar de São Benedito ser o santo de devoção da maioria dos curaçauenses, só na década de 1980 que a Igreja Católica elevou o santo a co-padroeiro da cidade, o que indica que essa elevação, contribuiu para que a relevância de Mãe Sérgia no quesito cultural fosse institucionalizada. Mas, é relevante perguntar: será que a Igreja Católica “abraçou” a festa, devido se sentir pressionada, já que, São Benedito era o santo de maior devoção? O que contribuiu para este questionamento foi a afirmação do entrevistado:

A classe dominante admitia, aceitava, achava bonito de longe [...] Eu tenho certeza que se classe dominante tivesse tido essa percepção, a bandeira de São Benedito não estaria na casa de Mãe Sérgia. Provavelmente estaria na casa de um deles, ou na própria igreja, né? Condição de fazer registro histórico documentado era a classe dominante. Os pobres não tinham acesso ao conhecimento, ao estudo para escrever isso.

A afirmação do entrevistado corrobora para refletir sobre a ausência de documento e registro em relação ao surgimento da festa. E, ainda assim pensar que, no aspecto cultural a Igreja Católica “abraçou” a festa, e conseqüentemente Mãe Sérgia, diferente do que ocorreu

no quesito social em relação a curaçaense, pois não houve instituição que tivesse acesso a sua história como parteira e sua importância de forma precisa, o que contribuiu para o (des)conhecimento de sua memória, sobre o seu exercício de partejar.

Como foi afirmado, é importante salientar que Silva (2020) menciona que São Benedito era o santo de maior devoção dos curaçaenses, cabendo questionar se isso foi significativo para a Igreja colocar São Benedito como co-padroeiro. Contudo, também é importante lembrar que na conjuntura de 1960 e 1970 setores da Igreja Católica se envolveram em questões sociais, e optaram por pautas relacionadas aos pobres.

De acordo com Silva (2009) “O contexto latino- americano exigiu maior comprometimento da hierarquia eclesial e uma mudança na prática pastoral”. Essa nova prática era a Teologia da Libertação. De acordo com a autora era a Igreja Popular, e esta era norteada por maior aproximação com o laicato que reconhecia e valorizava elementos da cultura popular, ou seja, “A Igreja popular significaria, então, a Igreja da libertação em oposição à Igreja tradicional” (SILVA, 2009, p.242).

Assim, é importante citar que em Juazeiro (BA) teve a experiência da Igreja junto à população local que optaram por uma Igreja libertadora, e um dos episódios que foi ponto de debate entre a Igreja e Estado foi a instalação da barragem e usina hidrelétrica de Sobradinho pela Companhia Hidroelétrica de São Francisco (CHESF) que resultou em um grave problema social, uma vez que, aproximadamente setenta e duas mil pessoas foram deslocadas para a implantação do projeto e desarticulou relações de parentesco, vizinhança, cultura, além das atividades produtivas rural afetadas.

De acordo com Silva (2009) a construção da barragem e a formação do lago Sobradinho, que cobriu uma área de 4.250 Km<sup>2</sup> afetou os municípios de Sento Sé, Pilão Arcado, Remanso e Casa Nova, que foram inundados. Isso mobilizou a Igreja Católica. A Diocese de Juazeiro assumiu o papel de interlocutora dos desalojados. Segundo a autora, em 1975, Dom José Rodrigues de Souza assumiu a Diocese, e se colocava contra ao Estado e CHESF, questionava o lugar ocupado pela população com a construção do empreendimento.

Desta forma, é possível associar que a partir de 1960, já que na região a população local e Igreja optaram pela Teologia da Libertação, isso contribuiu para que em Curaçá, a Igreja fosse sensibilizada a pôr no seu calendário a Festa de São Benedito em 1980, ocasionando assim na institucionalização de Mãe Sérgia no quesito cultural, como guardiã da Bandeira de São Benedito no município.

Vale ressaltar que nesta escrita quando é questionado se a Igreja Católica se sentiu pressionada a “abraçar” a festa, colocar São Benedito como co-padroeiro, não está afirmando

que houve manifestação, abaixo assinado para que isso ocorresse. Na verdade, aqui o número de participantes da festa, de devotos que tinha São Benedito, é visualizado como relevante recepção por parte da população curaçense e com isso acredita-se que tanto o contexto da Igreja popular, quanto os números de devotos que tinha o Santo, foi favorável para colocá-lo como co-padroeiro. Sendo assim é relevante pensar sobre a institucionalização de Mãe Sérgia no quesito cultural que ocorreu e como se deu. E, ainda refletir na inexistência da institucionalização no aspecto social, a curaçense no seu exercício de partejar.

Os entrevistados afirmaram em tópicos anteriores que houve o Projeto Mãe Sérgia na cidade, porém não existe mais. E, apesar de lá ter havido atividades que homenageassem a parteira, a exemplo de oficinas com ervas usadas pela mesma, no relato da entrevistada B, no tópico anterior, indica que não era uma atividade fundamentada na história da curaçense, sendo assim, descontextualizada.

Da mesma forma que o projeto social não existe, a sala de parto também deixou de existir quando acoplada ao hospital. Aqui não é pretendido afirmar que somente ao existir instituição que leve o nome Mãe Sérgia, signifique que ela seja valorizada. O que se quer afirmar é que a parteira por não estar dentro dos critérios de ser homem branco e fazer parte da elite, ocorreu a reprovação da reivindicação feita a pedido da população, em relação a Casa de Parto e também a falta de registros oficiais sobre ela causou (des)conhecimento sobre sua relevância social para o município.

Silva (2020, p.80) menciona que:

A figura de Mãe Sérgia permanece viva e pulsante na memória dos mais velhos e, nos últimos anos, parece que essa memória emerge no meio do povo, através de um quadro com sua foto no museu da cidade, uma creche batizada em sua homenagem e uma travessa que leva também seu nome.

A partir da afirmação da autora, sobre Mãe Sérgia, de estar viva na memória dos mais velhos, é essa a grande reflexão: emerge, surge. O seu valor no quesito social não é revivido, está restrito aos anciões. Assim, para valorização de uma mulher negra, da sua história, não basta somente nomear rua e creche (na cidade há a Creche Municipal Mãe Sérgia), é preciso elevar os seus feitos, os seus saberes enquanto parteira. Isto é possível através das memórias dos curaçenses.

Hooks (2015, p. 207) menciona que mulheres negras estão em uma posição incomum na sociedade “suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista”, o que indica que a falta de valorização e (des) conhecimento da história da curaçense por ser parteira, mulher

negra e não ter feito parte da elite é um grande indício, para que sua história não fosse documentada e institucionalizada.

Foi afirmado pelo entrevistado D que na sua visão, por conta da Festa de São Benedito, da sua casa que ainda ocorre os ensaios dos Marujos, ela não será esquecida, “mas, seu papel social não é revivido nem alimentado”. O entrevistado C relatou como ocorre a Festa de São Benedito e a Marujada:

Olhe São Benedito é festejado em Curaçá quatro vezes no ano, quatro dias. No dia 25 de dezembro a bandeira sai percorrendo todas as casas de católicos que é tirando dinheiro pedindo esmola para fazer a festa, do dia 30 e 31. Então do dia 25 percorre toda a cidade, toda a cidade mesmo. Como a cidade já cresceu muito hoje sai doze bandeiras no dia, cada bairro tem uma bandeira. Cada localidade da cidade tem uma bandeira. Pronto, aí ali é dia 25, quando é dia 30 é a levantação da bandeira, é a procissão luminosa à noite. Ela acontece à noite. Tem a novena do Bom Jesus de São Benedito, aí depois tem procissão luminosa com a bandeira, e um ponto da cidade todo mundo com as velas acesas, algumas pessoas fazendo promessa descalça. Num ponto da cidade tem um mastro, aí pega o mastro e leva para frente da igreja, lá amarra a bandeira e levanta a bandeira, aí no dia 31 é o dia da festa mesmo dia de São Benedito, que é o dia da Marujada. Então 07:00 horas da manhã os marujos já começam a descer o rio nos barcos.

Ainda é completado por “C” sobre o que ocorre em frente da casa de Mãe Sérgia:

A gente faz um círculo. O mesmo círculo que faz ao redor da bandeira de São Benedito e canta uma música em louvor a São Benedito. Aí depois que está com a rainha é que a gente entra na casa de Mãe Sérgia, por que dessa 1<sup>o</sup> vez não entra. Aí, [...] abre a casa, hoje que não mora mais ninguém, a rainha entra com o rei, a gente fica na porta, canta, a rainha entra e sabe porque tá entrando, é por que aquela casa é importante pra história da Marujada. A gente faz questão de dizer. Então a gente canta pra São Benedito, na casa dela e depois segue viagem para o cruzeiro.

Com o relato de “C” sobre o que ocorre na casa de Mãe Sérgia é perceptível que durante o ritual e a festa à Mãe Sérgia é dado o reconhecimento ao seu valor na cultura da cidade, mas é provável que seu valor social esteja restrito a um pequeno grupo, ou seja, daqueles que tiveram contato com ela.

O entrevistado F também destacou ver esse reconhecimento por pessoas que vieram ao mundo através da parteira. Assim a falta de reconhecimento do seu valor social aqui é associado como consequência do patriarcado, racismo e opressão de classe que causou a desvalorização das histórias de mulheres e culturas negra. Em relação à participação de uma mulher em uma festa a entrevistada E citou com admiração:

[...] a história de Mãe Sérgia eu sou suspeita pra falar da história de Mãe Sérgia, porque sempre que vou apresentar a Marujada, eu dou uma importância muito grande a história de Mãe Sérgia. É pela minha formação de ser mulher, de ser negra, de ter sido chefe de família, de ter sido responsável pela manutenção de uma manifestação cultural em uma sociedade tão patriarcal, tão machista. Então ao

apresentar a Marujada eu sempre apresento com muita ênfase a figura de Mãe Sérgia.

Também, foi reforçada pela entrevistada a reação dos estudantes sobre Mãe Sérgia e a Marujada:

Normalmente, uma das coisas que os alunos acham mais interessante, que eles sempre comentam é a questão de nunca ter dançado a Marujada. Rende uma boa discussão isso. Ela nunca dançou a Marujada. Mãe Sérgia porque quando ela faleceu as mulheres não faziam parte da Marujada. Era um folguedo masculino, era uma atividade masculina, no entanto as mulheres participavam ao confeccionar roupas, ao preparar o café da manhã, ao preparar o almoço, a fornecer a rainha pra Marujada. [...] não como participante da festa da Marujada. É uma das coisas que mais rende discussão na sala de aula.

Sobre isto é importante destacar a reação dos estudantes e a entrevistada ter mencionado que era uma sociedade patriarcal e tão machista. Corroborando mais uma vez para refletir sobre o conceito de patriarcado que “é principalmente, poder político que restringe as liberdades e direitos das mulheres” (SILVA, 2019 p.11). Sendo assim, na festa, a sua participação era restrita. E, as mulheres não participavam da dança, o que é possível refletir sobre direitos e liberdades restringidas, apesar de Mãe Sérgia guardiã da bandeira de São Benedito.

Ainda sobre a festa ser um folguedo masculino, as mulheres participavam na confecção das roupas, preparar o café e o almoço, porém não estarem na hora da dança, Hooks (2015) menciona que mulheres negras podem ser vitimadas pelo sexismo, por parte de homens negros. A partir desta afirmação é compreendido que, apesar de ser mulher negra e guardiã da bandeira, não participava da festa como um todo. E, que apesar das mulheres realizarem algumas atividades, elas estavam restritas aos bastidores. A entrevistada E, ainda menciona:

As mulheres ficavam nos bastidores e... no entanto, a fé as mulheres estão nos bastidores, mas na hora de ir para a igreja, pra missa, as mulheres acompanham os marujos e estão na igreja rezando junto com os marujos. Né! Então esses momentos de fé, esses momentos relegados as tarefas domésticas, relegados as mulheres. A hora de estar na rua, a hora de estar aparecendo, as mulheres eram apenas expectadoras.

Soares Neto (2011) cita que as mulheres passaram a desfilar como marujas somente a partir de 2000, compreendendo desta forma que anterior a este ano, a mulher estava submetida à ordem e regra de um sistema patriarcal. Também, Silva (2020) cita em sua pesquisa que na Marujada de Curaçá, a participação feminina era restrita a figura da rainha e confecção de indumentária, isto durante quase dois séculos. E, quando as mulheres ganharam espaço na Marujada foi em 2000.

É imprescindível citar Davis (2013) que menciona sobre gênero, raça e classe. As mulheres negras nos Estados Unidos foram alvos do racismo e sexismo. No contexto do século XIX, Sojourner Truth em uma convenção questiona, “e eu não sou mulher?” (DAVIS, 2013, p.49). De acordo com a autora, em uma época que as mulheres não se pronunciavam, Sojourner Truth discursou questionando sobre os direitos das mulheres negras.

Ainda a autora afirma que na convenção por um homem foi afirmado que era ridículo as mulheres quererem votar. Mas Sojourner Truth respondeu a supremacia masculina, que plantou, lavrou, foi chicoteada, e não teria direitos? Também Davis (2013) cita que Sojourner Truth teve uma postura que nenhuma mulher branca teve. Falar e argumentar. Foi exposto na convenção o preconceito de raça e de classe, exigiu direitos iguais, não menos que das mulheres brancas de classe média.

Hooks (2015) afirma que as feministas privilegiadas não compreendem a inter-relação entre opressão de raça, classe e sexo. Para a autora, as análises feministas que se atentam exclusivamente ao gênero, não proporcionam uma base sólida para a construção da teoria feminista.

Silva (2020) após mapear locais na Bahia que tivesse festas como a Marujada, denominadas de Cheganças, Embaixadas e Barcas identificou que inicialmente existia apenas grupos masculinos e com o passar do tempo surgiu grupo feminino, a exemplo, da Chegança Feminina Barca Nova, na cidade de Saubara. De acordo com a autora, a Marujada de Curaçá nos dias atuais se distingue das demais pela participação de homens e mulheres. Indicando assim, que devido o patriarcado e sexismo não havia grupos femininos e participação destas junto com os homens.

Para Gonzalez (1982, p.97): “Ser negra no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo, e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão”. Assim, é importante analisar os relatos dos professores entrevistados que contribuíram de forma significativa para esta pesquisa.

Nas entrevistas é visível que no âmbito cultural Mãe Sérgia é institucionalizada, talvez por que a Igreja Católica “abraçou” a festa, e reconheceu São Benedito como co-padroeiro em 1980 (Silva, 2020).

Na sala de aula, por exemplo, a curaçaense é abordada de forma transversal, através da cultura, e no âmbito social há (des)conhecimento devido o seu exercício de partear ser lembrado e está restrito aos anciões. O que corrobora para refletir que a tripla discriminação ocasionou (des) conhecimento sobre Mãe Sérgia enquanto parteira.

Para Gonzalez (1979) no Brasil há um racismo cultural em que é considerado como natural, a mulher no geral e mais especificamente a negra desempenhar papéis sociais desvalorizados. Assim, esta desvalorização, o não reconhecimento em relação ao papel social de Mãe Sérgia também é resultado do racismo cultural.

Ainda a autora cita que “os aparelhos ideológicos do estado desenvolvem com eficácia a veiculação e o reforço das práticas de discriminação” (Gonzalez, 1979, p.12). De acordo com a autora os livros didáticos quando não inserem assuntos e conteúdos sobre o negro, sobre memórias africanas e culturas, corroboram para práticas discriminatórias.

Dessa forma, acredita-se que a valorização, reconhecimento, institucionalização e divulgação do papel social de uma mulher negra, contribui para que práticas de discriminação e racismo não sejam disseminadas. Por isso, é relevante o mapeamento das memórias sobre Mãe Sérgia para valorizar e preservar a sua história enquanto mulher negra e parteira, promovendo a emancipação da sociedade. Assim, a seguir será discutida que a educação contextualizada contribui para preservação da memória. A memória de Mãe Sérgia.

## 5.5 PRESERVAÇÃO: “XODÓ, AUTORIDADE, PARTEIRA OFICIAL DE CURAÇA E MUITO BOAAAA”!

O título deste item são percepções dos curaçaenses em relação à Mãe Sérgia. O entrevistado C mencionou: “eu diria que Mãe Sérgia é o xodó da cidade”. Contudo, o mesmo afirma que as homenagens que foram feitas a ela (nome em rua e creche) “são justas, mas deveria ser mais concreta”. Ainda o entrevistado C mencionou: “A Casa dela, a cultura dos Marujos é muito mais forte do que essas homenagens que foram feitas pelo poder público”. Com isso, neste capítulo será discutido sobre a preservação das memórias sobre a parteira, o que pensam os entrevistados em relação à preservação da memória da curaçaense.

A partir dos relatos sobre Mãe Sérgia, nas escolas do município, a mesma é abordada de forma transversal. A entrevistada B citou que não havia um trabalho profundo em relação à parteira devido não haver registros na cidade sobre ela. Identificando assim, em capítulos anteriores que o patriarcado e racismo propiciou o apagamento da memória.

Dessa forma, ao que tudo indica, em relação a curaçaense, apesar de no Projeto Mãe Sérgia ter realizado oficinas com as ervas que a mesma indicava as suas parturientes, era um ensino “solto”, ou seja, descontextualizado. E por isso, acredita-se que o ensino contextualizado contribui para preservação da memória.

Oriá (2004) cita que em meados dos anos setenta e por toda década de oitenta houve a emergência dos movimentos sociais populares protagonizados por trabalhadores, mulheres, negros e homossexuais que reivindicavam exercício dos direitos de cidadania e esses movimentos tinham como pauta “resgate” de sua memória, como instrumento de luta e afirmação. Para o autor:

A escola tem um papel fundamental nesse processo [...]. Ela é o lócus privilegiado para valorização dos elementos que compõem o nosso patrimônio cultural. [...] Ao falarmos em patrimônio histórico, entenda-se não apenas o patrimônio arquitetônico, mas também documental, oral, visual, arquivístico (ORÍÁ, 2004, p.130-133).

Desse modo, compreende-se que os relatos dos curaçauenses sobre Mãe Sérgia, sobre os feitos da parteira contribuem para valorização da memória, sua relevância social e sua história. Acredita-se que as entrevistas sobre Mãe Sérgia corroboram para o ensino contextualizado, preservação da memória e discutir sobre racismo e sexismo, já que, a falta de registros sobre uma mulher negra e não pertencente à elite, indica que ocorreu investimento para extinguir sua memória.

Martins (2009) menciona que a educação contextualizada opta por partir de contextos que tematize e reconstrua projetos individuais e coletivos, objetivando emancipação. Assim, a preservação da memória de Mãe Sérgia, corrobora para respeito às diferenças e diversidade.

Pensar que, a partir da valorização da história da parteira proporciona outras discussões, como por exemplo, saber popular, já que a mesma indicava as suas parturientes ervas para limpar e dar banho nas crianças e também para mal estar, é significativo, pois, é possível discutir o próprio contexto de Curaçá em 1930, 1940 e 1950, quando não havia serviços para a população, não havia médico e nem farmácia.

Ainda, a partir da história da parteira é possível discutir com os estudantes sobre registros e documentos. Quem ou quais grupos registravam a história e, porque estes tinham essa possibilidade. Em concordância com Martins (2009) que não é alimentar o bairrismo, mas o contrário, é sustentar que o contexto, a partir dele é possível realizar reflexões do local com o global. Assim, a valorização destas memórias é uma possibilidade em realizar conexões.

Para Almeida e Vasconcellos (2004) a memória é entendida enquanto objeto de conhecimento e propicia reflexão sobre o passado através dos dias atuais. Desse modo, a partir dos relatos sobre a parteira de Curaçá é possível efetivar essa relação e ainda refletir sobre outras realidades.

## 5.6 “HÁ 67 ANOS MÃE SÉRGIA CONSEGUIU FAZER UM PARTO”.

Durante as entrevistas realizadas com os curaçauenses observou-se que Mãe SÉrgia exerceu a atividade de parteira com muita dedicação. A entrevistada B citou que a curaçauense “tinha sabedoria para resolver os problemas que apresentavam na hora do parto”, e afirmou sobre as homenagens feitas na cidade à Mãe SÉrgia:

Eu vejo como homenagem merecida, né? Porque foi realmente uma pessoa que se destacou, embora [...] tenha ficado adormecida para as gerações mais novas, né. [...] Mas teve a tentativa de fazer o resgate dessa pessoa que foi tão importante para tantas gerações em Curaçá.

A entrevistada B menciona que nas gerações mais novas, a história de Mãe SÉrgia ficou adormecida, o que indica que os seus feitos como parteira precisam também ser revividos. Ainda a entrevistada completa: “Fazer esse resgate estará contribuindo para a cultura do município, e houve uma forma de viver naquela época, né. Houve uma pessoa que se destacou dentro daquela época, dentro daquela geração, quando em Curaçá não tinha médicos nenhum”.

É falado pela entrevistada sobre uma época distante. Almeida e Vasconcellos (2004, p. 107) citam que “[...] a constituição de uma memória está intimamente relacionada com as transformações que o presente lhe confere na reelaboração do passado”. Desta forma, ao que tudo indica a entrevistada revive as mudanças que ocorreram em Curaçá, e lembra a importância que tinha a parteira, naquela época. Ainda, a entrevistada segue fazendo comparação:

Essa semana uma jovem perdeu uma filha em Petrolina, e no momento do parto teve eclâmpsia e não conseguiu o procedimento [...] Então, pensar assim, há 67 anos Mãe SÉrgia conseguiu fazer um parto de uma parturiente que deu eclâmpsia, no momento da filha sair, entendeu? Então eu acho que é um resgate muito importante [...] que mostra a história da cidade [...] e o valor da pessoa para aquela comunidade.

Na afirmação feita é citada a relevância em valorizar a história da parteira, o significado dela para o local, além de comparar o passado com os dias atuais. Por isso, é pertinente preservar a história de Mãe SÉrgia, para que outras gerações a conheçam e sua história não seja adormecida, contribuindo para impedir o apagamento da sua memória enquanto parteira.

De acordo com Oriá (2004) a valorização e o conhecimento de um bem cultural contribuem para compreender quem somos, para onde vamos, e o que fazemos. A

entrevistada completa: “Hoje ninguém lembra que tinha parteira, que o parto era feito em casa. São poucas pessoas que tem esse conhecimento”.

Assim, nestes relatos é possível visualizar a relação do presente com o passado, outras realidades e outros contextos. Por isso, afirma-se que a partir da história de uma mulher curaçense, a educação contextualizada leva a preservação da memória e história e além disso, é possível discutir outras experiências e modos de vida.

Para Menezes e Araújo (2007) contextualização, refere-se ao rompimento com grandes narrativas da ciência e da pedagogia moderna que possuem o princípio de universalidade da concepção tradicional e colonizadora da educação que não inclui a realidade das pessoas, o lugar onde elas estão. Desta maneira, a história de Mãe Sérgia, mulher negra, contribui para romper com grandes narrativas e valorizar a história local.

Assim como a entrevistada B mencionou que a história de Mãe Sérgia ficou adormecida, o entrevistado D citou que “as duas últimas gerações não possuem referência” sobre Mãe Sérgia, atribuindo a isso o imediatismo:

Olha, a gente sabe que a gente vive no tempo em que o imediatismo. Está aí, a velocidade com que as notícias circulam vão atropelando o guardar na memória. A facilidade de acesso a notícia do mundo todo hoje, faz com que a gente tenha um leque muito amplo de área de interesse, né. [...] Então as notícias são consumidas, os fatos são facilmente substituídos por outros, então vivemos um período de pouca memória, de pouca preservação de memória.

Além de o entrevistado ter citado que vivemos no período de pouca preservação, o mesmo menciona que para preservar é através da educação formal ou informal. E completou:

É uma falha da educação do não culto à história e à memória do lugar. Eu acho que esse trabalho deveria ser intensificado e incentivado para que houvesse pelo menos o conhecimento das pessoas, que contribuíram com, de alguma forma para aquele local, e que de alguma forma o trabalho deles, a inteligência, o conhecimento deles produziu algo positivo, que aqueles jovens que estão usufruindo desconhecem, mesmo sem saber quem foi estão usufruindo. [...] O Estado tem o papel de apoiar e incentivar.

No relato do entrevistado D é citado à importância em inserir a memória e história do lugar na educação, cita que é papel do Estado. Para ele é relevante que houvesse conhecimento sobre as pessoas que contribuíram para aquele local. Menezes e Araújo (2007) mencionam que a contextualização do currículo permite que ele seja veículo, interlocutor dos saberes locais com saberes globais, e também permite possibilidade de criação, ou seja, o currículo está em permanente construção. Assim, é relevante incluir nos currículos a preservação da história e memória para promover respeito e também valorização do passado.

O entrevistado D expôs sua preocupação com a casa em que Mãe Sérgia residiu:

Hoje minha preocupação é que a própria casa de Mãe Sérgia, onde se mantém essa tradição de guardar a bandeira, é hoje uma casa fechada, é uma casa muito antiga e que se não tiver uma atenção especial [...] ela vai sofrer bastante [...] então a casa tá fechada [...] é uma casa muito antiga sujeita a todo deterioramento do tempo, né. E, eu não vejo nenhuma preocupação de preservação.

Como foi afirmado por Menezes e Araújo (2007) o currículo está em permanente construção. Sendo assim, é significativo refletir sobre esse lugar de memória, a importância em preservá-lo para outras gerações. Oriá (2004, p. 130) cita que “ao socializar o conhecimento historicamente produzido e preparar atuais e futuras gerações para a construção de novos conhecimentos, a escola está cumprindo seu papel social, formação da cidadania”. Permitindo desta forma que memórias não sejam esquecidas e que sejam divulgadas.

Para Oriá (2004) a preservação do patrimônio histórico é questão de cidadania, e é importante para termos direito à memória e também o dever de manter o acervo cultural do país. Assim, acredita-se que através da educação contextualizada é propiciada à preservação. O ensino sobre a história de Mãe Sérgia coopera para a preservação da história local, possibilita o direito à memória dos curaçauenses, impedindo o apagamento.

O entrevistado D relembra sobre a casa de Mãe Sérgia:

Eu me lembro que no quintal da casa dela tinha um pé de Juazeiro muito grande. Eu tenho foto desse pé de Juazeiro. Ela criava ovelhas, e normalmente as ovelhas se abrigavam em baixo desse pé de Juazeiro. E uma das vezes que tive na casa, uns anos atrás, eu notei que a árvore tava muito, muito debilitada, estragada. E eu conversei com a pessoa que morava lá, com Dália, e ela me disse que tinha caído um raio naquele local, e que tinha danificado uma parte da árvore, e que ela na época tinha falado com o prefeito pra mandar tirar a parte morta pra recuperar a árvore. Mas, isso não tinha sido feito<sup>13</sup>.

Através do relato do entrevistado é visível sua preocupação em relação à preservação à memória de Mãe Sérgia e também da casa que a mesma residiu. Para Oriá (2004, p. 133) “[...] edificações, formas de expressão, modos de criar, fazer e viver são bens culturais de uma sociedade, e por isso devem ser preservados”. Ainda, os bens naturais ou culturais são considerados como patrimônio cultural do país quando, “são portadores de referência à identidade, à ação, e à memória dos diferentes elementos étnico- culturais formadores da nação brasileira” (Oriá, 2004, p.135). Assim, vale ressaltar que Mãe Sérgia foi descendente direta de povos escravizados. Contribuiu para a formação histórica e cultural de Curaçá.

A entrevistada B citou também sua preocupação:

<sup>13</sup> A autora Silva (2020) afirma que Dália foi filha de criação de Mãe Sérgia, residiu com a parteira a partir dos 13 anos de idade. Ainda, posterior a morte de Mãe Sérgia, Dália e os irmãos, especialmente Sinhá Preta (Francisca) recebiam as pessoas que vinham das “caatingas” em dias de feira.

[...]incentivei bastante que usasse a casa como um museu, fizesse um museu de Mãe Sérgia. Seria um museu que concentraria tudo de São Benedito, porque ela é a figura que representa a festa de São Benedito na cidade. Que contasse um pouco da história [...] da relação com Mãe Sérgia. Mas, tudo isso ficou perdido, porque sai governo, e aí passa.

Para Oriá (2004, p.139) “a perda de referenciais históricos, pautados na memória da cidade, nos dá a estranha sensação de que somos “estrangeiros” em nossa própria casa. Sem a memória, não encontraremos mais os ícones, símbolos e lembranças que nos unem”. Desta maneira, ao colocar a importância da preservação nos currículos, propicia que os estudantes tenham outro olhar em relação à história do seu município. Permite saberem que o presente é resultado do passado, e conhecerem a realidade que estão inseridos.

O município de Curaçá possui a Proposta Política Pedagógica para as escolas do município, e foi elaborada em 2001 (proposta de educação contextualizada). Nesta proposta há cinco eixos temáticos: natureza, trabalho, conhecimento, história e subjetividades humanas, e são propostas algumas atividades. Nele está afirmado que não é um manual rígido.

Assim é imprescindível refletir que as memórias sobre Mãe Sérgia, podem ser inclusas nos currículos das escolas. Acredita-se que a partir das escolas, e através dos currículos, a história e as memórias à Mãe Sérgia sendo institucionalizadas, impede o apagamento da memória de uma mulher negra, descendente de povos escravizados, enquanto parteira, que contribuiu de forma significativa para a população e com a cidade curaçense.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ida aos lugares de memória na cidade de Curaçá teve relevância para a construção do projeto de pesquisa e para a escrita da dissertação. O contato com a fotografia exposta de Mãe Sérgia, em que a mesma estava bordando bilros foi bastante significativo para refletir sobre seus saberes e conhecimentos. Ali, naquele momento, a mensagem captada é que é preciso valorizar e preservar memórias, para compreendermos o presente e a realidade que estamos inseridos.

Compreender a história do local colabora para conhecer e valorizar histórias como de Mãe Sérgia, e a partir desta figura ilustre colabora para conhecer a história de Curaçá no contexto de 1930 a 1950. Assim, é possível afirmar que o trajeto percorrido (Museu – Jornal - História Oral) é tido como “caça ao tesouro”. A recompensa deste trajeto foi escutar as histórias e memórias mais autênticas sobre a curaçense negra.

A pesquisa sobre memórias dos curaçenses a respeito de Mãe Sérgia abre possibilidades para outras pesquisas. Como por exemplo, nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas de Curaçá, analisar como a instituição implementa a Lei N: 10.639/2003 relevante para combater o racismo institucional e estrutural na sociedade. Acredita-se que a partir do ensino, da valorização da cultura afro brasileira e divulgação de histórias como a de Mãe Sérgia corrobora para o respeito à diversidade.

Essa pesquisa também possibilita ainda no âmbito escolar debater sobre racismo e sexismo na sociedade. A partir da história de Mãe Sérgia, a inexistência de documentos oficiais que mencionem sobre a parteira, e a partir disso discutir sobre o respeito a mulher, e a construção da história escrita por homens.

Outra possibilidade em prosseguir com pesquisa sobre Mãe Sérgia no âmbito educacional é em relação ao Projeto de educação não formal Mãe Sérgia. É possível fazer um levantamento de pessoas que foram acolhidas pela instituição, a relevância deste para a vida e desenvolvimento destas, as lembranças sobre o ensino, o que aprenderam, já que, como foi mencionado por uma entrevistada houve práticas educacionais que foram em homenagem a parteira. Ainda, a Creche Mãe Sérgia que há na cidade é mais um caminho em continuar o projeto. O que é ensinado para as crianças bem pequenas em relação a questão cultural da cidade? E, ainda esta dissertação colabora para o ensino na creche, a história da parteira.

Outra questão que é mais uma possibilidade em dar continuidade a pesquisa é sobre a construção de redes de apoio, lembrando que Mãe Sérgia teve 20 filhos e criou três crianças.

Uma das filhas de criação de Mãe Sérgia foi Dália, que mesmo após a morte da parteira continuou com o ritual da saída da Bandeira de São Benedito.

Refletir também sobre o processo de desvalorização dos saberes ancestrais produzidos por pessoas negras, já que até 1940 a higienização era a palavra de ordem. Logo os saberes populares foram desqualificados pelo conhecimento científico, um exemplo foi a substituição de parteiras por doulas.

A partir desta pesquisa que teve como fonte o Jornal Asa Branca, este impresso é mais uma alternativa em conhecer sobre a cidade Curaçá, mais especificamente o contexto de 1980 a 1983. Questões políticas e denúncias feitas através do periódico.

É relevante fazer a reflexão em relação a institucionalização de Mãe Sérgia no quesito cultural do município, e que isso ocorreu com a Igreja popular em 1980. Também pensar sobre a importância de Dom José Rodrigues para a região, já que este estava nesta condição durante esse período e a quantidade de devotos que tinha São Benedito. De acordo com Silva (2020) foi significativo para o santo ser elevado a co-padroeiro da cidade. Isto, juntamente com o contexto da época, com a Igreja popular, contribuiu para imaginar que foram importantes para a elevação do santo.

Pensar na questão de gênero em relação a Festa da Marujada, lembrando que as mulheres só passaram a dançar a partir de 2000, o que colabora para refletir sobre o patriarcado na sociedade. Estas são as possibilidades em conhecer mais sobre Mãe Sérgia, divulgar a sua história e conhecer mais sobre Curaçá.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR; Durval Muniz; **Nordestino: Invenção do “Falo”- Uma História do Gênero Masculino (1920-1940)**, 2ª Edição, São Paulo .Intermeios ,2013 (Coleção Entregêneros).

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS Camillo de Melo. **Por que visitar Museus. IN: O saber Histórico na Sala de Aula** (org.) Circe Bittencourt, São Paulo, Contexto, 2004.

ALMEIDA, Silvio Luiz de; **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG); Letramento 2018.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes de; **Usos e Abusos da História Oral**; 8 ed; Rio de Janeiro: Editora FGV,2006.

AMADO, Janaína; **A Culpa Nossa de Cada Dia: Ética e História Oral. In: Proj. História**, São Paulo, (15), abr, 1997.

ARAÚJO; Maria Paula Nascimento; **A luta Democrática Contra o Regime Militar na Década de 1970. IN: Golpe e a Ditadura Militar: Quarenta Anos Depois (1964-2004)**. Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti, Rodrigo Patto Sá (orgs). Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BARBOSA, Marialva; **Uma História da Imprensa (e do Jornalismo); Por Entre os Caminhos da Pesquisa. INTERCOM-RBCC**. São Paulo, V 41, N 2, p. 21-36, Mai/ago.2018.

BARROS, José D’ Assunção; **A Expansão da História**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARROS, José D’ Assunção; **As Hipóteses nas Ciências Humanas: Aspectos Metodológicos**; Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BIM FERNANDES, Maurício Roberto Moreira; **História da Imprensa de Curaçá**; Curaçá, ASSEC, 2008.

BOSI, Ecléa; **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**; 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras 1994.

CARDOSO, Antonila da França; **Nosso Vale... Seu Folclore Beira – Rio**, 1985.

CARVALHO, Luzineide Dourado; **Ressignificação e Reapropriação Social da Natureza: Práticas e Programas de ‘Convivência com o Semiárido’ no Território Juazeiro (Bahia)** Luzineide Dourado Carvalho. São Cristovão, SE, 2010.

CEGANO, Susana; ALMEIDA, Francisca Dias De Oliveira De; **Parto Domiciliar Assistido Por Parteiras Em Meados Do Século XX Numa Ótica Cultural**; IN: Texto Contexto Enferm, Jul- Set, 13, 409-413, 2004.

CRENSHAW, Kimberle; IN: **Estudos Feministas**, Tradução de Liane Schneider, Revisão de Luiza Bairros e Cláudia Lima Costa. No 1. P.171-188. 2002

COSTA, Lúcia Helena Rodrigues da; **Memórias de Parteiras: Entrelaçando Gênero e História de Uma Prática Feminina do Cuidar**; Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

COSTA, Marta Nunes da; **Transformando O Patriarcado? O Papel da Luta Feminista Na Reconfiguração das Categorias Marxistas**; IN: Revista de Filosofia Trans/Form/Ação; Marília, V. 41. N3. P124-144, Jul/ Set, 2018.

CUSATI, Iracema Campo; SANTOS, Mário Ribeiro Do; ÁVILA, Virgínia Pereira Da Silva De; **Escritas Que Cruzam O Tempo: Dos Diários de Classe aos Cadernos de Anotações da Professora Maria Franca Pires (Juazeiro, 1957-1985)**.Rev.Bras. Hist. Edu. Maringá-PR, v17, n4 (47). P. 256-289, Out./ Dez. 2017.

DAVIS, Angela; **Mulher, Raça e Classe**. Tradução Livre. Plataforma Gueto, 2013.

DESIAURIERS; Jean-Pierre; Kérist, Michele; O Delineamento da Pesquisa Qualitativa. IN: **A Pesquisa Qualitativa: Enfoque Epistemológicos e Metodológicos**/ Tradução de Ana Cristina Nasser, Petrópolis, Rj: Vozes, 2008.

FEDERICI, Silvia; Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva; Tradução do Coletivo Sycora, 2004.

GANDON, Tânia Risério D' Almeida; **Entre Memória e História: Tempos Múltiplos De Um Discurso de Muitas Vozes**. Proj. História, São Paulo, (22), Jun.2001

GONZALEZ; Lélia; **A Mulher Negra Na Sociedade Brasileira**; IN. O Lugar Da Mulher: Estudos Sobre a Condição Feminina Na Sociedade Atua; Organização de Madel T. Luz- Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GONZALEZ; Lélia; **Cultura Etnicidade e Trabalho: Efeitos Linguísticos e Políticos Da Exploração Da Mulher**; In: Comunicação Apresentada no 8º Encontro da Nacional da Latin América Studies Association Pittisburgh, 5 a 7 de Abril, 1979.

GONÇALVES, Andréa Lisly; **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins; **Ancestralidade e Oralidade Nos Movimentos Negros de Pernambuco**. IN: Revista África(s), V.03,n. 06. P.90-106. JUL- Dez. 2016.

HALBWACHS, Maurice; **La Mémoire Colletive**; Traduzido do Original Francês (2º ed) Presses, Universitaires de France, Paris, França, 1968.

HIRATA; Helena; **Gênero, Classe e Raça. Interseccionalidade e Consustancialidade das Relações Sociais**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, V.26, n.1, p.61-73

HOOKS, Bel ; Mulheres Negras: **Moldando a Teoria Feminista. In: Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília; Janeiro- Abril de 2015, p. 193-210.

JORNAL ASA BRANCA. **Marujada: Uma Tradição que Deve Ser Mantida**; *Asa Branca*, Curaçá, 30 de dez,1980, ano 1, nº 8, p.09.

\_\_\_\_\_. **Em Reverência à Memória de Mãe Sérgio**; *Asa Branca*, Curaçá, 30 de dez, 1980, ano 1, nº 8, p.09.

\_\_\_\_\_. **Maternidade Mãe Sérgio em Local Mais Adequado**; *Asa Branca*, Curaçá, 30 de mar, 1981, ano 1, nº 11, p.8

\_\_\_\_\_. **O Povo Quer o Nome de “Mãe Sérgio” em Sua Maternidade**; *Asa Branca*, Curaçá, Jan, 1983, ano 3, nº 26, p.3.

\_\_\_\_\_. Enquanto Isso, Num Congresso de Cegonhas; *Asa Branca*, Curaçá, Jan, 1983, ano 3, nº 26, p.1

LAPUENTE, Rafael Saraiva; **O Jornal Impresso Como Fonte de Pesquisa: Delineamentos Metodológicos**; Trabalho Apresentado no GT de História da Mídia Impressa, Integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

LE GOFF, Jacques; **História e Memória**; Tradução Bernardo Leitão. 5º Edição. Campinas. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

LOPES, Esmeraldo; **Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco**; 1954.

LOPES, Esmeraldo; **Caminhos de Curaçá**; Curaçá, Gráfica Franciscana, 2000.

LOURO, Guacira Lopes; **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma Perspectiva Pós Estruturalista**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

LOZANO; Jorge Eduardo Aceves; **Práticas e Estilos de Pesquisa na História Oral Contemporânea. IN: Usos e Abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV,2006.

LUCA, Tânia Regina de; **História dos, nos Periódicos. IN: Fontes Históricas**. Carla Bassenezi Pinsk, (organizadora). 2. Ed. 2º reimpressão. –São Paulo: Contexto, 2010.

MARTINS, Josemar da Silva; LIMA Aurilene Rodrigues; **Educação com o Pé no Chão do Sertão: Proposta Político- Pedagógica Para as Escolas Municipais de Curaçá (BA)**; Petrolina, PE: Gráfica Franciscana, 2001.

MARTINS, Josemar da Silva; **Contextualizando o Contexto; Caderno Multidisciplinar – Educação e contexto do semiárido brasileiro**: múltiplos espaços para o exercício da contextualização. Juazeiro/BA; Selo Editorial RESAB, ano 04, n. 05, v. 01, jun. 2009, p. 17-35.

MENEZES, Ana Célia; ARAÚJO, Lucineide Martins; Currículo, Contextualização e Complexidade: Espaço de Interlocação de Diferentes Saberes. IN: **Caderno Multidisciplinar-Educação e Contexto do Semiárido Brasileiro: Currículo, Contextualização e Complexidade: Elementos Para se Pensar a Escola no Semiárido** . V1- Juazeiro/ BA: Selo Editorial RESAB,2007.

MELO, Júlia Morim de; MÜLLER, Elaine; GAYOSO, Daniela Bittencourt; **Parteiras Tradicionais de Pernambuco: Saberes, Práticas e Políticas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

MOREIRA, Gislene; **Sertões Contemporâneos: Rupturas e Continuidades no Semiárido**. Salvador, EDUNEB; EDUFA,2018.

MOREIRA, Gislene; **Mulher Rendeira- Re-tecendo Afetos e Identidades de Gêneros nos Sertões Contemporâneos**. Saeculum, Revista de História. V. 24. n. 41, João Pessoa, p.354-372, jul-dez.2019.

MOOT, Maria Lúcia; **Assistência ao Parto: Do Domicílio ao Hospital (1830- 1960)**; Proj. História. São Paulo, (25), dez, 2002

NEPOMUCENO, Bebel; **Mulheres Negras: Protagonismo Ignorado**. In: Nova História das Mulheres no Brasil; Organizadoras Carla Bassanezi Pinski; Joana Maria Pedro. 1. Ed. 1 reimpressão, São Paulo, Contexto, 2013

NORA, Pierre; Entre Memória e História: **A problemática dos Lugares**, In: Projeto de História 10,. CDUC,1993.

ORIÁ, Ricardo; **Memória e Ensino de História. IN: O saber Histórico na Sala de Aula** (org) Circe Bittencourt, São Paulo, Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. IN: Educação em Revista, Belo Horizonte, V.26; n° 01, p.15-40, Abril, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli; **As Formas do Silêncio : No Movimento dos Sentidos**. 6° ed. Campinas, SP: Editora Unicamp,2007.

PAIVA, Carla Conceição da Silva; Barros, Edonilce da Rocha; **Gênero, Sexualidade e Educação Contextualizada Para a Convivência Com o Semiárido: Reflexões e Desafios**. IN: Paradigma Cultural II: Gênero, Educação, Trabalho e Etnias/ Edonilce da Rocha Barros, Carla Conceição da Silva Paiva- Curitiba: CRV, 2017.

PEDRO, Joana Maria; (Org) **Práticas Proibidas: Práticas Costumeiras de Aborto e Infanticídio no século XX**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

PIRES, Álvaro P; Amostragem e Pesquisa Qualitativa. Ensaio Teórico e Metodológico IN: **A Pesquisa Qualitativa: Enfoque Epistemológicos e Metodológicos**/ Tradução de Ana Cristina Nasser, Petrópolis, Rj: Vozes, 2008.

PERROT, Michelle; **Minha História das Mulheres**. Tradução Angela M.S. Corrêa. 1, ed. 1 reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK; Michael; **Memória, Esquecimento, Silêncio**; Estudos Históricos; Rio de Janeiro. Vol 2, n3, 1989, p.3-15.

PORTELLI, Alessandro; **História Oral e Poder; Mnemosine**, Vol 6, n° 2, p.2-13, 2010.

QUIJANO, Anibal; **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina IN: A Colonialidade do Saber : Eurocentrismo e Ciências Sociais**. Perspectiva Latino-Americanas; CLACSO, Consejo Latino Americano de Ciências Sociales,2005.

RAMOS, Francisco Régis Lopes; **A Danação do Objeto: O Museu no Ensino de História**, Chapecó, Argos 2004.

SAFFIOTI, Heleith I. B; **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987 ( Coleção Polêmica).

SANTANA, Erine Estevam de; **Quem foi e é Mãe Sérgia Para Curaçá?**. IN: Anais II Encontro Baiano de Educação do Campo: Ataque do Conservadorismo e Experiências Contra Hegemônicas. V.1, n°.1, 2018, ISSN -2525-4847.

SANTOMÉ, Jurjo Torres; As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo IN: **Alienígenas na sala de aula**; Tomaz Tadeu da Silva (org.) Petrópolis, RJ: Vozes,1995.

SANTOS, Andréa Cristiana; **Um Tipógrafo- Jornalista no Sertão da Bahia**; Comunicação Científica Apresentada no Simpósio Temático História Periódica: A Imprensa Periódica no Brasil no Século XIX e XX. VII Simpósio Nacional de História Cultural. Universidade de São Paulo –USP 10 a 14 de Novembro de 2014.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima; **Patriarcado e Teoria Política Feminista [manuscrito]: Possibilidades Na Ciência Política**; Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.

SILVA, Eliane dos Santos Souza e; **Nas Fitas Da Memória Construimos Nossa História: Marujada de Curaçá Como Possibilidade De Educação Patrimonial No Ensino de História**; Dissertação (mestrado)-Universidade Regional Do Cariri (URCA), 2020.

SILVA, Joana Angélica Flores; **Não me Olhe Como me vê: O Não Lugar das Memórias, Narrativas e Trajetórias das Mulheres Negras nos Museus de Salvador**. IN: Revista Ufusofona. P. 189-208, 2017.

SILVA, Margarete Pereira da; **O Bispo de Juazeiro e a Ditadura Militar**. IN: Ditadura Militar na Bahia: Novos Olhares, Novos Objetos, Novos Horizontes/ Grimaldo Carneiro Zachariades (organizador); Alex de Souza Ivo... et al. Salvador: EDUFBA, 2009.

SILVA, Roberto Marinho Alves da; **Entre o Combate a Seca e a Convivência com o Semiárido: Transições Paradigmáticas e Sustentabilidade do Desenvolvimento**; Brasília, 2006, 298p.

SILVA, Eliane dos Santos Souza e; MELO, Francisco Egbeto de; **Ora Branco Há De Ver, Os Pretin Andar Na Rua, Há De Ver: Marujada de Curaçá**. X Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra. De 24 a 28 de Setembro de 2019. URCA-UFCA-IFCE.

SOARES NETO; Paulo Ribeiro; Identidades e Relações Étnico-Raciais nas Festas Populares da Micro-Região de Juazeiro Bahia; IN: **Educação Contextualizada: Fundamentos e Práticas**. Edmerson dos Santos Reis e Luzineide Dourado Carvalho (orgs), Juazeiro- Ba.

THOMPSON, Paul; **A Voz do Passado: História Oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, Alinne Suanne Araújo Da; **Herdeiras de Feliciano: Perfis de Mulheres de Curaçá**. Monografia (Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo e Multimeios), Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas- DCH III, 2012.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; **“É Um Romance Minha Vida” A Trajetória de Dona Farailda- Uma Casamenteira no Sertão Baiano: Gênero, Memória e construção de Si (1929-2014)**. Tese (Doutorado em História)- Universidade Federal Fluminense , Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 235 p. 2014.

VASCONCELOS, Tânia Mara Pereira; **Saeculum- Revista de História**, v.24, n.41, João Pessoa, p.318-334. Jul/Dez,2019.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; **Saeculum- Revista de História**, v.24, n.41, João Pessoa, p.204-216. Jul/Dez,2019.